

Pedagogia **Contemporânea**

Métodos e estratégias para educar e desenvolver habilidades

Organizadores

INALDA MARIA MARTINS OLÍMPIO

YGOR GEANN DOS SANTOS LEITE

CLEIDE FERREIRA ALVES

VOLUME

1



Editora Poisson



Inalda Maria Martins Olímpio
Ygor Geann dos Santos Leite
Cleide Ferreira Alves
(Organizadores)

Pedagogia contemporânea: Métodos e estratégias
para educar e desenvolver habilidades
Volume 1

1ª Edição

Belo Horizonte

Poisson

2022

Editor Chefe: Dr. Darly Fernando Andrade

Conselho Editorial

Dr. Antônio Artur de Souza – Universidade Federal de Minas Gerais
Ms. Davilson Eduardo Andrade
Dra. Elizângela de Jesus Oliveira – Universidade Federal do Amazonas
Msc. Fabiane dos Santos
Dr. José Eduardo Ferreira Lopes – Universidade Federal de Uberlândia
Dr. Otaviano Francisco Neves – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Dra. Suelânia Cristina Gonzaga de Figueiredo - Instituto Metropolitano de Ensino-IME
Dr. Luiz Cláudio de Lima – Universidade FUMEC
Dr. Nelson Ferreira Filho – Faculdades Kennedy
Ms. Valdiney Alves de Oliveira – Universidade Federal de Uberlândia

Corpo científico

M.Sc. Ygor Geann dos Santos Leite
Ma. Cleide Ferreira Alves
Esp. Inalda Maria Martins Olímpio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P371

Pedagogia contemporânea: Métodos e estratégias para educar e desenvolver habilidades – Volume 1/
Organização: Inalda Maria Martins Olímpio; Ygor Geann dos Santos Leite; Cleide Alves – Belo Horizonte– MG: Editora Poisson, 2022
Formato: PDF
ISBN: 978-65-5866-231-0
DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia

1.Ensino 2.Educação I. OLÍMPIO, Inalda Maria Martins II. LEITE, Ygor III. ALVES, Cleide IV.Título

CDD-370

Sônia Márcia Soares de Moura – CRB 6/1896

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.



O conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença de Atribuição Creative Commons 4.0.

Com ela é permitido compartilhar o livro, devendo ser dado o devido crédito, não podendo ser utilizado para fins comerciais e nem ser alterada.

www.poisson.com.br

Organizadores

Inalda Maria Martins Olímpio

Graduação em pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (1994); Psicopedagoga; Especialista em Gestão Escolar; Especialista em Educação de Jovens e Adultos - UFAM; Especialista em coordenação Pedagógica Docente do Ensino Superior com mais de 20 anos atuando no mercado, atualmente docente da Faculdade Fametro nos cursos de Graduação de Pedagogia e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: TCC leitura, escrita, ensino-aprendizagem, ética, Linguagem e novas tecnologias.

Ygor Geann dos Santos Leite

Coordenador pedagógico e Professor no Centro Universitário Fametro em Manaus-AM, Unidade Zona Norte. Doutorando em Biotecnologia e Mestre em Ciência e Engenharia de Materiais pela Universidade Federal do Amazonas. Pesquisador atuando no desenvolvimento de materiais zeólitos aplicados como catalisador na esterificação de ácido oleico para obtenção de oleato de metila (biodiesel) e adsorção de contaminantes em recursos hídricos. Tecnólogo em Gestão da Qualidade, com especialização em Engenharia da Qualidade e Seis Sigma.

Cleide Ferreira Alves

Possui graduação em Administração Especialização em Planejamento Empresarial e Mestrado em Gestão Empresarial pela Universidade Autônoma de Lisboa/ Portugal, título reconhecido no Brasil pela Universidade Federal do Ceará. Coordenou os cursos de ensino superior em Administração e Tecnólogo em Gestão de Recursos Humanos, assim como, os cursos de Pós Graduação Lato Sensu. Tem experiência no processo de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento de cursos superiores, assim como, credenciamento e credenciamento da IES. Atualmente está como Diretora da Faculdade Fametro, unidade localizada na zona norte de Manaus.


Prefácio

Atualmente as estratégias relacionadas a pedagogia, passaram por significativas alterações, principalmente a partir da metade do último século, onde os profissionais passaram a perceber a necessidade de implementar novas habilidades e conhecimentos aos alunos. Dessa maneira, pode-se afirmar que a pedagogia exerceu (e continuam exercendo!), forte influência na sociedade, estando diretamente relacionada com as transformações e desenvolvimento do país, sobretudo no que se refere a inclusão social.

Situação que pode ser amplamente percebida quando leva-se em consideração a obrigação de desenvolver metodologias ativas no processo de ensino, pois, do contrário, o aprendizado torna-se monótono, sem aceitação por parte dos discentes. Tendo por consequência direta formação de baixa eficiência e com alunos sem as habilidades básicas para exercer funções estratégicas no mercado de trabalho. Por outro lado, existe ainda um impacto no ensino superior, com níveis preocupantes de reprovação e evasão.

Dessa maneira, a presente obra apresenta sua relevância nas metodologias e estratégias voltadas para a Pedagogia, pois, apresenta visões específicas sobre os métodos que comprovadamente têm resultados positivos em suas aplicações no processo de ensino e aprendizagem. As pesquisas exercitam temas como: pedagogia tecnológica focando principalmente no uso da robótica; ferramentas pedagógicas vinculadas a jogos e músicas, sendo um suporte no ensino fundamental e crianças com TEA, focando ainda em sua transição do ensino fundamental para o médio; implementações no processo de leitura e escrita, bem como no ensino da matemática; além de uma pesquisa com grande potencial na inclusão e ressocialização de ex-detentos.

Aproveito o espaço para o grande orgulho da turma de 8º período de Pedagogia, sendo esta a primeira do curso formada na Fametro Unidade Zona Norte, que mesmo por terem enfrentado significativas complicações ao longo do seu processo de graduação, não desistiram de seus sonhos e objetivos, deixando para a Instituição um grande legado, e referências para as demais turmas que logo estarão seguindo os mesmos passos. Particularmente, é impossível esconder o sentimento de admiração a cada acadêmico que fez o seu melhor nesse último semestre tão importante a nossa trajetória.



Agradecimentos também direcionados a professora Inalda Olímpio, que com a maestria, simpatia e profissionalismo, conseguiu um dos grandes objetivos do semestre, com foco na orientação da turma, levando todos a aderir ao projeto, e como resultados, apresenta-se nesse livro, artigos sensacionais, que com certeza, servirão de estímulo para que outros cursos alcancem os mesmos resultados.

Agradecimento ainda a Instituição Fametro, em especial Direção acadêmica da Unidade Zona Norte, na pessoa da professora Cleide Alves, por todo suporte e confiança depositados ao longo do semestre.

Os organizadores desejam que todos tenham uma excelente leitura!

Professor M.Sc. Ygor Leite

SUMÁRIO

Capítulo 1: A música como ferramenta facilitadora da aprendizagem no 1º ano do Ensino Fundamental - I 08

Gabriella Rodrigues Costa, Leonardo Pinto da Silva, Sara Gomes Menezes, Inalda Maria Martins Olimpo, Ygor Geann dos Santos Leite

DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0.CAP.01

Capítulo 2: Metodologias ativas: a robótica pedagógica no processo de aprendizagem no ensino fundamental 24

Adriana Sampaio Monteverde Maduro, Brigitt Santos do Nascimento, Patrícia Lima de Castro, Silvia Batista Barbosa Pereira, Inalda Maria Martins Olímpio, Ygor Geann dos Santos Leite

DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0.CAP.02

Capítulo 3: A gamificação na educação: como ferramenta para auxiliar crianças com TEA no processo de ensino aprendizagem 40

Cinthia Neves de Souza, Karolliny da Silva Nogueira, Yasmin Martins Silva, Inalda Maria Martins Olímpio, Ygor Geann dos Santos Leite

DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0.CAP.03

Capítulo 4: As dificuldades do processo de aprendizagem de leitura e escrita na educação infantil 56

Marília Balbi Araújo, Simone de Souza Medeiros, Silvane Souza Magalhães, Inalda maria Martins Olímpio, Ygor Geann dos Santos Leite

DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0.CAP.04

Capítulo 5: Dificuldades de aprendizagem dos alunos do 4º ano do ensino fundamental na disciplina de matemática: Uma revisão de literatura 74

Elizandra França Bento, Lady Ana Da Silva Mesquita, Miriam Carneiro Farias, Inalda Maria Martins Olímpio, Ygor Geann dos Santos Leite

DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0.CAP.05

Capítulo 6: A transição da criança com TEA - transtorno do espectro autista da educação infantil para o ensino fundamental: A importância da afetividade trabalhada pelo professor para o sucesso desse processo 85

Iara Cristine Rocha Aguiar, Lidia da Silva Oliveira Sumariva, Inalda Maria Martins Olímpio, Ygor Geann dos Santos Leite

DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0.CAP.06

Capítulo 7: A EJA no sistema penitenciário: inclusão e ressocialização 104

Madson Fabian dos Santos Paz, Patrícia Silva e Silva, Inalda Maria Martins Olímpio, Ygor Geann dos Santos Leite

DOI: 10.36229/978-65-5866-231-0.CAP.07

Capítulo 1

A música como ferramenta facilitadora da aprendizagem no 1º ano do Ensino Fundamental - I

Gabriella Rodrigues Costa

Leonardo Pinto da Silva

Sara Gomes Menezes

Inalda Maria Martins Olimpo

Ygor Geann dos Santos Leite

Resumo: O presente artigo traz a temática da música como ferramenta facilitadora de aprendizagem para alunos do primeiro ano do ensino fundamental I, uma vez que se deve ter em mente que a criação de um ambiente musical desde o período da educação infantil até os anos finais torna o âmbito mais propício para a aprendizagem de todos os envolvidos. Este artigo encontra-se separado em duas partes, a primeira é voltada a pesquisas históricas de pontos-chaves que foram o norte da pesquisa, tanto da música quanto da educação do ensino fundamental I. A segunda parte, aborda a entrevista com um professor de educação que atua com alunos, utilizando a música quando possível e seus pontos de vista acerca da temática. Sendo assim, o trabalho apresenta uma metodologia de pesquisa de cunho teórico com base em levantamento bibliográfico. Assim sendo, quando os alunos seguem para o ensino fundamental há essa ruptura, esse 'baque', que choca alguns a estarem avançando nos estudos e não possuírem uma vivência com as músicas e melodias no cotidiano como nos anos anteriores. Em conformidade com as pesquisas, os professores devem fazer da música um aliado que permitirá os alunos aprenderem de uma forma mais fácil, visando uma melhor qualidade de ensino. Logo, este trabalho tem o objetivo de verificar, através de pesquisas bibliográficas o reconhecimento que a música oferece para o desenvolvimento humano, com um foco em crianças do primeiro ano do ensino fundamental, na faixa etária de 6 a 7 anos.

Palavras-chave: Música; Aprendizagem; Facilitadora.

Abstract: This article brings the theme of music as a learning tool for students of the first year of elementary school I, since it must be kept in mind that the creation of a musical environment from the period of early childhood education to the final years makes the environment most conducive to learning for all involved. This article is separated into two parts, the first is focused on historical research of key points that were the north of the research, both in music and in elementary school education I. The second part addresses the interview with an education teacher who works with students, using music when possible and their views on the subject. Therefore, the work presents a research methodology of a theoretical nature based on a bibliographic survey. Therefore, when students go to elementary school, there is this rupture, this 'thud', which shocks some to be advancing in their studies and not having an experience with the songs and melodies in everyday life as in previous years. According to research, teachers should make music an ally that will allow students to learn in an easier way, aiming at a better quality of teaching. Therefore, this work aims to verify, through bibliographic research, the recognition that music offers for human development, with a focus on children in the first year of elementary school, aged 6 to 7 years.

Keywords: Song; Learning; Facilitator.

1. INTRODUÇÃO

A escolarização é uma realidade compreendida como fundamental para a formação de uma sociedade, em destaque aquelas que ainda não possuem uma situação confortável em termos de economia, países como o Brasil são emergentes e precisam de um esforço de boa parte da população para tentar alterar a realidade.

Diante disto, a educação básica, entende-se da educação infantil ao ensino médio, possui caráter obrigatório de acordo com as leis regentes no País, o que gera oportunidade de as crianças irem às escolas de ensino regular, enquanto que ao chegar nos anos finais a evasão escolar se torna evidente por variados motivos. Consequentemente a sociedade passa por dificuldades de educação, perpassando pela questão de empregos sem qualificação, afetando também a realidade econômica do país.

Nesse contexto, a música que se faz presente com temática deste artigo, tem a intenção de propor melhorias para educação de forma como aliada dentro da educação.

Entende-se que a música é essencial e presente de forma mais ativa durante a educação infantil, o que causa o questionamento do porquê não acontece a continuação da música durante todo o processo da educação básica, já que é uma ferramenta que auxilia na aprendizagem de todos.

Entre variadas ferramentas lúdicas e metodologias que têm sido aplicadas dentro da sala de aula, a música tem um papel histórico diretamente no desenvolvimento do ser humano, seja em qual aspecto for, ela possui a função de estreitar a relação professor-aluno, professores, conhecimento e o aluno, visando sempre facilitar a aprendizagem do ser.

O momento chave da educação que está presente neste artigo é a transição do ensino da educação infantil para o ensino fundamental I, que é onde há uma diferenciação de ensino e rotina dos alunos.

Logo, o artigo tem o objetivo de analisar as vivências da musicalização na passagem do ensino da educação infantil para o ensino fundamental I, os benefícios que ela oferece no ensino e aprendizagem durante este momento de ruptura de realidade e qual o papel do professor neste processo.

2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO ACERCA DA MÚSICA NA VIDA HUMANA

Vale ressaltar que a música faz parte da vida humana desde antes da criação da linguagem. É uma expressão que se originou em várias sociedades no passado e ainda é usada hoje.

Nesse sentido, o autor (CANDÉ, 2001, p. 15) diz que a música interage com diferentes comunidades de diferentes maneiras, seja ritual, alegria, tristeza, etc. O próprio conceito evoluiu ao longo do tempo. Ela decorre de um propósito relacionado ao corpo, a forma como os humanos lutam contra outras raças pela sobrevivência e adaptação.

Na mesma direção, Souza (2019) diz que nessa forma humana, a relação entre o homem e a música é o único meio de comunicação, pois no período histórico era necessário observar e prestar atenção a cada som criado pela natureza, para avisar sobre um perigo potencial ou para iniciar uma caçada.

De posse dessa observação, o homem percebeu que podia imitar alguns sons e logo iniciou uma troca de composição musical que continua no dia a dia. A presença do cristianismo é forte por causa das crenças religiosas da igreja e do poder passado.

Naquela época, a música era usada para incutir a missão de Santo Agostinho de evangelizar partes da população africana que tinham má comunicação devido aos dialetos e ao alto ruído entre emissor e receptor.

A única forma que este santo conseguiu transmitir alguma informação e conhecimento foi através da música, cantando com melodias e palavras aos povos da África, onde aos poucos foram deixando de lado sua cultura e evangelizando conforme os planos originais da Igreja para esta região.

No Brasil, o início da música como forma de educação foi utilizado de forma semelhante, pois na mesma época o padre Anchieta transmitia aos nativos informações sobre as regras dos colonizadores portugueses.

Alguns anos depois, nos séculos XVIII e XIX, o país recebeu outras culturas do mundo todo, principalmente da Europa, e assim a mistura de culturas, ritmos e valores da população brasileira. Nesse momento da história, a educação ainda não está focada nas crianças ou na música, então as pessoas podem aprender a tocar instrumentos e a criar sua própria música através de suas experiências.

A educação infantil está começando a se tornar um problema institucional porque antes as crianças eram marginalizadas, a sociedade as via como adultos em miniatura que diferem apenas em força e tamanho, e apenas suas mães cuidariam de sua educação.

Hoje, a educação pré-escolar é considerada essencial para a sociedade, mas há alguns anos - e em alguns casos a realidade ainda existe nos dias de hoje - as famílias deixavam crianças de 4 meses em creches onde as escolas são legalmente obrigadas a acolher jardins de infância, cuja a idade deveria ser maior de 4 anos.

Diante dessa situação, o papel das escolas no desenvolvimento global das crianças deve ser reconhecido e as mesmas devem buscar formas de educá-las de forma significativa.

Somente em 1996, com a introdução da Lei de Diretrizes e Base 9.394/96, a educação artística foi declarada parte do programa de educação primária na primeira infância, a fim de aumentar a liberdade de uso da música em sala de aula.

No entanto, isso mudou ao longo dos anos, à medida que alguns artigos e seções são atualizados. A Lei nº de 16 de fevereiro de 2017 13.415 afirma na segunda parte do artigo 26: “Artigo 2º A educação artística, especialmente sua expressão regional, deve ser parte integrante do programa de educação básica obrigatória em todos os níveis em relação à promoção do desenvolvimento cultural.” (Brasil, 2017)

Isso significa que só então a educação musical se tornou parte importante da formação em estudos sociais, o que preocupava músicos e educadores da época. A música está na vida de todos, seja cantando, ouvindo ou usando as habilidades motoras e seguindo o ritmo para entendê-la.

As crianças ouvem música de forma intuitiva e espontânea. Os pais podem cantar músicas antes de dormir, desenhar com músicas, tocar música e se desenvolver melhor na interação social. Usando o vocabulário das músicas, as crianças podem escrevê-las e lembrá-las para que possam expressá-las na linguagem verbal em um momento posterior.

Em 1998, o Ministério da Educação criou o Livro de Referência Nacional da Educação Infantil (RCNEI) para introduzir a música como prática educativa:

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos,

manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia (BRASIL, 1998, p. 45).

De acordo com outros documentos que definem a educação no Brasil, como PCN e BNCC, a criança também deve estar em um ambiente estimulante, que possa se desenvolver em seu pleno nível de ser e contribuir para o aprendizado diário, durante o qual a criança não pode criar conhecimento sozinha. Portanto, a tarefa do professor é encontrar formas de tornar a educação atrativa.

2.1 A MÚSICA NA SALA DE AULA: RUPTURA DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I

Quando há essa passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I, os alunos sentem o impacto, e os mesmos promovem essa diferenciação. Como estão crescidos, percebem que as músicas que escutavam antigamente eram mais voltadas para crianças menores, utilizando linguajar: “música para bebês”. Há mais influências com as novas tecnologias, que estão na palma das mãos das crianças.

O interessante é tentar buscar formas de envolver os alunos em sala de aula, com situações que eles se sintam à vontade no ambiente que estão dispostos a conhecer, com músicas novas, um ensino diferenciado, etc.

Durante este processo de mudança de etapas de educação básica, o mais favorável aos discentes seria tentar prepará-los de forma gradual com o intuito de apresentar como será esta nova rotina. Por exemplo, mostrá-los quem seria o novo professor ou professora do ano seguinte, onde será a sala de aula, que terão novas matérias.

No período de 2019 até 2021 como o planeta Terra sofreu um momento atípico por conta do Covid-19, que por sua vez, prejudicou a educação em diversos aspectos como não ter uma preparação adequada para esta ruptura.

As tecnologias estiveram presente nesse momento por ser uma ferramenta que pôde ligar o conhecimento, o mediador, e o conhecedor. Entretanto, também houveram desafios a serem enfrentados pelos professores, como a modificação de avaliação dos alunos, a relação entre professor e aluno que foi afetada por variados fatores, alunos que não possuem equipamento necessário para assistir as aulas, os pais que não possuem

aprendizado e formação para auxiliar os filhos nas atividades que são passadas, entre outras.

Neste sentido, se fez importante a busca por metodologias que pudessem promover um conhecimento de forma remota, uma vez que houveram consequências ao ensino de forma grave, alguns alunos não conseguiam acompanhar as aulas por motivos que já foram citados o que acabou gerando um retrocesso no desenvolvimento cognitivo dos mesmos.

Então, com desafios apresentados, dificuldade de interação entre família e escola, regresso do aprendizado dos alunos, houveram muitos empecilhos que foram limitantes para o desenvolvimento pleno da criança. Por exemplo, houveram casos que os alunos não tiveram educação infantil e já foram inseridos no 1º do Ensino Fundamental I.

[...] a música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente às referências musicais da sociedade pela possibilidade de uma escuta simultânea de toda produção mundial por meio de discos, fitas, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade, etc. Qualquer proposta de ensino que considere essa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer a música para a sala de aula, acolhendo, contextualizando – a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para seu desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação e produção. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros. Composição, improvisação e interpretações são os produtos da música. (Parâmetros Curriculares Nacionais; 2000, p.75).

Nos Parâmetro Curriculares Nacionais da Arte (2000), é possível ter essa ideia de diversidade, utilizando a produção dos alunos colocando-os em situação de improvisações, imaginação e desenvolvimento. Com o uso da música como ferramenta, abriram várias portas para os conhecimentos distintos.

É importante também o resultado que isso trará em sala de aula, como o trabalho em equipe, organização dos trabalhos, um ambiente mais leve e favorável para o conhecimento. Conseguir trazer os estudantes para mais próximo do educador, e tentar tirar ideias de que o professor e a sala de aula seja um ambiente apenas para aprender de forma forçada e obrigatória com o objetivo apenas de se obter de notas.

2.2. O PAPEL DO PROFESSOR NO COTIDIANO ESCOLAR: UMA HISTÓRIA REAL

O professor no primeiro momento é um observador, ele irá analisar seus alunos, e detectar as facilidades que os discentes encontram em determinadas áreas de conhecimento, possibilitando uma melhor forma de aproximação entre o conhecimento e o conhecedor.

Vale ressaltar que, o educador deve permitir que a criança esteja como um ser integral, de corpo, mente e espírito. No qual ele seja apenas o mediador no processo de aprendizagem, e o aluno o centro.

Saber como estimular os alunos é essencial na vida profissional de educação, proporcionando situações diversas com o intuito de ampliar seus aprendizados e aflorar suas habilidades. Para estar envolvido em qualquer música, precisa estar atento e saber ouvir. O professor é responsável em criar esse ambiente favorável onde a criança sentirá segurança e capacidade para se envolver durante a aula.

Outro fator importante de se lembrar é que, a música é somente uma das ferramentas que o professor pode usar para tornar a aprendizagem divertida e significativa.

2.3. OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA NA APRENDIZAGEM INFANTIL

A música desperta algo no corpo e carrega um conjunto de habilidades e emoções que resultam nos gestos e movimentos, cada um com seu jeito de ser, trazendo um estado de bem-estar, facilitando a forma de pensar e expressar.

O corpo humano é o primeiro e principal instrumento musical. Outros membros do corpo humano (mãos/ pés) são recursos expressivos de grande valor, tanto na realização de ritmos musicais, como de gestos sonoros que acompanham dança, linguagem e canções. (CUNHA; CARVALHO; MASCHAT, 2015, p.45)

Estes autores defendem a ideia de que o corpo humano é essencial para o conhecer, tanto da música quanto de seu próprio corpo, pois ao analisar o quão positivo pode ser ao utilizar uma metodologia que vai trabalhar sem recursos externos e somente com seu corpo, como por exemplo, sua voz, imitando sons de objetos ou animais, ou realizando sons de batidas de palmas e pés, é gratificante ter uma atividade simples, mas significativa para os alunos.

A música começa na vida de uma criança quando é apresentada em um ambiente específico em uma variedade de situações. Devido à sua simplicidade, novas descobertas

e reações podem ser criadas usando tudo ao nosso redor, como brinquedos, palavras e sons das coisas. Por exemplo, no início do ano letivo, esse aspecto é preciso aflorar para formação do ser humano, com uso de brincadeiras, cantigas, jogos com movimentos que possibilitem a percepção rítmica.

O professor deve proporcionar aos alunos uma variedade de experiências e situações musicais de e verbalização. Para isso, os atores desse processo devem se aprimorar constantemente. A música é uma linguagem, com certeza haverá diversidade musical na sala de aula. Portanto, os professores devem estar atentos a isso, pois precisam dar aos alunos a oportunidade de experimentar outros tipos de música de maneira envolvente e interessante.

Alguns alunos sentem uma pressão dentro de sala, com diversos assuntos e livros para serem estudados, provas, trabalhos e etc. A música carrega vários benefícios, e um deles é proporcionar tranquilidade, algumas pessoas até estudam enquanto ouvem músicas, ou quando estão tristes, é uma forma de escape.

Pode-se imaginar essa cena, na Educação Infantil por exemplo, uma sala super agitada, com crianças chorando, a professora querendo continuar sua rotina e não está conseguindo, causando estresse e etc.

Se em algum momento ela simplesmente sentar no chão em rodinha, colocar uma música tranquila e cantar com eles, ela conseguirá trazer naquele instante um momento de tranquilidade e conforto, com toda sutileza e carisma é claro, fará as crianças envolverem-se naquela situação.

Ela caracteriza-se como um elemento que tem o domínio de mudar essa realidade, quando aguçado o aprendizado trás contribuições para um melhor desenvolvimento do cérebro. O trabalho que for feito utilizando a música, deve considerar que ela é uma forma de expressão, é através dela que serão exercitados a estrutura da educação de forma prazerosa e lúdica.

A música é um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, pois o aluno aprende a ouvir de maneira ativa e refletida, já que quando for o exercício de sensibilidade para os sons, maior será a capacidade para o aluno desenvolver sua atenção e memória. (PENNA,1990, p. 107)

Sobre o exemplo da Educação Infantil acima, é justamente quando é realizado esse trabalho da musicalização com as crianças, quando se usa esse instrumento

facilitador dentro de sala. Os alunos já estarão acostumados que naquele momento devem ouvir, devem se acalmar com o auxílio da professora.

E nesse momento, ajuda acalmar até os educadores, tornando-se um ambiente mais agradável e favorável para aprendizagem. Em seguida, poderão realizar os combinados, de forma que todos possam ouvir e compreender. Com o auxílio dela, as crianças irão tender a se concentrar para os sons, prendendo assim a atenção das mesmas, ou em outros momentos de jogos dentro de sala de aula, causará uma competição sadia entre os estudantes.

3. ENTREVISTA COM UM PROFESSOR DE MÚSICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Realizamos uma coleta de dados através de uma entrevista, buscando o ponto de vista de um professor de música que atua na área há três anos, com intuito de transparecer a realidade sobre a musicalização e como ela vem sendo trabalhada por ele. Antes de ser realizada, selecionamos algumas perguntas referentes ao tema estudado, no total resultou em cinco questões. Para registrá-la foi usado um aparelho de celular e foi gravada com a autorização do professor e da escola onde trabalha.

Sabe-se que o papel do professor é de suma importância para o aprendizado dos alunos, e como mediador ele deve estar sempre atualizado sobre as questões que o rodeia. Durante a entrevista foi mencionado também sobre esse papel, e foi perguntado qual a opinião de usar a música como aliada da aprendizagem.

[...] a música para ser aliada da educação é fundamental porque a gente trabalha com o lúdico, trabalha com uma coisa que a criança ela já tenha no seu ambiente, toda criança hoje em dia tem um YouTube, é rodeado de coisas que são musicais, então trazer esse mundo para dentro da sala de aula, é muito mais fácil, por isso que a música é uma aliada para mim que sou professor de música, mas eu acho que ela tem que ser aliada de todos os professores [...] (Spinellis, 2022).

O professor utiliza dos recursos que as crianças estão acostumadas diariamente, isso faz com que a atenção fique voltada para ele de maneira espontânea sem que eles mesmos percebam isso.

A musicalização infantil dentro da sala de aula é uma ferramenta essencial, é com ela que o professor deverá falar, brincar, dar sua aula sobre determinado assunto sem sair daquele espaço, sem parquinho e sem materiais físicos, apenas usando e

exercitando a imaginação de seus alunos. Ele menciona que como professor de música deve usá-la, mas que não deveria restringir-se apenas a sua aula. Deveria ser trabalhada também com os demais educadores, e com certeza iria ser reforçada essa educação musical.

Uma parte que chama atenção é quando o professor fala sobre que ao trabalhar com a música, estará também trabalhando com o lúdico, ou seja, ensinar brincando, e isso na Educação Infantil e nos anos iniciais precisa ser fortalecido, e principalmente quando há a passagem para o ano seguinte.

Ainda sobre a ruptura, uma pergunta feita na entrevista se ele vê crianças sentindo os efeitos, ele concorda que deve haver um momento de foco nessa transição para facilitar as mudanças na rotina do próximo ano. Como todos sabemos, a educação infantil dá mais atenção ao desenvolvimento das crianças, sem avaliação e notas para determinar seu desempenho.

No ensino fundamental, as atividades são mais desafiadoras e a demanda aumenta. Depois, há a questão de sua interação e o forte desejo de ser aceito por um determinado grupo. Podemos imaginar e saber o quão difícil é esse deslocamento, principalmente para as crianças. O professor continua dizendo que é um processo em constante mudança, e não importa o quanto os alunos estejam assustados, os mesmos descobrirão coisas novas ao longo do ano.

E mais uma vez o professor entra para auxiliar nesse processo de mudança, torná-lo um pouco mais agradável para seus alunos. Podemos também comentar em como essa passagem é difícil para o educador, a escola é essencial pois precisa promover formações e acompanhá-los para obter bons resultados pois a ansiedade virá, mas com o amor e a orientação correta esse momento irá torna-se único na vida das crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi de suma importância trazendo resultados com evidências e não apenas 'achismo' sobre o quão importante a música é na vida de estudantes, desde o ensino da educação infantil e sua passagem para o primeiro ano do ensino fundamental I, onde se tem uma cobrança a mais por ser uma outra fase da educação das crianças.

Tal realidade observada que ao passar para o Ensino Fundamental I, os alunos sentem os impactos de mudança de rotina, as vezes de forma brusca, remetendo assim uma melhoria e sugestão de entrar em processo de mudança alguns meses antes com

alunos da educação infantil, informando-os sobre as mudanças que virão em suas vidas, que terão mais disciplinas no cotidiano, que terão também outros professores que estarão com eles durante o dia a dia.

Fora observado que ao trabalhar a linguagem musical desde a educação infantil traz variados benefícios durante o aprendizado, como concentração, o respeito ao tempo dos outros e até a temporalidade individual do ser, controle de ritmo, de respiração.

Dessa forma, buscamos dentro das pesquisas, experiências, situações que acontecem nos períodos atuais e questões norteadoras para o melhor entendimento do leitor, dentre elas podemos mencionar a entrevista realizada com o professor de música, que respondeu de bom agrado todas as perguntas propostas e auxiliou com seus posicionamentos.

A entrevista foi de extrema importância para obter informações reais de um atuante da área que está diariamente convivendo com situações diversas relacionadas ao tema. Receber essas experiências foi produtivo para acrescentar ideias e opiniões do trabalho realizado.

Logo, quando trabalhado a música e suas noções com as crianças, deve-se buscar metodologias ativas visando uma aprendizagem significativa, utilizando e desenvolvendo as crianças de forma integral, desenvolvendo pontos como criatividade, interação, memorização, da maneira de expressar-se, socialização e outros com o professor mediando as informações e transformando em conhecimento de acordo com as curiosidades e demandas das crianças de faixa de 6 e 7 anos de idade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA. LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017, [S. l.], 17 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art2. Acesso em: 10 ago. 2022.

_____. **Parâmetros nacionais de qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2006. v. 1.

_____. **Referencial curricular nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1988, v. 3.

_____. **Parâmetro Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental- Arte**. MEC – SEB. Brasília: 2000

CANDÉ, Roland de. **A música no mundo**. In: CANDÉ, Roland de. História Universal da Música. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 15-20.

CUNHA, João; CARVALHO, Sara; MASCHAT, Verena. **Abordagem Orff- Schulweek: história, filosofia e princípios Pedagógicos**. Aveiro: UA EDITORA, 2015.

DE SOUSA, Maria Anunciada Tito. **MÚSICA: FERRAMENTA INDISPENSÁVEL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990. P. 107.

SPINELLIS, Julian. Depoimento [set. 2022]. Entrevistadora. Sara Gomes Menezes. Manaus: Centro Universitário Fametro, 2022. Questionário impresso (5 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre a música como ferramenta facilitadora de aprendizagem no 1º ano do ensino fundamental I.

APÊNDICE

A entrevista feita com o professor Julian Spinellis

Estaremos agora entrevistando o professor do Colégio La Salle, que dará início falando um pouco sobre ele e sua formação e em seguida farei algumas perguntas.

Professor: Certo, meu nome é Julian Spinellis, eu sou professor de música e Arte no La Salle, eu sou formado em Licenciatura em Música pela UFAM e atuo na área há três anos.

Sara: Ok, iniciarei agora as perguntas: “O que é a música para você?” Fale um pouco para nós sobre o que o senhor entende;

Professor: Então, a música é uma linguagem da Arte, que além de ser Arte ela também é cultura, ela fala também sobre a História de um povo, a História de um país, tudo isso está ligado a música, além disso ela vem para ser interdisciplinar né, para mim ela é tanto, ela pode ser só a música como estudo de um instrumento, mas ela também pode ser interdisciplinar em relação à outras coisas “né “, então é como eu faço meu trabalho. Hoje eu vejo a música como um apoio na educação, mas também como uma forma de prazer, ao ato de você tocar, ou escutar música.

Sara: Ok, próxima pergunta: “Qual o papel do professor nessa visão de utilizar a música como aliada da aprendizagem?”

Professor: Certo, então, como eu já falei na primeira pergunta a música para mim ela é interdisciplinar, eu uso a música, a palavra musicalização ela já vem desse termo, de ser, de usar a música para educação, então assim a música pode ser contribuída à matemática com ritmo, a música ela pode contribuir na aprendizagem social, ao fazer uma rodinha, ao cantar uma música em grupo, tudo isso tá ligado a aprendizagem.

Na Educação Infantil isso é muito mais forte, criar esses laços através da Arte não só com a música, música porque é a minha área de atuação, mas qualquer tipo de Arte na Educação Infantil ela liga a muita coisa, tá? Entendeu? Então, pegar a música para ser aliada da educação é fundamental porque a gente trabalha com o lúdico, trabalha com uma coisa que a criança ela já tenha no seu ambiente, toda criança hoje em dia tem um YouTube, é rodeado de coisas que são musicais, então trazer esse mundo para dentro da sala de aula, é muito mais fácil, por isso que a música é uma aliada para mim que sou professor de música, mas eu acho que ela tem que ser aliada de todos os professores, entendeu?

Tem que ser aliada de todos os professores, tem que ser um pouco musical, vocês já são, todas essas pessoas da Pedagogia elas já são aliadas à música, só que eu acho que tinha que ter uma formação um “ pouquinho “ mais intensa, mas eu acho que assim, a música ela é um aliado tanto quanto as outras linguagens da Arte, mas ela também serve como si só, por si, tipo assim, atividades musicais específicas ela trabalha não só, por exemplo o ritmo, que eu falei, trabalha a matemática, trabalha as figuras musicais, não trabalha número, mas trabalha figura musical, juntar uma figura que vale dois, com uma figura que vale um, quanto que vale isso aqui? Entendeu? É a interdisciplinar nessa parte.

Sara: Ok, a próxima pergunta é: “É possível mesclar a música com as outras áreas de conhecimento que os educandos estão aprendendo? Como? Você faz isso?”

Professor: Perfeito, é o que eu acabei de falar, a gente já falou um “pouquinho”, então, deixa eu te dar um exemplo mais claro disso aqui, na Educação Infantil a gente trabalha com três ciclos, pelo menos aqui no La Salle, é a creche, o Pré I e o Pré II, esses três ciclos a gente trabalha a música de forma diferente, por exemplo, a creche, a creche não tem como eu trabalhar com as coisas muito claras lá, tem que ser tudo lúdico, então, por exemplo, eu vou trabalhar a matemática, eles aprendem os números, que são um atrás do outro, um, dois, três, quatro, cinco, mas o ritmo na música, ele é, ele se repete, por exemplo, um compasso de quatro por quatro, ele só vai até o quatro, então eu vou: um, dois, três, quatro, e quando eu tô no quatro eles já falam o cinco, mas não, eu volto pro um, então, essa repetição na creche, faz essa.. a mente dele pensar, falar assim, então, um, dois, três, quatro, e depois do quatro, eu sei que tem o outro, mas aqui na hora da música eu preciso saber até aí, porque isso a gente chama de pulsação, é entender que tem o ritmo certo, o ritmo para mim, é a chave da creche, trabalhar ritmo, porque os alunos são ansiosos, eles não têm autocontrole, então assim trabalhar a hora de entrar na música entendeu? A hora de chegar na sala, faz uma rodinha, apresenta para eles o que vai acontecer, faz uma “chamadinha” com o nome deles, entendeu? Brinca com rima, eles começam a rir, mas é engraçado, eles começam a entrar na brincadeira, entendeu? Eles veem que a palavra com o nome deles parece, aí eles.. começa a chamar atenção deles, então a música na creche, ela tem que ser assim d início ao fim com um roteiro “certinho” não pode sair daquilo, se não eles vão se dispersar, e eles não podem perceber que tu tá assim.. meio perdido, entendeu? Tem que ser toda hora tu chamando a atenção deles e às vezes tu tem que ser um pouco mais musical, falar cantando, falar o nome deles cantando, tudo isso envolve música. Já no Pré I, o Pré I já dá pra trabalhar um pouco mais a Matemática, usar as figuras musicais, um pouco de história da música, falar que.. dessa parte cultural, mas o Pré I, principalmente agora nos anos de Pandemia, ele tá muito creche, então trabalhar a pulsação, o ritmo, é importante em todos os ciclos, então este ano, especificamente este ano, a gente tá tratando o Pré I como creche, então eu tô trabalhando assim a pulsação, o momento certo de entrar, o momento certo de falar, tudo isso musicalmente, então eu boto uma música por exemplo, e falo assim: Vamos lá, Ayla, só você vai entrar nessa parte, e os outros ansiosos com instrumento na mão, entendeu? Isso tudo é um treinamento mental através da música. Então a musicalização ela vem mais para esse lado da Educação Infantil, não é pra alfabetizar, não é pra aprender a contar rápido, é pra auxiliar entendeu? É claro que você que tá dentro de uma sala que assume uma turma e usar música para auxiliar é muito bom, você vai somar, mas a música ela não é.. não é o papel dela fazer só isso, tem essa parte social, tem que ter essa parte social, se não tiver essa parte social não faz sentido, entendeu? Já o Pré II, no Pré II eu já começo a internalizar conceitos musicais, por exemplo, a história da música como nós tivemos a aula sobre Beethoven, coisas sobre a melodia, harmonia e o ritmo, mas não com essas palavras, porque senão eles não vão entender, entendeu? Trabalhar a Matemática com as figuras musicais e o ritmo, tudo e a parte social, que é importante, trabalhar a música para fazer prática de grupo, fazer uma “bandinha” rítmica, tudo isso faz parte do dia a dia da Educação Infantil, principalmente nas aulas de musicalização. Certo?

Sara: Certo, próxima pergunta: “Qual a Importância da música na Educação?”

Professor: Eu acho que a música ela é extremamente importante na educação, principalmente na Educação Infantil, claro que a música se ela for continuada, se tiver música até o terceiro ano do Ensino Médio, só vai somar, porque a música ela é.. ela trabalha as emoções, ela trabalha a pulsação que até hoje nós como adultos, estressados, ansiosos, nós perdemos o controle da respiração, por exemplo, eu tô no meio da aula as vezes e eu não consigo.. tenho que parar para poder voltar ao controle da minha respiração porque um minuto ansioso que eu tive, eu pedir o controle, então assim, a música ela, se ela for continuada é ótimo, mas na Educação Infantil ela é extremamente importante para criar esses conceitos, conceitos básicos, de ritmo, de eu saber a hora de entrar, entendeu? De eu criar uma rodinha, de eu fazer uma rodinha e falar: olha, aqui nessa rodinha vai ter música, que legal a música. De eu sentir prazer, ao cantar entendeu? De eu sentir prazer em tocar um instrumento no ritmo certo, de eu perceber que estou tocando igual aos meus amigos, igual aos meus colegas, de eu criar essa harmonia, então a música ela é importante porque ela gera tanto essa socialização mas também é individual porque cada um deles vai evoluir de uma forma, tu vai perceber isso quando tiver atuando, essas coisas assim que a música tem, só ela tem, não tem como tu fazer uma rodinha falando ou fazendo alguma contação de história, não é a mesma coisa que a música. A música é importante porque ela cria essa dimensão social que é necessária, não pode fazer uma rodinha sem antes falar pra eles o que que a gente vai fazer, se tu fazer uma rodinha simplesmente por fazer não vai dar certo, entendeu? Vai faltar alguma coisa, então é assim que eu vejo a importância da música, e a música como eu falei, é um estudo continuado, se tu aprende hoje o ritmo aqui no ano que vem tu vai tá apto para participar de um grupo, se tu participa de um grupo, tu vai tá apto para tocar um instrumento entendeu? Se tu toca um instrumento tu tem noção de individualidade, tu vai ter prática de grupo, tu vai saber que faz parte de um grupo mas você tem a sua hora de entrar, tem a hora de você tocar, tem a sua função e é isso que é importante entendeu? Cada um de nós temos uma função dentro da sociedade, e quando a gente aprende isso dentro da música, fica um pouco mais fácil de visualizar, e aí quando você toca um instrumento e participa de um grupo é muito mais fácil tu criar essa socialização tu entender que quando todo mundo faz a sua parte fica bonito que é assim que funciona a música, se todo mundo fizer a sua parte, se todo mundo ensaiar se todo mundo tocar direitinho, se todo mundo fizer a sua parte a apresentação vai ficar linda, entendeu? E é isso que é a importância da música e aí tem o outro lado, que é a história, se você estuda a música, você conhece música, você valoriza as músicas, a sua cultura, você começa a entender, não é que hoje a gente escuta música ruim ou não, você tem a opção de falar: ah essa música é bem estruturada, essa não entendeu? Então é cultural, eu acho que tem esses dois lados, tanto individual que você vai crescendo daqui da Educação Infantil até o estudo continuado e tem essa parte cultural que é totalmente importante da nossa sociedade que é tão pobre culturalmente, e isso pra mim são os dois lados importante da música.

Sara: Ok, falando sobre a Educação Infantil, Qual sua opinião sobre a criança que sai do Ensino Infantil para o Ensino Fundamental I, ela sente os impactos da diferenciação de ensino?

Professor: Ah, com certeza ela sente, e isso é um dilema para todas as escolas eu acho, a educação como um todo, essa transição pelo menos aqui no La Salle, todos os anos a gente muda, a gente tenta se adaptar ao aluno, como a gente teve a Pandemia, os alunos eles ficaram sem aula, tudo que a gente já sabe, é bem sensível fazer essa transição, essa transição que ocorreu do ano passado para esse ano foi muito brusca, então assim, no começo do ano, a gente teve muitos problemas porque os alunos, muito deles foram o primeiro ano estudando, eles não tiveram nem Pré I nem Pré II, eles foram direto para o primeiro ano e isso foi assim pra eles foi uma experiência não tão agradável, porque eles não tinham noção de rotina, eles não tinha noção do escrever, não sabiam como pegar em um lápis, primeiro ano. Então, normalmente ela já é complicada e para esse alunos foi um pouco pior, mas eu vejo que isso é uma constante mudança, ela acontece de uma forma esse ano, e ano que vem a gente vai se preparar, todas as escolas vão se preparar para essa mudança, mas a gente vai descobrir alguma coisa nova entendeu? Então isso, a gente tem que se preparar, tem que preparar principalmente o psicológico dos alunos, porque a gente faz isso aqui, a gente fala: olha, ano que vem você vai pro Fundamental I, você vai mudar o horário, você vai ter cinco tempos de aula, não vai ter mais quatro, você vai sair um “pouquinho mais tarde”, questão da rotina, questão de você vai ter mais livros entendeu? Tudo isso, aqui ainda tem um agravante maior, no fundamental I, primeiro ano é aqui (setor da educação infantil), no segundo ano já é lá no Lassalão (setor dos anos iniciais e finais), já muda o espaço, lá eles vão poder lanchar sozinhos entendeu? Tudo isso, então essa mudança ela é muito brusca e assim, o que eu acho errado, aqui até o primeiro ano a gente tem a música, tem a musicalização, lá não tem mais, então não sei como é que eles trabalham lá essa parte artística, não sei se ela existe ou se tem só a matéria de Arte como tem aqui também, aqui tem a Arte e a Música mas eu acho que devia ter um.. a partir de um determinado mês, eles deviam fazer processo focado nessa transição entendeu? Eu sei que apesar de a gente fazer ou não esse processo, eles vão sentir, mas eu acho que ia ser melhor, tipo assim no mês de Novembro que a gente tá perto de mudar, perto de trocar o ano, eles começassem esse processo, se fosse aqui, já apresentava a professora, ia se preparando, já apresentava: olha aqui vai ser sua sala, esses aqui vão ser seus livros entendeu? Pra eles irem criando essa rotina, para eles ficarem se adaptando ao ambiente, a professora, as pessoas. Quando é aqui que a gente tá no mesmo local, muitos deles já conhecem a gente, e fica um pouco mais fácil de fazer isso.

Sara: Ok, muito obrigada.

Professor: De nada.

Capítulo 2

Metodologias ativas: a robótica pedagógica no processo de aprendizagem no ensino fundamental

Adriana Sampaio Monteverde Maduro

Brigitt Santos do Nascimento

Patrícia Lima de Castro

Silvia Batista Barbosa Pereira

Inalda Maria Martins Olímpio

Ygor Geann dos Santos Leite

Resumo: As metodologias de ensino sofreram significativas alterações ao longo das décadas, principalmente por conta do advento das Revoluções Industriais, que trouxeram grandes alterações no cotidiano das pessoas, estilos de vida e principalmente na formação técnica necessária para adequações dos profissionais às rotinas organizacionais. Por esse motivo, os processos pedagógicos passaram a ter grande relevância, sendo por diversas vezes implementados consecutivas vezes para uma melhor aprendizagem dos alunos. Notou-se principalmente a necessidade de desenvolver as habilidades ainda no processo de formação básica, atualmente denominada de Ensino Fundamental. Dessa maneira, o presente artigo apresentará uma modalidade denominada de Robótica Pedagógica, onde esta tem o foco principal de garantir que os alunos possam ter conhecimentos e práticas tecnológicas suficientes para vislumbrar a interdisciplinaridade existente em um ambiente escolar. Condição que consequentemente levará os alunos a terem resultados mais eficientes. Além disso, a obra apresentará um case de sucesso na cidade de Manaus, podendo este servir de modelo para outras escolas no Brasil.

Palavras-chave: Pedagogia. Tecnologia. Robótica. Habilidades. Conhecimento. Resultados.

Abstract: Teaching methodologies have undergone significant changes over the decades, mainly due to the advent of Industrial Revolutions, which brought great changes in people's daily lives, lifestyles and especially in the technical training necessary for professionals to adapt to organizational routines. For this reason, pedagogical processes have gained great relevance, being implemented several times consecutively for better student learning. It was mainly noted the need to develop skills still in the process of basic training, currently called Elementary Education. In this way, this article will present a modality called Pedagogical Robotics, where it has the main focus of ensuring that students can have sufficient knowledge and technological practices to glimpse the interdisciplinarity existing in a school environment. A condition that will consequently lead students to have more efficient results, where a successful case will still be presented, can serve as an example for other schools in Brazil.

Keywords: Pedagogy. Technology. robotics. Skills. Knowledge. Results.

1. INTRODUÇÃO

As metodologias ativas do século XXI estão presentes na cultura e na aquisição sistemática de experiência resultante de avanços e descobertas entre o homem e a realidade. Aprendemos constantemente desde que nascemos, enfrentando desafios em todo percurso de nossa existência. A vida é um ciclo de aprendizagem ativa com estímulos complexos a serem superados, métodos esses que já fazem parte da vivência tecnologia do homem. Em tempos atuais, se visa simplificar o dia a dia com resolutivas concretas

A forma de ensinar mudou. É dever do docente se preparar, alinhar e aguçar a aprendizagem teórica e prática através de metodologias ativas. Em uma breve reflexão é possível perceber que os tempos são outros, não basta alfabetizar nossas crianças em um formato obsoleto, deve-se reconhecer novas ferramentas e novos ensino que torne os alunos agentes do próprio desenvolvimento. Por isso o docente necessita de domínio das novas metodologias ativas e da robótica educacional, visto que o professor não é, mas detentor do conhecimento, logo o mesmo deverá aplicar métodos de múltipla a cognição, construindo inúmeras formas de desenvolver a aprendizagem por questionamento e experimentação, teorias e práticas.

As metodologias ativas garantem ao aluno várias possibilidades para potencializar e facilitar seu desenvolvimento. Tornando os mesmos protagonistas da sua vida acadêmica. Visto que a metodologia ativa amplia o processo como todo, levam o estudante a múltiplas aprendizagens. Um exemplo de metodologias ativas é a robótica, que estimula o processo cognitivo do aluno que não se contenta mais em ser apenas um mero espectador, ele necessita participar, quer criar, quer resolver.

Métodos esses que se caracterizam por ferramentas de aprendizagem baseada na construção de dispositivos controlados por softwares e computadores. A inserção na sala de aula trabalha o processo multidisciplinar que visa mobilizar o papel do estudante e do professor, enfatizando a resolução de problemas através de erros e acertos, desenvolvendo habilidades manuais, motivando a curiosidade, o trabalho em equipe e o cognitivo dos estudantes.

A aplicação da robótica, como ferramenta pedagógica, contribui para uma forma decisiva e continua desenvolvendo o cognitivo dos alunos. A Robótica auxilia, em todas as disciplinas, por práticas laboratoriais, proporcionando a interdisciplinaridade. Surgida na década de 1960 pelo seu pioneiro Seymour Papert onde desenvolvia a teoria

do construcionismo, o uso do computador nas escolas como ferramenta que atraía as crianças.

Contudo, a competência Geral 5 na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê que os alunos utilizem a tecnologia de maneira crítica e responsável ao longo da Educação Básica. É importante que o educador explore esse cenário tecnológico promovendo o desenvolvimento integral. O mundo vive em constante evolução nas diversas áreas exigindo que os educandos busquem aprender mais de forma dinâmica, desse modo o papel da escola é garantir aos estudantes o mínimo de conhecimento tecnológico para aprenderem de forma diferentes baseadas na construção do conhecimento científico.

Mediante a esse cenário tecnológico, a aprendizagem revela um desafio que levanta a discussão aos seguintes questionamentos: Como as metodologias ativas e quais os recursos metodológicos da robótica pedagógica podem contribuir para o processo de ensino aprendizagem do discente. Que benefícios a Robótica Educacional proporciona para a educação e por que esse recurso tecnológico é importante para a criança? Diante desses questionamentos é possível analisar que o papel do docente é de aperfeiçoar e adequar as suas propostas metodológicas e do aluno e entender que esses recursos não servem só para a recreação mais que válida em sua aprendizagem.

As metodologias ativas são um método inovador, pois se baseiam em novas formas e experiências reais. É preciso pensar e oferecer um currículo diferenciado que chame a atenção dos estudantes. Esse é um dos aspectos que favorece a robótica. A motivação desta pesquisa é que as escolas desfoquem o modelo tradicional, proporcionando uma experiência mais rica para o aprendizado dos estudantes. E atualmente, a tecnologia é um recurso valioso para as escolas sendo ela atraente para os alunos, incentivando-os a corrigir e questionar sobre suas ações. Esse recurso pedagógico exige do educador uma melhor preparação para passar para as crianças conteúdos que definirão as habilidades e competências. Desde muito cedo as crianças têm contato com aparelhos eletrônicos, e a Robótica é lúdica e interessante e está muito mais próxima da vida da criança, os celulares, computadores e eletrodomésticos possuem robô e estão presentes no cotidiano. Nesse sentido torna-se evidente a importância e curiosidade de se implementar metodologias tecnológicas dando possibilidade ao novo, para que com isso o trabalho docente possa se reinventar e buscar novas práticas de estudos.

O conhecimento de metodologias inovadoras desperta e integra grandes aprendizagens. No contexto atual, a aula comporta uma geração de alunos que já nasce sabendo da internet, com muitas informações, jogos e redes sociais, um repertório que antes não existia. O professor tem o papel de mediação e é importante que a criança compreenda a função educativa e recreativa da robótica, e por meio dela, desenvolva o interesse de buscar conhecimento e desenvolver o raciocínio. Por esse motivo a Robótica é um forte aliada no ensino de forma ativa e participativa onde o aluno é o sujeito de construção do conhecimento. Nesse sentido, o artigo classifica a Robótica como recurso pedagógico que traz benefícios aos aprendizes, visando promover as diversas competências, o que contribui para criação de experiência e socialização, professor e estudante, auxiliando o aluno para novos desafios visando seu destaque como protagonista.

Analisando a perspectiva sobre o questionamento: as metodologias ativas e a robótica pedagógica do ensino fundamental, sobre o processo de ensino e aprendizagem? Foi cogitado o seguinte Objetivo Geral da presente pesquisa compreende-se a importância das metodologias ativas e as estratégias da Robótica Educacional como recurso pedagógico no processo de ensino-aprendizagem. para fomentar a pesquisa foi pensado em seis objetivos específicos: Conceituar metodologia ativas e Robótica pedagógica, analisar a robótica pedagógica no processo de ensino e aprendizagem do ensino Fundamental, identificar os recursos utilizados na robótica pedagógica, entender os benefícios relevantes do uso da robótica pedagógica. Facilitando o papel e reformulando as lacunas antes não compreendidas pelos discentes, possibilitando o docente realizar com êxito o fazer pedagógico.

A robótica pedagógica e a metodologias ativas abrem um leque de novos desafios para serem analisados, esmiuçados pelos docentes e discentes, partindo assim para prática o professor deve se renovar cotidianamente diante das habituais tecnologias educacionais, analisar a robótica pedagógica no processo de ensino e aprendizagem do ensino Fundamental, identificar os recursos utilizados na robótica pedagógica, e entender os benefícios relevantes do uso da robótica pedagógica nesta fase de ensino, enfatizar a tecnologia da informação e comunicação na robótica educacional. A origem deste artigo tem como finalidade passar uma visão inovadora com grandes expectativas positivas, podendo trazer grande interesse e curiosidade em aprender de forma simples e prática.

Conceitua sobre a pesquisa dando ênfase para metodologias ativas, a robótica pedagógica no ensino fundamental foi elaborada em seis objetivos específicos, conceituando metodologia ativa e robótica pedagógica. Facilitando o papel e reformulando as lacunas antes não compreendidas pelos discentes, possibilitando a ao discente e docente realizar com êxito o fazer pedagógico. A robótica pedagógica e a metodologias ativas abrem um leque de novos desafios para serem analisados. A origem deste artigo tem como finalidade passar uma visão inovadora com grandes expectativas positivas, podendo trazer grande interesse e curiosidade em aprender de forma simples e prática.

2. METODOLOGIA

Este artigo trata da metodologia ativa robótica pedagógica no processo de ensino e aprendizagem no ensino fundamental 1 e também é apresentado o local em que foram desenvolvidas as atividades de robótica, o Colégio Fametro, uma instituição privada da cidade de Manaus Amazonas, e os materiais utilizados durante a intervenção pedagógica. A metodologia abordada neste artigo é qualitativa e quantitativa pois foi necessário analisar, interpretar, explicar e compreender as interações entre alunos e as atividades propostas, juntamente com o mediador (professor-pesquisador).

Foram aplicadas neste artigo linhas de investigação por meio de pesquisa bibliográfica, no qual esses métodos foram adequados porque o objetivo foi descrever e apontar a robótica pedagógica. Para a realização da pesquisa foi necessário no primeiro momento selecionar artigos que abordaram o tema metodologias ativas e robótica pedagógica, totalizando 23 artigos nos quais 5 foram excluídos, pois não correspondiam ao tema abordado. Foi utilizado o livro de Seymour Papert "A máquina das crianças" (1994).

No segundo momento foi realizada uma visita no colégio Fametro para comprovar a teoria e a prática para que se possa entender e articular os conceitos da robótica pedagógica, a ação do professor e do aluno e o processo de ensino no processo de ensino e aprendizagem.

3. METODOLOGIA ATIVAS E ROBÓTICA PEDAGÓGICA

Conforme Bacich, Moran (2018), as Metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes no desenvolvimento de experiências e aprendizagem, de forma flexível e tem a possibilidade de transformar as aulas em experiências de aprendizagens vivas para os estudantes que contribuem para uma educação inovadora, surge uma nova visão de ensino, sendo pensada em como estabelecer estratégias para um bom desenvolvimento educacional.

É uma concepção educativa que estimula ação-reflexão-ação, em que o lecionado tem a postura ativa em seu aprendizado numa situação prática de experiências, por meios de problemas que lhe sejam desafiantes e lhe permitam pesquisar e descobrir soluções, aplicáveis à realidade. (FREIRE,2006).

Berbel (2016), através do professor às metodologia ativa corrobora com formas de desenvolver o processo de aprender visando a solução de problemas focando nas habilidades dos estudantes tornando-os crítico e reflexivo promovendo de forma significativa e autônoma, a compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2018).

O objetivo desse método é que os alunos aprendam de forma autônoma e participativa, a partir de problemas e situações reais, a proposta é que os estudantes estejam no centro do processo de aprendizagem, sendo responsável direto pela construção do seu conhecimento. (SANTOS, 2019).

Existem várias ferramentas que contribuem para as metodologias ativas uma delas é a Robótica Educacional sua proposta é ensinar e explorar conhecimentos científicos a partir do uso de sucatas e tecnologias, tirando os estudantes do estado de inércia tornando-os agente de seu aprendizado (Schuhmacher 2018).

De acordo com o Mundo Maker (2022) A Robótica pedagógica ou educacional surgiu na década de 60 com Seymour Papert conhecido hoje como o Pai da Robótica Educacional, na época em que os computadores eram do tamanho de uma sala objetos que não era de uso pessoal, ele e sua equipe pensaram que esse equipamento poderia ser usado para estimular a aprendizagem e a criatividade das crianças. Papert trabalhou com Jean Piaget um dos seus autores preferidos que desenvolveu a teoria do

construcionismo que defendia o computador como o principal recurso que atraia os alunos no processo de ensino e aprendizagem, instigando a curiosidade, imaginação e autonomia.

Nas últimas décadas desse século a Robótica tem agregado um aspecto educacional inovador, que busca romper com perspectivas educativas passivas e centralizadas no conteúdo ou no professor. Historicamente essa última perspectiva tem sido associada com o paradigma da escola tradicional, a mesma que tem evoluído em descompasso com os avanços da ciência e da tecnologia (PAPERT, 1986, 2008).

4. O PROCESSO DA ROBÓTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para a tecnologia do uso educacional (2019), atualmente todas as crianças do ensino fundamental, já utilizam celulares, tablets e computadores nos seus cotidianos. A tecnologia é uma grande aliada no processo de ensino e que deve ser supervisionada pelo docente em sala de aula, garantindo o uso dos equipamentos tecnológicos, como os já mencionados, tornou-se indispensável atualmente, que não se fale em tecnologia, pois quando na verdade ela está inserida tanto no cotidiano do professor quanto no do aluno.

Conforme Almeida e Mil (2022), a robótica oferece várias possibilidades pedagógicas que favorecem aluno através de estímulos e curiosidades e o “aprender fazendo”, colaborando com as atividades lúdicas em um ambiente de aprendizagem atrativo, que fomenta o interesse e curiosidade dos alunos, a robótica pedagógica traz também grandes benefícios, como colocar o aluno como centro de seu aprendizado, proporcionando, interesse e participação do estudante

Levando em consideração essas ideias, ou seja, o uso das tecnologias em sala de aula, trabalhadas como procedimentos de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento intelectual de um aluno poderá ter um crescimento considerável e diferenciado. Assim, a robótica pedagógica se constitui em uma ferramenta tecnológica bastante rica, nos sugere várias vantagens em relação ao processo de ensino aprendizagem, cabe ao professor saber administrar esse novo mundo que lhe é apresentado, inserindo-se como participante ativo na aprendizagem dos alunos, fazendo assim aflorar um novo tipo de professor, de aluno e de educação (SILVA; COELHO; BARROS e GONÇALVES, 2009).

Conforme Ribeiro (2011), o uso da tecnologia como forma de ensino não é uma tarefa fácil e o educador precisa compreender as ações pedagógicas que facilitam a participação ativa dos alunos promovendo a manipulação de ideias facilitando a prática de ensino contribuindo para um aprendizado mais dinâmico e significativo. O docente precisa possuir metas e objetivos de ensino relacionados à motivação para cativar seu aluno com atividades envolventes e criativas. Para se desenvolver o uso da robótica educacional em sala, o aluno primeiramente irá detectar um problema a ser solucionado de forma lógica ordenada utilizando o robô, o aluno tem o espaço para testar seu projeto caso o teste não seja satisfatório, continua a executá-lo até que se obtenha o resultado esperado.

5. A PRÁTICA DA ROBÓTICA PEDAGÓGICA EM UM COLÉGIO DA REDE PRIVADA DE EDUCAÇÃO DE MANAUS.

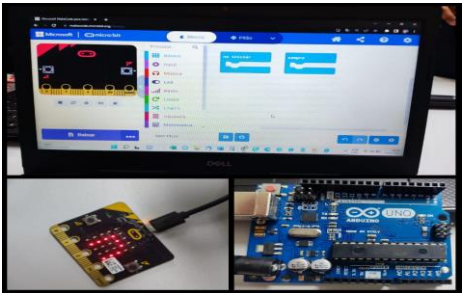
A - O PROJETO

O projeto acontece em uma escola privada localizada no estado do Amazonas na cidade de Manaus, situada Rua Ingrid Bergman, 100 - Conj. Beverly Hills, Bairro: - Chapada, Manaus - AM, 69050-570. A escola denominada é o colégio Fametro onde atende os segmentos da educação infantil até o ensino médio.

O Projeto de Robótica é uma proposta, onde os alunos têm a suas práticas em laboratórios que por sua vez, é oferecido pelo professor Jonathas Ribeiro com o uso da Lego e de computadores, resolveu também desenvolver uma proposta com materiais recicláveis que atende estudantes do 1º ao 5º ano. Para as práticas recicláveis o docente consegue os materiais pelos alunos e os componentes eletrônicos como as placas de arduino ele mesmo disponibiliza, com o apoio da diretora.

Os encontros acontecem uma vez por semana, e neles eram abordados temas de maneira interdisciplinar, programação infantil e pesquisa, entre outros. Sua metodologia é baseada em relatar uma questão problema onde o aluno encontre caminhos para solucionar. o scratch e micro bit é um recurso gratuito no qual os alunos aprendem os conceitos de programação de forma divertida crítica e reflexiva. resultado pode ser visto no Quadro 1, elaborado por Conceição.

Quadro 1 – Construção dos estudantes ser vistos no quadro a seguir:

<p>Arduino Micro bit e o Scratch</p> 	<p>Robô que vai ajudar a melhorar o meio Ambiente.</p> 
<p>Os alunos aprendem lógica e conceito de programação. a placa mostra o cérebro do robô com a utilização do microbit através de blocos.</p>	<p>Os alunos, construíram esses robôs pensando no futuro que poderiam ajudar o homem melhorar o meio ambiente limpando rios, lagos, e estradas foi pensado em submarino que coleta resíduos que são jogados pelo homem nos mares.</p>

Nesse processo, os estudantes tiveram que trabalhar conteúdos relacionados à Língua Portuguesa, à Matemática, e outras áreas do conhecimento. E tudo isso vai ao encontro das Competências da BNCC.

B - OS RECURSOS UTILIZADOS NA ROBÓTICA EDUCACIONAL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo Nascimento (2022), os recursos utilizados na robótica pedagógica são os computadores, a linguagem de programação, os softwares e os kits da Lego. A Lego no que lhe concerne é uma empresa dinamarquesa que disponibiliza kits prontos para desenvolver o cognitivo dos alunos A lego está presente desde 1949 criou uma divisão educacional a LEGO Education Division. (Figura 1).

O conceito da LEGO Education Division é baseado na filosofia de que a criança pode construir seu próprio conhecimento utilizando-se de recursos tecnológicos e guiando-se pelo método do Construcionismo, isto é, o “aprender praticando”. Durante o aprendizado tecnológico, as diferenças individuais dos alunos são respeitadas, permitindo um aprendizado que sobrepõe o tradicional “ganhadores” e “perdedores” dentro do ambiente escolar. Com isso, as aulas passam a ser mais interessantes, até

mesmo aquelas mais difíceis e o professor passa a ser um mediador entre eles (EDACOM, 2005).



Fonte: próprio autor 2022.

Para Zacharias (2003) as linguagens de programação na robótica educacional e de suma importância nelas estão os Softwares que foi desenvolvida ao final dos anos 60 por Papert em ciências da educação enfoca uma pedagogia de projetos, pelo fato de envolver diversas áreas do conhecimento para a resolução de diferentes problemas, numa atitude cooperativa do grupo, facilitada pelo professor. Independente do modelo que a escola adote, o professor sempre terá a função no processo de ensino uma participação afetiva e indispensável, pois é por meio dele que todo conhecimento é assimilado pelo aluno.

Conforme Keshav, (2016), um dos recursos utilizados na robótica é o scratch desenvolvida pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology), que trabalha a linguagem de programação do computador de forma divertida e foi desenvolvida para crianças entre 8 e 16 anos.

O Scratch se constitui como uma linguagem de programação, um software livre que permite ao usuário construir suas próprias histórias interativas, animações, jogos, simuladores, ambientes virtuais de aprendizagem, músicas e arte. Desse modo, o comando é a maneira que o usuário tem de expressar seu pensamento. A maneira de formar a programação do ambiente é através da visualização dos comandos com a utilização de blocos, que são arrastados para uma área específica e conectados (Sápiras; Vecchia; Maltempi, 2015). demonstrada na figura 2.



Fonte: <https://luisgustavoaraujo.medium.com/3-coisas-para-saber-sobre-o-scratch-3-0-bd69ddb49d88>.

Conforme a BNCC (2018), o documento que norteia o professor diz que é possível trabalhar com a robótica mediante as aulas, utilizando materiais recicláveis no qual existe um projeto “Robótica sucata” que promove soluções de reciclagem, de maneira que o aluno construa um robô, através de lixos eletrônicos. (figura 3.)



Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-fundamental-anos-finais/172-robotica-com-sucata-promovendo-a-sustentabilidade-2>.

Para entender melhor a aplicação dessa metodologia no ensino fundamental foi construída uma tabela que demonstra os principais recursos e materiais da robótica.

Tabela 1. recursos, materiais e métodos utilizados no processo da robótica educacional.

Recursos	Materiais	Métodos
Lego	Kits	É baseado no cognitivo onde a criança pode construir seu próprio conhecimento utilizando-se de recursos tecnológicos.
Scratch	Computadores	O Scratch tem código aberto, softwares gratuitos, atraentes e de fácil manuseio, portanto não é necessário ter conhecimento prévio de programação, mesmo para uso infantil.
Recicláveis	Insumos reaproveitáveis	utilizando insumos eletrônicos para confecção de um robô, que presa pela reciclagem consciente.

5. BENEFÍCIOS RELEVANTES DO USO DA ROBÓTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

A robótica educacional, por apresentar conteúdos multidisciplinares, possibilita aos envolvidos o estudo do método científico vivenciado na prática de forma lúdica e atraente na montagem e programação dos robôs para várias situações e desafios (PIO et al, 2006).

Para FERNANDES, (2019) a inovação das diversas instituições se dá através dos padrões de ensinar os discentes, ou seja, ensinar e aprender através da robótica educacional. Além disto, o método construtivista elenca a multidisciplinar, desenvolvendo o estudo fenomenológico na perspectiva do processo educacional.

Da mesma forma MAISONNETTE, (2003), fala que a Robótica potencializa o trabalho do professor. Nesse sentido, o professor assume a função de facilitador, provendo meios e estímulos que façam com que as crianças construam ideias ou hipóteses sobre a situação problema. O Professor sempre deve estar à frente do aluno e nível de conhecimento, porém não ter receio de aprender com o aluno.

Para Moran (2017, p. 70), no que diz a respeito das metodologias ativas o estudante passa ser protagonista nas situações de práticas, individuais e em grupos

encorajamento do aprender fazendo cultura essa chamada de “Maker” desenvolvendo projetos com problemas reais, testando suas ideias através de jogos e programas em laboratórios multifuncionais, essas novas práticas pedagógicas privilegiam o discente e destaca o seu potencial.

Da Silva (2019), as metodologias ativas vinculam o aluno e professor, estimulando tomadas de decisão individuais e coletivas. Para desenvolver o processo de ensino e aprendizagem no cenário atual ainda presente em nosso chão de escola. Reflexo esse que o aluno é somente receptor, as metodologias ativas e a robótica apresentam a nova versão o fazer pedagógico, o aluno passa ter autonomia promovendo uma aprendizagem de forma lúdica e atrativa.

As tecnologias desafiam enquanto educadores a novas formas de ensinar e aprender. novas competências exigidas novas formas de se realizar o trabalho pedagógico são necessárias e, fundamentalmente, é necessário formar continuamente o novo professor para atuar neste ambiente telemático, em que a tecnologia serve como mediadora do processo de ensino e aprendizagem. (RCA, 2019).

7. CONCLUSÃO

A principal reflexão deste trabalho é apresentar como a robótica pedagógica pode trazer novas transformações de aprendizagem através de um novo modelo de ensino, onde a tecnologia, o aluno e o docente precisam estar ligados entre eles, pois são esses os protagonistas desse novo processo de aprender e ensinar.

Dessa forma, é uma metodologia onde o seu maior foco é apresentar ao aluno a investigação de um novo modelo de aprendizagem, pois é uma ferramenta que vem apresentando um grande destaque educacional, trazendo avanços positivos mediante ao aluno e professor. Essa nova perspectiva de ensino contribui em vários fatores positivos, nas experiências, na prática, instiga a curiosidade, traz responsabilidade, ajuda na socialização e interação, exercita a imaginação e entre outras características.

A robótica educacional tem uma importância extraordinária, tanto no processo de vida do aluno quanto na do professor, é através desses novos modelos de ensino que investimos conhecimentos e experiências. Com esse tipo de metodologia é observado o quanto é possível mostrar as diversas possibilidades de aprender e lecionar, e o educador tem o papel principal de trazer essas metodologias para dentro de sala.

O principal enfoque deste trabalho é trazer uma reflexão para um novo pensar, fazer com que as escolas saiam de ensino um tradicionalista para novas transformações e novos processos de aprendizagem, onde o professor precisa trazer o aluno como principal protagonista de sala através da robótica pedagógica. O professor como mediador precisa apresentar essas metodologias ativas como meio de expressar e identificar melhorias para o processo de ensino-aprendizagem do seu aluno.

Contudo, o principal objetivo deste trabalho, é apresentar as metodologias ativas através da robótica pedagógica com alunos do ensino fundamental, trazendo uma nova visão de ensino para uma melhoria na educação, diante desse novo modelo. Fica claro que esse recurso pedagógico deixa o aluno como protagonista e sujeito do seu próprio processo de construção do conhecimento, nesse sentido a robótica educacional deixa uma visão de saberes e aprendizados, e que nos dias atuais os novos métodos de ensino precisam ser utilizados e explorados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elizabeth. **Tecnologias na educação, formação de educadores e recursividade entre teoria e prática: trajetória do programa de pós-graduação em educação e currículo**. [S. l.], 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3165> Acesso em: 15 set. 2022.

ALMEIDA, MIL. **Robotica como estratégia de aprendizagem: algumas aproximações segundo a literatura da área**. Resvita Educação e tecnologia <https://edutec.ead.ufscar.br/tccs/8f17b2cbd8cb851b71ffc96ebe36682c.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

BACICH, Lilian; MORAN, José. Metodologias ativas para uma educação inovadora. 2017. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Metodologias-Ativas-para-uma-Educacao-Inovadora-Bacich-e-Moran.pdf> Acesso em: 3 out. 2022

BACICH, MORAN, **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico] / Porto Alegre: Penso, 2018 e-PUB.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **A metodologia da problematização como o arco de Maguerez**, [livro eletrônico]: uma reflexão teórico-epistemológica. Londrina: EDUEL. Edição kindle.2016.

BNCC, **Robótica com sucata, promovendo a sustentabilidade**.

CHITOLINA, Renati ; SCHEID, Seusa. A robótica educacional e as tecnologias da informação e comunicação na construção de conhecimentos substantivos em ciências

naturais. [S. l.], 2015. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/279155988_A_ROBOTICA_EDUCACIONAL_E_AS_TECNOLOGIAS_DA_INFORMACAO_E_COMUNICACAO_NA_CONSTRUCAO_DE_CONHECIMENTOS_SUBSTANTIVOS_EM_Ciencias_Naturais Acesso em: 15 set. 2022

DA SILVA, Maria Aparecida de Faria; OLIVEIRA, Márcia. A Robótica Educacional na Perspectiva das Metodologias Ativas. In: **Anais do XXV Workshop de Informática na Escola**. SBC, 2019. p. 1289-1293.

EDACOM TECNOLOGIA. Disponível em http://www.edacom.com.br/lego_dacta.asp.

FERNANDES, Richard et al. O ensino de robótica educacional por meio de metodologias ativas: um estudo fenomenológico sobre os desafios e possibilidades na prática pedagógica do professor. 2019. Acesso em 10 setem. 2022

FERREIRA. **O papel do professor frente às novas tecnologias, estamos preparados?** 2006. Disponível em:

<http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170411132603.pdf> Acesso em: 15 set. 2022

FRADE; ARAUJO. **Algumas reflexões sobre a inserção das novas tecnologias nas práticas docentes**. 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17876/17876.PDF> Acesso em: 15 set. 2022

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-fundamental-anos-iniciais/> 2018. Acesso em 10 setem. 2022.

<http://sistemaolimpico.org/midias/uploads/98b49680253f5c7b9295e82d2e08823b.pdf>.

<https://www.mundomaker.cc/robtica-educacional-a-origem-pouco-conhecida>.

MAISONNETTE, Roger. A utilização dos recursos informatizados a partir de uma relação inventiva com a máquina: a robótica educativa. In: Proinfo – Programa Nacional de Informática na Educação – Paraná. Disponível em: www.proinfo.gov.br. Acesso em: Acesso em 10 setem. 2022

Moran, J. (2017). Como Transformar Nossas Escolas. In Carvalho, M. T. (Org). Educação 3.0 - Novas Perspectivas para o Ensino (pp. 63-87). São Leopoldo: Editora Unisinos. Disponível: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2017/08/transformar_escolas.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

PAPERT, **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Trad. Sandra Costa. Ed. revisada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PARPET, **Logo: computadores e educação**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense,

RCA, ensino fundamental: **inserção das tecnologias do fazer pedagógico das escolas de ensino fundamental do Amazonas**. SEMED/ SEDUC Outubro de 2019 p.85.

Disponível:

<https://drive.google.com/file/d/1Re3ZuqExI8PCQMVLNln8XmAiXdn3gEab/view>.

SANTOS, Taciana da Silva. **Metodologias ativas de ensino e aprendizagem**. Olinda PE, 2019.

SANTOS; REZENDE. **Formação do professor frente as novas tecnologias**. 2011.

Disponível em: [https://portal.fslf.edu.br/wp-](https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/Formacao%20do%20professor%20frente%20as%20novas%20tecnologias.pdf)

[content/uploads/2016/12/Formacao do professor frente as novas tecnologias.pdf](https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/Formacao do professor frente as novas tecnologias.pdf)

Acesso em: 15 set. 2022

Sápiras, F. S., Vecchia, R. D., & Maltempo, M. V. (2015). Utilização do Scratch em sala de aula. CEAMECIM. Educ. Matem. Pesq. 17(5), 973 – 988.

https://ceamecim.furg.br/images/Lemafi-Educ/artigosoficina_scratch/scratch_sala_de_aula.pdf.

SCHUHMACHER, E. et al. Ensino de robótica educacional livre como metodologia ativa para a promoção da aprendizagem significativa em ciências e tecnologias. Acesso:

SILVA, Akynara Aglaé R. S. da; COELHO, M^a. Das Graças P.; BARROS, Renata Pitta;

GONÇALVES, Luiz Marcos G. **A Robótica Pedagógica no Contexto da Educação**

Infantil: Auxiliando o Alfabetismo, Art. 12 - Vol. 1 - Dezembro 2009. Disponível em: .

Acesso em: 16 ago. 2018.

TECNOLOGIA EDUCACIONAL. Geração Alpha: o que vem mudando em casa e nas salas de aula? 2019. Disponível em: <https://tecnologia.educacional.com.br/bloginovacao-e-tendencias/geracao-alpha/>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

Capítulo 3

A gamificação na educação: como ferramenta para auxiliar crianças com TEA no processo de ensino aprendizagem

Cinthia Neves de Souza

Karolliny da Silva Nogueira

Yasmin Martins Silva

Inalda Maria Martins Olímpio

Ygor Geann dos Santos Leite

Resumo: Diante das dificuldades encontradas pelas crianças com Transtorno do Espectro Autista em seu processo de ensino-aprendizagem, entende-se a importância e a necessidade de se trabalhar com a gamificação como ferramenta para auxiliá-las, uma vez que não há um avanço aprofundado da utilização deste recurso para trabalhar com esta especificidade, vale ressaltar que o professor tem que ter um objetivo a ser alcançado não é trabalhar com o jogo para promover entretenimento não é isso e sim despertar o interesse e engajá-lá nas atividades de sala de aula contribuindo, assim para sua autonomia. É possível que a criança com TEA aprenda com a gamificação, pois o aprendizado se torna mais significativo, este recurso vem ganhando espaço no ambiente escolar e inovando a prática pedagógica promovendo aprendizado e aprimorando habilidades. Foi realizado várias pesquisas bibliográficas e infelizmente não se encontra um aprofundamento deste assunto quando se trata de crianças autista, o que nos motivou a desenvolver o presente artigo com a temática.

Palavra-chave: TEA; Gamificação; Educação; Criança; Aprendizagem.

Abstract: Faced with the difficulties encountered by children with Autism Spectrum Disorder in their teaching-learning process, it is understood the importance and the need to work with gamification as a tool to help them, since there is no in-depth advance of the use of this resource to work with this specificity, it is worth mentioning that the teacher has to have a goal to be achieved, it is not working with the game to promote entertainment, it is not that, but to arouse interest and engage it in classroom activities, contributing, so for their autonomy. It is possible for the child with ASD to learn with gamification, as learning becomes more meaningful, this resource has been gaining ground in the school environment and innovating pedagogical practice, promoting learning and improving skills. Several bibliographic researches were carried out and unfortunately there is no deepening of this subject when it comes to autistic children, which motivated us to develop this article with the theme.

Keyword: ASD; Gamification; Education; Autistic Child ; Learning

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Entende-se que o tema deste artigo se faz necessário, uma vez que não há um avanço aprofundado da utilização da gamificação para crianças com Transtorno do Espectro Autista em seu processo de ensino-aprendizado. Segundo Silva (2020) a entrevista para o Jornal da USP foi evidenciada o potencial do uso da tecnologia no aprendizado de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Foi apontado a falta de estudos e ferramentas adequadas para aprimorar as habilidades dessas crianças. É de suma importância o educador promover acesso que facilitem e auxiliem o ensino a essas crianças.

O tema de pesquisa escolhido foi motivado pela identificação da necessidade de pesquisas que abordem sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o ambiente educacional, apresentando método que possam auxiliar no processo ensino-aprendizagem dessas crianças. Há muitos desafios para que esse contexto seja desenvolvido de forma eficaz, visto que é crianças com TEA possuem déficits de mecanismo de comunicação, o que dificulta o convívio social. Nesse sentido que é estabelecido a delimitação desse cuidado, por haver a necessidade que essas crianças recebam estímulos que possam promover a autonomia.

Por isso, para o uso de ferramentas que auxiliem nesse processo de ensino-aprendizado é necessário a utilização da gamificação. Pois, é levado em consideração que a criança autista tende a ter maior curiosidade em materiais tecnológicos como celular, computador. A utilização desse mecanismo de ensino permite que a interação e compreensão dos ensinamentos sejam mais eficazes, pois, a utilização de jogos em ensino educacional torna o processo de aprendizagem mais divertido.

Dentro desse contexto, foi analisado no possível desenvolvimento de um estudo que utiliza a gamificação no ambiente educacional, sendo considerada como ferramenta de suporte para as estratégias de ensino aprendizagem das crianças com autismo. Esse contexto permite o oferecimento de ações e promoções de ensino a esse grupo, levando maior qualidade de ensino as crianças com autismo?

Dessa forma, o objetivo geral do trabalho foi apresentar sobre a utilização da gamificação como ferramenta estratégica para garantir o suporte no processo ensino aprendizagem mediante as dificuldades apresentados por crianças autistas.

Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: definir como a gamificação surgiu como ferramenta para aprimorar as habilidades das crianças, bem

como a sua utilização para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, sendo assim pretende-se também descrever as características e as dificuldades de aprendizado, despertando o interesse em promover e contribuir para o sucesso educacional das crianças através dos jogos gamificados.

Parte-se da hipótese de que a adaptação ou estratégias e utilização dos jogos através dos meios tecnológicos como ferramenta para o aprendizado facilita, desperta interesse e aprimora as habilidades das crianças sendo assim, necessário implementar na rotina de sala de aula esta ferramenta, aniquilando a ideia de que não é possível aprender brincando, pois é possível sim, as atividades se tornam mais envolventes e o engajamento nas atividades promove autonomia.

Assim, para viabilizar a hipótese, realiza-se uma pesquisa de finalidade básica estratégica, objetiva descritiva, com abordagem qualitativa e realizada com procedimentos bibliográficos. Na primeira seção, é descrita a definição da gamificação na educação. Na segunda seção, são descritos as características e dificuldades da criança com autismo em seu processo de aprendizado. Na terceira seção, faz-se menção aos desafios pedagógicos encontrados no processo de ensino-aprendizado da criança autista. Na quarta seção, como utilizar a gamificação no processo de ensino-aprendizagem da criança autista.

Como resultado, observou-se como a tecnologia ou recursos adequados são relevantes para o aprendizado das crianças autistas e é crucial desenvolver um trabalho pedagógico que alcance o objetivo desejado, pois diante de tantos desafios que são enfrentados na rotina de sala de aula é preciso ter esse olhar sensível a essas crianças.

2. O QUE É GAMIFICAÇÃO NA EDUCAÇÃO?

A Gamificação – vem do inglês gamification, na educação (embora também se utiliza desse recurso em empresas e clínicas) refere-se à utilização de elementos dos jogos tradicionais até mesmo os já existentes pelos games que contribuem no processo de ensino-aprendizagem na rotina da criança sejam presenciais, online ou híbridos. Foi inicialmente defendido no século XX, pelo psicólogo y estudioso russo Lev Vygotsky, que sustenta a ideia de que o aprendizado na infância se dá, especialmente, pela interação com o meio pelo qual a criança enfrenta e uma vez que o mundo digital já faz parte do convívio das crianças. Logo, somente as aulas expositivas podem não ser eficientes.

O conceito existe desde os anos 1970, conhecido também como ludificação que era associado a programação e desenvolvimento de softwares. Vários autores citam o programador britânico Nick Pelling como um dos criadores do termo, termo esse que foi criado ainda em 2002 por ele, correspondendo ao uso da lógica e da dinâmica dos games para auxiliar e engajar pessoas em um contexto de aprendizagem.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a gamificação quando utilizada dentro do contexto de ensino para crianças, pode influenciar na ampliação do conhecimento. A BNCC considera oito dimensões que classificam esse segmento: a apropriação, fruição, reflexão sobre a ação, a construção de valores, a análise, a compreensão e protagonismo comunitário. Por isso, é considerado que o uso de jogos no ambiente educacional é uma estratégia válida e eficaz se aplicada de forma estratégica e por um profissional capacitado.

Uma das estratégias do processo ensino aprendizagem considerados válidos pela BNCC é os jogos na educação, sendo até mesmo inclusos como um tipo de estratégia que pode ser utilizada no plano de ação pedagógica das escolas. Sendo a gamificação uma ferramenta que está presente nas plataformas de educação. Nesse contexto é considerado que diversos elementos podem ser empregados nos jogos, para que de alguma forma seja possível estimular algum tipo de conhecimento multidisciplinar. Com a possibilidade de promover o ensino-aprendizado associado a motivação das crianças.

A gamificação utilizada variáveis mais simples e comuns dentro do jogo, estimulando que a criança estimule seu pensamento e não fique limitado apenas ao entretenimento. Com a presença da utilização básica de mecanismo de lógicas, havendo conteúdos que possibilitam a melhor compreensão de assuntos mais complexos. Além desses pontos, a utilização de jogos se diferencia do método tradicional de ensino aprendizagem como proporcionar uma dinâmica maior.

Diante disso, é compreendido que há diversas formas de introduzir a gamificação no ambiente educacional. Com isso, pode-se usar a gamificação de forma analógica ou através de plataforma eletrônicas gamificadas. Há grandes investimentos em promoção e atividades pelas instituições, que buscam estimular os usuários dos jogos, para que realizem maior acompanhamento do jogo, sendo possível alcançar os objetivos do jogo.

São fornecidos benefícios para isso, como pontuação e recompensas, para incentivar o progresso dos alunos. Diante disso, a gamificação promove o ensino

aprendizado de forma mais dinâmica e com maior acessibilidade para compreensão de determinados conteúdos educacionais (ALVES; MINHO; DINIZ, 2014).

Diante disso, é compreendido que o método de gamificação é método utilizada de forma pedagógica para que a prática de aprendizagem seja mais acessível a realidade das crianças com autismo. Visto que essa estratégia proporciona maior atenção do aluno com a aula. O que parece ser uma estratégia de ótimos resultados, porém é necessário que profissionais capacitados participe de forma ativa na implementação desse procedimento de ensino-aprendizagem.

3. AUTISMO: CARACTERÍSTICAS E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Segundo Teixeira (2016) o autismo é uma condição do neurodesenvolvimento que afeta a interação social, o comportamento e a comunicação. Indivíduos autistas variam muito em seus pontos fortes e necessidade de apoio. Por esse motivo, as pessoas geralmente se referem ao autismo como transtorno do espectro autista (TEA). As características do autismo geralmente aparecem nos primeiros anos. O autismo não é uma doença, mas a intervenção precoce pode equipar as crianças para lidar com alguns dos desafios específicos que podem enfrentar no mundo em geral.

O TEA é um termo abrangente que inclui uma série de características do neurodesenvolvimento. O autismo não é uma doença, mas pode ter um impacto significativo na vida de uma pessoa. Seus efeitos podem variar amplamente, porém algumas pessoas podem precisar de apoio ao longo da vida, enquanto outras podem viver e trabalhar de forma independente. Em alguns casos, as características da condição podem estar presentes desde a infância. Em outros, os sinais podem se tornar mais óbvios à medida que o indivíduo envelhece (ORRU, 2016).

Segundo Fernandes (2016) o autismo, ou transtorno do espectro do autismo (TEA), refere-se não apenas a uma única doença, mas a uma ampla gama de condições. As pessoas autistas podem apresentar desafios com habilidades sociais, de comunicação e comportamentais. O transtorno do espectro autista refere-se a um transtorno complexo do neurodesenvolvimento que afeta a forma como uma pessoa percebe e se relaciona com os outros, o que pode levar a problemas na interação social e na comunicação.

Whitman (2019), é importante notar que cada pessoa afetada apresenta sinais específicos com diferentes graus de gravidade, passando por desafios muito diferentes e desenvolvendo habilidades específicas. Conseqüentemente, a maneira como as pessoas afetadas pelo TEA pensam, aprendem ou resolvem problemas pode variar de relativa facilidade a um desafio severo em alguns casos. Algumas pessoas com TEA apresentam inteligência acima da média, enquanto outras apresentam dificuldades de aprendizagem.

No TEA, os fatores genéticos e não genéticos interagem no desenvolvimento da condição. As características do autismo às vezes também incluem sensibilidade sensorial e problemas médicos, como distúrbios gastrointestinais, distúrbios do sono, convulsões, bem como problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão ou dificuldades de atenção (TEIXEIRA, 2016).

De acordo com Arru (2016) apesar do fato de que cada criança com autismo é diferente das outras, e que a idade de início varia, geralmente aparece nos primeiros 3 anos de vida. Há uma série de sinais de alerta que podem tornar recomendável uma avaliação abrangente do desenvolvimento. Porém, nem todas as crianças que apresentarem algum dos sinais apresentados pela literatura serão diagnosticadas com autismo.

Os sintomas do autismo em crianças entre 12 e 18 meses de idade:

- [1] Não diz palavras simples.
- [2] Não responde ao seu nome.
- [3] Limitou ou diminuiu o uso do contato visual.
- [4] Ausência de balbúcio social/comunicativo como se estivesse conversando com o adulto.
- [5] Ausência de imitação espontânea.
- [6] Não aponta para “pedir algo” (proto-imperativo).
- [7] Não olha para onde os outros apontam.
- [8] Pode manifestar uma resposta incomum a estímulos auditivos.
- [9] Falta de interesse em jogos interativos simples como “peek-a-boo” ou similares.
- [10] Por volta dos 24 meses de idade:
- [11] Não diz frases de duas ou mais palavras, que são espontâneas e não apenas repetições do que ouviu dos outros.
- [12] Tem dificuldade em manter contato visual quando fala com ele e não segue objetos com os olhos.
- [13] Não se envolve em jogos compartilhados e não parece gostar de relacionamentos compartilhados com outras pessoas.

À medida que envelhecem, as crianças com TEA podem desenvolver alguns outros sinais indicadores, como não entender como os outros pensam ou sentem, e acha

difícil expressar seus próprios sentimentos. Ter atrasos na fala ou não fala nada ou perde a capacidade de dizer palavras ou frases que aprendeu anteriormente. Além disso, podem se tornar muito dependentes de uma rotina diária e ficam com raiva se ela mudar.

A etiologia do autismo ainda não é bem esclarecida, porém não se pode determinar uma causa única que explique o desenvolvimento desse transtorno, além da forte implicação genética em sua origem. A prevalência estimada de TEA é de cerca de 1%-2%, sendo 2-3 vezes mais frequente no sexo masculino do que no feminino (WHITMAN, 2019).

De acordo com Teixeira (2016) o autismo pode resultar da interrupção do desenvolvimento fetal normal do cérebro nos estágios iniciais, causada por defeitos nos genes que controlam o crescimento do cérebro e regulam como os neurônios se comunicam uns com os outros. Causas genéticas, incluindo defeitos genéticos e anormalidades cromossômicas, foram encontradas em 10-20% dos indivíduos afetados. No caso de irmãos nascidos em famílias com autismo, eles têm um risco 50 vezes maior de TEA, com uma taxa de recorrência de 5-8%.

Em alguns casos, o autismo pode estar associado a um distúrbio genético já presente, como síndrome do X frágil, infecção por meningite, rubéola congênita, fenilcetonúria ou esclerose tuberosa. Um fator importante é que o autismo não é causado por vacinas infantis. Pois, não foram encontradas correlações em extensos estudos sobre a ocorrência de TEA e vacinas (SALVADOR, 2016).

Em relação ao tratamento do autismo, uma vez que uma pessoa que apresenta as características do autismo tenha sido diagnosticada corretamente, não há “cura” e o tratamento irá variar dependendo de cada caso pessoal. Existem várias terapias que podem ser implantadas no início da vida de uma criança e são mais eficazes quanto mais cedo forem implementadas. O objetivo das terapias é maximizar a capacidade dos indivíduos afetados de funcionar, desenvolver e aprender.

Segundo Grandin (2015) a maioria das pessoas com TEA responde bem a uma vida altamente estruturada e organizada. Em alguns casos, essas medidas podem ajudar a reduzir os sintomas e fornecer às pessoas com autismo ferramentas para realizar suas atividades diárias.

Em relação ao diagnóstico do autismo, as pessoas afetadas pelo autismo geralmente apresentam sintomas tão cedo quanto 2-3 anos de idade. Para alguns casos,

alguns atrasos no desenvolvimento aparecem mais cedo e podem ser observados e diagnosticados já aos 18 meses de idade (CAVACO, 2020).

No entanto, devido à natureza individual e diversificada dos sintomas que o TEA pode acarretar, às vezes pode ser difícil diagnosticar o distúrbio e determinar sua gravidade. Normalmente, o médico de uma criança verificará sinais de atrasos no desenvolvimento como parte de check-ups regulares e solicitará que um especialista seja consultado se algum achado for detectado.

De acordo com Teixeira (2016) não há nenhum teste médico específico que possa ser feito para um diagnóstico de autismo. O diagnóstico realizado por um especialista, será de forma observacional. O profissional tentará observar a criança e descobrir mais sobre a natureza de suas interações sociais, o nível de suas habilidades de comunicação e como seu comportamento se desenvolveu, além de estabelecer os níveis de desenvolvimento da audição, fala e linguagem.

O transtorno do espectro do autismo não pode ser definido como uma dificuldade de aprendizado, mas pode afetar o aprendizado. Em parte, porque o autismo pode afetar as habilidades de linguagem, tanto ao ouvir quanto ao falar. Dificuldades de aprendizagem fazem com que as pessoas se esforcem ao fazer conexões entre diferentes partes das informações recebidas e ao trabalhar para compreender e organizar essas informações. O autismo e dificuldades de aprendizagem podem ocorrer juntos, mas são distintos um do outro (PIECZKOWSKI; MACIEL; RECH, 2020).

Crianças autistas podem desenvolver habilidades em taxas diferentes das crianças com desenvolvimento típico. Eles também podem desenvolver habilidades em uma ordem diferente das outras crianças. Por exemplo, crianças autistas podem começar a usar algumas palavras isoladas por volta dos 12 meses de idade e, em seguida, desenvolver a linguagem de forma diferente das crianças com desenvolvimento típico à medida que envelhecem.

De acordo com Belo e Fonseca (2020) algumas crianças autistas desenvolvem pontos fortes em áreas específicas, como nomear cores, lembrar rotas para lugares familiares ou reconhecer palavras no supermercado. Mas eles podem nem sempre ser capazes de generalizar esses pontos fortes. Isso significa que eles podem não conseguir passar de nomear cores para responder a perguntas sobre as cores em uma imagem, ou de reconhecer palavras para ler livros.

Segundo Lopes e Nascimento (2019) as crianças autistas podem interagir com as pessoas de uma maneira diferente das crianças com desenvolvimento típico. Elas podem não responder a seus próprios nomes, sorrir quando alguém sorri para elas ou notar expressões faciais. Mas eles geralmente desenvolvem sua própria maneira de deixar seus pais saberem o que eles querem, embora possam não usar os gestos que as crianças em desenvolvimento típico usam. Além disso, as crianças autistas costumam ter dificuldade com a atenção conjunta, que é usar o contato visual e gestos.

Muitas crianças autistas desenvolvem habilidades de linguagem em um ritmo diferente e em uma ordem diferente das crianças com desenvolvimento típico. Isso significa que eles podem não entender o que você diz a eles ou podem ter dificuldade em seguir as instruções. Algumas crianças autistas podem achar difícil usar a linguagem falada para pedir coisas ou dizer a outras pessoas o que estão pensando ou sentindo (MONTEIRO et al., 2021).

O autismo ainda pode afetar o aprendizado de várias maneiras. Outros que estão no espectro têm uma ou mais deficiências de aprendizagem e outros desafios acadêmicos. Algumas dessas dificuldades de aprendizagem podem ser efetivamente tratadas com intervenções precoces. Embora ter uma deficiência como o autismo possa impactar negativamente a aprendizagem, também pode ser acompanhado por forças e habilidades únicas.

Dessa forma, pode-se afirmar que para aqueles que ensinam e trabalham com crianças com autismo, é importante que estejam cientes dos desafios de aprendizagem que enfrentam e da melhor forma de enfrentá-los. O desenvolvimento da aprendizagem e as experiências em sala de aula podem parecer diferentes, mas existem estratégias que podem ser úteis para pessoas com transtornos do espectro do autismo.

4. OS DESAFIOS PEDAGÓGICOS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO DA CRIANÇA AUTISTA

O meio social em que uma pessoa autista se desenvolve é crucial porque a interação social oferece estratégias para superar os traços autistas. A interação permite que o aluno autista seja incluído na sala de aula e, por sua vez, reduz os estereótipos. A interação com alunos neurotípicos proporciona experiências frescas e benéficas tanto para as pessoas envolvidas (professor e alunos) quanto para o processo de aprendizagem (PAULINO, 2006).

Essa importância de incorporar aspectos interacionais e afetivos nas relações terapêuticas, bem como nas relações sociais, educativas e educativas também é destacada no trabalho de Campos (2018), que elenca atividades que devem ser realizadas com um aluno autista e afirma que essas atividades devem ter qualidades terapêuticas, terapêuticas educacionais e afetivas.

Portanto, fica claro que ensinar convenções sociais é crucial para o desenvolvimento de uma criança. Apesar de sua dificuldade de aprendizado, é necessário tentar ajudar a criança a internalizar a regra. É importante estabelecer a relação da criança com seus pais, mediada pelo professor, bem como o desejo da criança de aprender material acadêmico e habilidades sociais. Quem convive ou trabalha com alunos autistas deve trabalhar constantemente em seu desenvolvimento global, pois é válido "[...] tentar desenvolver atitudes, crenças e mecanismos de enfrentamento positivos para lidar com a situação" (WRIGHT, WILLIAMS, 2008).

Todos os alunos com necessidades educacionais excepcionais devem se matricular nas aulas regulares a partir de 2008, conforme a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. No entanto, essa visão integracionista afirmava que "[...] uma criança com deficiência só poderia permanecer em uma sala típica se segue o ritmo da turma" (VEROTTI; CALLEGARI, 2009).

Apesar de muitos profissionais terem desistido de trabalhar com determinados alunos, houve alguns alunos que superaram as expectativas. Portanto, não é suficiente aceitar uma criança na sala de aula sem oferecer um trabalho educacional de alta qualidade (SILVA, 2018). Como resultado, podemos ver que um dos maiores desafios do sistema educacional moderno é como ajudar os alunos com deficiência que estão matriculados em classes regulares a aprender. Por isso, discussões sobre como se dá essa aprendizagem deficitária são realizadas com frequência no contexto escolar (SILVA, 2018).

A escola deve ser uma comunidade que coletivamente assume a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso de cada aluno. A responsabilidade pela educação de crianças com necessidades especiais deve ser dividida entre os educadores em grupo e não entre os professores individualmente (PAULINO, 2006).

Os pais e voluntários devem ser encorajados a ter um papel ativo no trabalho da escola. Os professores, no entanto, desempenham um papel crucial no processo

educacional como administradores, apoiando as crianças por meio do uso de recursos dentro e fora da sala de aula (GLAT, 2007).

O papel da escola é essencial para o desenvolvimento de práticas educativas inclusivas que garantam a todo educando o direito a uma educação de qualidade. O educador atua como mediador desse processo por meio de um trabalho pautado na reflexão, no diálogo e nas ações colaborativas que permitem que todos tenham o direito de participar das aulas, interagir com os outros e compartilhar suas experiências (GLAT, 2007).

Na mesma linha dessas reflexões, Glat (2007) afirma que a educação inclusiva é mais do que uma proposta educacional porque, em sua opinião, as escolas devem buscar respostas educativas que atendam às "[...] necessidades apresentadas pelos seus alunos, em conjunto, e a cada um deles em particular", implicando um processo de reorganização dos seus elementos fundamentais.

Oferecer ensino de alta qualidade a todos os alunos, inclusive aqueles com deficiência ou outras questões que dificultam o aprendizado, não é uma tarefa fácil, como afirma a educação inclusiva (GLAT, 2007). É necessário conhecimento por parte dos professores quanto a especificidade da criança incluída em sala de aula para que a mesma através das adaptações proposta pela professora encontre motivação para aprender.

5. COMO UTILIZAR GAMIFICAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TEA?

Para trabalhar com alunos autistas Campos (2018) afirma que, embora a linguagem do professor deva ser a mais clara e direta possível, o professor deve primeiro aprender a reconhecer o significado que o aluno pretende para suas palavras.

Os alunos que apresentam graves dificuldades de comunicação em situações de déficit de comunicação, é necessário aprender a entrar em seus mundos simbólicos e imagéticos (SILVA, 2018). Uma das alternativas é o professor estimular a linguagem e a comunicação do aluno por meio de cartões com figuras ou ilustrações.

Os recursos utilizados no processo do ensino-aprendizado da criança com TEA, tem como objetivo estimular o aprendizado das crianças. Usar tecnologia em jogos para estabelecer um processo positivo e criativo que favoreça o engajamento que auxilia no desenvolvimento pedagógico da criança nas atividades relacionadas que a BNCC cita e

direciona para essa capacidade e habilidades envolvidas que há aprendido sim através do brincar.

O sistema tecnológico tem diversas formas de planejamentos de ensino amplo para motivar as crianças no ambiente escolar e contribui com as atividades coletivas em sala de aula para as crianças com TEA, mas a tecnologia não é só uma ferramenta para a gamificação no processo de ensino, existe outra forma de ensinar as crianças usando os jogos analógicos para que possam interagir e participar das atividades em sala de aula e ter uma formação adequada no desenvolvimento social e aprendizado

O brincar, como um instrumento de aprendizagem e como parte do processo educativo, é visto pelos educadores da primeira infância desde país como essencial para as crianças pequenas, enfatizando a importância do brincar para o desenvolvimento das habilidades de manipulação, descoberta e raciocínio. (MOYLES 2006, p. 46). É nas brincadeiras que as crianças desenvolvem capacidades e habilidades importantes como atenção, memorização, imitação, lógica e imaginação

A metodologia de ensino da gamificação traz inovação e práticas desenvolvida para modificar o aprendizado tradicional, o impacto nas crianças é positivo nos jogos lúdicos, pós promove um desempenho coletivo e individual, dessa forma a capacidade de entendimento é favorável para o conhecimento adquirido pela criança e nesse caso a ludicidade relacionando a utilização da gamificação traz o ambiente escolar diferenciado sobre a forma de ensinar, mas o grau de dificuldade na educação ainda é frequente pois ainda existe professores com ensino tradicional e isso prejudicar na formação da criança e falta de compreensão do educador para o educando .

O plano pedagógico é uma reconstrução de domínios que motiva o professor a ter uma compreensão do que está sendo aplicado em sala de aula, as atividades realizadas é um dos pilares que deve ser utilizados e ativos ao aprendizado que favorece o ensinar os discentes, as características dos jogos educativos estimula a interação e as relações sociais dos estudantes, pós contribuir com organização e a creditar no seu próprio potencial e também a facilidade do conteúdo aplicado em ambiente o escolar ,usando criatividade aos jogos tecnológicos e analógicos para atrair atenção das crianças com TEA e melhorar o desempenho e usa estratégias para que as crianças possa aprender a ler e escrever e ter capacidade de entender os conteúdos e a ter a facilidade sobre o conhecimento básico.

Os benefícios da gamificação para a educação é relevante pois tira a aula padrão e colocar uma forma mais esclarecida de aprender, que se utilizasse elementos dinâmicos e mecânicos que os jogos no sistema de uma estrutura do funcionamento se estabeleçam no processo de ensino incluindo a gamificação nas atividades relacionadas aos conteúdos utilizados pelos professores.

As aulas com dinâmicas o utilizando os jogos da gamificação torna as aulas mais interessante que faz o lúdico ter um ensino com olhar diferente, o desenvolvimento de habilidades envolver os alunos usando características que serão fundamentais nas próximas etapas de suas vidas, a autonomia é o processo que o professor apenas o guia para o conhecimento, a memória fornecer estímulos associados aos conteúdos que facilita no processo de estimulação.

A eficiência no aprendizado fornecer o fortalecimento na evolução da criança com TEA, pós dessa forma a criança possa descobrir suas dificuldades para que a correção de atividades pelo o educador permita o entendimento sobre os pontos fortes de cada aluno e permite que direcione os conteúdos que possa desenvolver com os alunos, então os jogos são uma ferramenta para desenvolver conhecimento e habilidade tecnológicas e analógicas, mas a maioria dos professores não utilizam as ferramentas de gamificação e sempre permanece no mesmo ciclo de padrão de ensino.

Educação está hoje rigorosamente segmentada, com o ensino descontextualizado, onde o aluno deve decorar o conteúdo de maneira passiva e individual. [...] As escolas utilizam ferramentas e sistemas de avaliação de ontem procurando formar pessoas para o amanhã. Estamos retornando às provas de múltiplas escolhas, enquanto nossos filhos jogam games cada vez mais ricos e complexos. Falta não apenas a visão de como deve ser a educação do futuro, mas inclusive quais são as habilidades essenciais para os profissionais e cidadãos de hoje. MATTA (2010, apud GALDINO, 2018)

Nesse contexto a educação com as crianças com TEA deve ser priorizada e não descartada, estimula a capacidade de conhecimento das crianças e explorar em atividades gamificadas e lúdicas para que a realidade da educação mude a forma de ensinar, pois para muitos educadores a criança com TEA é uma criança que nunca irá aprender, e por esses educadores terem essa forma de pensar, faz as crianças não terem a capacidade de aprender.

Os educadores devem pensar de forma complexa sobre o ensino diferente para ajuda na formação das crianças que necessita de apoio e principalmente o renovo de

conteúdo de atividades que deve ser gamificadas na utilização de jogos digitais e analógicos que estimula a coordenação motora dos educandos e também a participação dos pais com as crianças em relação em atividades passada pelos educadores em casa, nessa forma o apoio e organização as crianças podem adquirir conhecimento e capacidade de aprender conteúdos usando a gamificação lúdica e criatividade para a educação.

A contribuição dos pais nesse processo vai servir para que os seus filhos tenham mais chances de conseguir alcançar a alfabetização, visto que a continuidade e a sequência de boas estratégias voltadas para casa também terão sua relevância diante do desenvolvimento da criança [...] (LIMA,2019, p.63)

A participação e ajuda dos pais em relação às atividades em casa são importantes para que o desenvolvimento seja positivo na educação, alcançando assim o objetivo proposto pelos educadores, pois auxiliando as atividades junto às crianças promove valorização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora estudos tenham sugerido que o uso excessivo de tela, como o associado a videogames, pode prejudicar crianças que têm TEA, não encontramos relatos que afirmam categoricamente tal posição. Como resultado, fica claro porque a gamificação tornou-se objeto de vários estudos, tanto na área educacional quanto clínica, com destaque para a população de alunos autistas.

Observamos que a maioria dos estudos se concentra em entender como a gamificação apoia o comportamento dos indivíduos com TEA e contribui para sua autonomia e como essa ferramenta na área educacional estimula a criança em seus processos de aprendizagem. No entanto, entende-se que a gamificação oferece muitos benefícios para as pessoas com TEA, incluindo melhor foco, atenção, aprendizado convincente, ativo, significativo, compreensão nas rotinas de sala de aula, engajamento nas atividades e autonomia.

Finalmente, prevemos que será crucial desenvolver pesquisas adicionais sobre o papel que os jogos têm no processo de aprendizagem de crianças autistas. Nesse contexto, é relevante a importância da ciência e da tecnologia nesta promoção da aprendizagem, do engajamento e do desenvolvimento das habilidades de crianças e jovens autistas.

Segundo os autores, da era da internet as tecnologias móveis, bem como os recursos de comunicação e computação, deram origem a dispositivos móveis inovadores com soluções significativas para a área da saúde, principalmente para auxiliar especialistas na detecção precoce do TEA.

O surgimento de novas tecnologias promete soluções significativas em um futuro próximo. Além disso, a penetração de smartphones e sensores está crescendo, apoiando esse crescimento e motivando pesquisadores a criarem novas ferramentas para auxiliar pessoas com TEA.

“Quebrando Tabus - A mente de uma criança com Transtorno do Espectro Autista pode ser associada a um quebra-cabeças. Parece difícil de entendê-la no primeiro momento. Porém, quando utilizamos a metodologia certa as tornamos fácil e percebemos que as dificuldades podem ser superadas”. Jorge Tertuliano.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. G; Minho, M. R. S. & Diniz, M. V. C. Gamificação: diálogos com a educação. In: **Gamificação na Educação**. Pimenta Cultural: São Paulo, 2014. Disponível em: <[https://www.academia.edu/9139616/_eBook_-_PDF_Gamifica%C3%A7%C3%A3o_na Educa%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/9139616/_eBook_-_PDF_Gamifica%C3%A7%C3%A3o_na_Educa%C3%A7%C3%A3o)>. Acesso em 31/03/2020.

BELO, Rafael Alexandre; DA FONSECA, Thanyere Cavalcante. A relação entre autismo, família e aprendizagem, em artigos da base de dados Scielo (2003-2019). **Temas em Educação e Saúde**, p. 118-132, 2020.

BLANCO, Gisela. Verbete Draft: o que é Gamification. **DRAFT**. 2015. Disponível em: <https://www.projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-gamification/>. Acesso em: 15 de Ago 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALLEGARI, Jeanne; VEROTTI, Daniela Talamoni. **A inclusão que ensina**. Rev. Nova escola, São Paulo: Ed. Abril, jul. 2009. Disponível em: < revistaescola.abril.com.br/formacao/inclusao-ensina-511186.shtml >. Acesso em: 06 SET. 2022.

CAMPOS, Sionara Camargo. **O Papel do Psicopedagogo no Atendimento de Crianças com Transtorno do Espectro Autista**. In: VARGAS, Rosanita Moschini; GLAT, Rosana (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

FAZ, Educação e tecnologia. **Gamificação na educação: o que é e como pode ser aplicada**. 2021. Disponível em: <https://www.fazeduacao.com.br/gamificacao-na-educacao>. Acesso em: 12 de Set 2022.

FERNANDES, Alexandra AS. **Autismo**. Clube de Autores, 2016.

LIMA, Nara R.C. **Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista: representações do professor**. 2019.160.f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde)_Programa de pós – graduação em saúde da criança e do adolescente, Universidade Federal De Pernambuco, Recife 2019.

LOPES, Mario Marcos; NASCIMENTO, Luciana Maria Campos Fernandez. Autismo, interação e aprendizagem: uma relação através do afeto. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 14, n. 2, p. 25-38, 2019.

MATTAR, João. **Games em educação: como os nativos digitais aprendem**.

São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MONTEIRO, Claudia Guerra et al. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: INTERVENÇÃO E APRENDIZAGEM. **BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia**, v. 29, n. 23, p. 1-11, 2021.

MOYLES, Janet R. **A excelência do brincar: a importância da brincadeira na transição entre Educação infantil e anos iniciais**; tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre Artmed, 2006.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo**. Editora Best Seller, 2016.

ORRÚ, Silvia Ester. **Aprendizes com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes**. Editora Vozes Limitada, 2016.

PIECZKOWSKI, Silvane Inês; MACIEL, Ana Luiza Barbosa; RECH, Tatiana Luiza. Transtorno do espectro autista (TEA) e aprendizagem escolar. **Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta-RS**, v. 7, n. 01, p. 300-308, 2020.

SALVADOR, Nilton. **Autismo: deslizando nas ondas**. Editora AGE, 2016.

SERRA, Dayse. Sobre a inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria. **Revista de Psicologia**, v.1n2, p.163-176, jul./dez. 2010. Fortaleza: UFC. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17533>. Acesso em: 06 SET. 2022.

SILVA, Laíza Ribeiro. **Unir gamificação e psicologia pode ajudar aprendizagem de criança com autismo**. *Jornal USP*. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/unir-gamificacao-e-psicologia-pode-ajudar-aprendizagem-de-crianca-com-autismo/>. Acesso em: 20 de Set 2022.

SILVA, Luciana Ferreira da. (orgs.) **Psicopedagogia – Recursos e Práticas Clínicas**. Rio de Janeiro: Wak editora, 2018.

WILLIAMS, Chris; WRIGHT, Barry. **Convivendo com Autismo e Síndrome de Asperger**. São Paulo: M. Books, 2008.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. M. Books Editora, 2019.

Capítulo 4

As dificuldades do processo de aprendizagem de leitura e escrita na educação infantil

Marília Balbi Araújo

Simone de Souza Medeiros

Silvane Souza Magalhães

Inalda maria Martins Olímpio

Ygor Geann dos Santos Leite

Resumo: O objetivo geral deste trabalho é abordar as dificuldades do processo de aprendizagem de leituras e escrita na Educação Infantil. O estudo mostra os desafios enfrentados pelos docentes durante o processo de ensino por meio de uma análise qualitativa e bibliográfica de publicações sobre o assunto, a fim de sustentar as ideias aqui expostas. O primeiro capítulo é o responsável por esclarecer o processo de aprendizagem da leitura na educação infantil, enquanto o segundo capítulo realmente aborda o assunto e trata de questões que surgem em sala de aula à medida que os alunos aprendem a ler e escrever. A importância do apoio dos professores aos seus alunos neste momento em que a aprendizagem em diversas áreas é crucial foi discutida durante o desenvolvimento do trabalho. Como resultado, algumas das estratégias que os professores podem empregar para ajudar os alunos a aprender a ler, serão apresentadas.

Palavras-Chave: Dificuldade. Processo. Aprendizagem. Leitura.

Abstract: The general objective of this work is to approach the difficulties of the reading and writing learning process in Early Childhood Education. The study shows the challenges of teaching processes during a qualitative and bibliographic analysis of publications on the subject, an end of support for those exposed here. The first chapter is the learning process of reading learning in education, actually the second chapter addressed the subject and the treatment of issues that arise in the classroom as students learn to learn and learn. The importance of teachers to their students at a time when learning in different areas is crucial to support during the development of the work. As a result, some strategies that teachers can employ to help students learn to read will be presented.

Keywords: Difficulty. Process. Learning. Reading.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo enfoca o valor da leitura na educação infantil e como ela pode ser usada como uma ferramenta poderosa para aumentar o vocabulário das crianças e a compreensão do mundo além de sua comunidade imediata. Ele apresenta algumas considerações sobre o papel da escola na leitura para crianças.

Diante da preocupação com o desenvolvimento do conhecimento, justifica-se que é indispensável que as práticas da leitura assumam desde cedo, ainda na infância, o papel fundamental na formação de futuros leitores, estimulando a leitura de tal forma que seja algo prazeroso e não obrigatório, aguçando o imaginário e ampliando o vocabulário das crianças.

Partindo deste pressuposto, será abordado também os fatores positivos que oportunizam crianças a lerem na escola e fora dela, relacionando fatores positivos com abordagens de ensino que enfatizam a importância da leitura. Por causa do fascínio pelo assunto. As dificuldades para aprender a ler na educação infantil podem ser atribuídas a uma investigação sobre o ensino da leitura em sala de aula, com o objetivo principal de discutir o significado do assunto para os jovens aprendizes. Assim, o professor pode utilizar a leitura em sala de aula para desenvolver conteúdos variados, recapturando a essência da leitura infantil e incluindo atividades lúdicas.

Um dos maiores desafios no campo da educação infantil atualmente é encontrar uma forma de implementar práticas pedagógicas que atendam às necessidades das crianças durante o processo de aquisição da leitura em ambiente de sala de aula. No entanto, este artigo realiza uma análise bibliográfica que garante um embasamento teórico na discussão da leitura na educação infantil e seu desenvolvimento. Acreditamos que a leitura pode contribuir para que o sujeito se torne um cidadão mais consciente, com uma visão mais ampla do mundo, e ajudando na transformação de si e da realidade em que se vive. A leitura precisa ter e fazer sentido ao aluno leitor, pois é um processo em que o aluno, realiza a construção e a compreensão do significado do texto.

O leitor seleciona as informações que melhor atendem suas necessidades, para que assim ele compreenda, identifique as informações implícitas e explícitas que possam estabelecer relações entre os textos lidos. Desta forma faz –se necessário a escola resgatar o valor da leitura, como um ato de deleite e requisito para a emancipação social.

A leitura nunca se fez tão necessário nos bancos escolares, pois sem ler, o aluno não sabe resumir, resgatara a ideia principal do texto, analisar, criticar, julgar e posicionar-se: sem o hábito da leitura de jornais, revistas e livros, os alunos sentem dificuldade em elaborar e interpretar textos, tendo isso exposto, este artigo visa ajudar educadores e leitores na busca de conhecimentos por meio da exploração de publicações escritas.

Através da apreciação de textos o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, a leitura faz o ser humano viajar no(s) mundo(s). Sem a leitura não é possível efetuar pesquisas, por isso o educador precisa proporcionar momentos que promovam a importância de se estabelecer uma rotina prazerosa de leitura, pois disso dependem outros elos no processo de educação.

2. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), referencial que orienta as práticas educativas, afirma que as interações e as brincadeiras são componentes importantes da educação infantil. E é a partir deste ponto que deve ocorrer o processo de leitura e escrita na educação infantil. A criança deve compreender a função social da leitura e da escrita, o propósito por trás de fazer as duas coisas e o resultado dessa atividade. Então, eu vou entender a necessidade de alfabetização quando chegar a hora. Como resultado, é importante fornecer muitos gêneros textuais; sem se preocupar com os níveis de dificuldade, o que importa é a experiência, a interação com as mídias de leitura e escrita etc. A leitura também pode ser vista em atividades cotidianas, como ler sinais, recibos e imagens.

Paulo Freire (2000) vê a leitura como uma forma de aprender sobre o mundo e afirma que a leitura não se concentra apenas na decodificação das palavras escritas, mas também antecipa a inteligência do mundo. Para garantir que as crianças tenham a oportunidade de ler dentro e fora da escola, a escola deve incentivar a leitura como um todo. Ao identificar métodos de ensino que priorizam a leitura, isso ajudará as crianças a entender o significado do processo de leitura como um todo.

A leitura pode auxiliar na emancipação do sujeito tornando - o uma pessoa mais consciente e com uma visão mais ampla do mundo e, com isso, auxiliando na transformação tanto do sujeito quanto da sociedade em que vive. Quando o professor solicita que os alunos apenas leiam os livros didáticos durante as atividades de aula,

nenhum leitor é desenvolvido. Como resultado, os professores devem empregar métodos e recursos para proporcionar aos seus alunos experiências de leitura diferentes das usuais. A leitura é uma ferramenta útil para adquirir conhecimentos relativos ao mundo exterior. Ela amplia e aguça o vocabulário e auxilia no desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo, pois possibilita o contato com muitas ideias e experiências.

O processo de aprendizagem na educação infantil vai além do processo de alfabetização da criança e se concentra em sua capacidade de desenvolver suas habilidades motoras, afetivas e sociais. De acordo com o Currículo Nacional de Referência para a Educação Infantil (RCNEI), a compreensão da leitura nas línguas escrita e falada deve ser vista como um componente crucial para ajudar as crianças a participar de uma ampla gama de atividades sociais. Nela, a linguagem é vista como um dos fundamentos da educação infantil, enfatizando a necessidade de preparar o sujeito para a comunicação com os outros. Aprender a ler envolve mais do que apenas decodificar palavras; envolve também desenvolver seus significados culturais e as maneiras pelas quais as pessoas dentro de um determinado contexto sociocultural compreendem, interpretam e retratam a realidade.

A aquisição da linguagem oral e escrita é um dos componentes que auxilia a criança a aumentar suas oportunidades de inclusão e participação em diversas atividades sociais (RCNEI, 1998, p.117). Como resultado, a leitura é básica e essencial à vida humana, pois permite ampliar seus conhecimentos sobre literatura. O meio em que a criança está sendo imersa auxilia teoricamente no processo de aquisição da alfabetização. Se ela for criada em uma família com hábitos de leitura, suas chances de adquirir o hábito com sucesso são maiores. Caso contrário, ela só terá acesso ao incentivo à leitura na escola, o que dificultará seu processo de aquisição.

3. O QUE DIFICULTA A APRENDIZAGEM DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As dificuldades com a leitura estão presentes no cotidiano escolar, afetando todos os tipos de aprendizes, sejam crianças pequenas, adolescentes ou adultos. Como resultado, isso representa um desafio para professores, comunidade escolar e qualquer pessoa que conviva com uma pessoa que luta com leitura. Para que todos trabalhem juntos para corrigir essa deficiência, é preciso mais esforço e dedicação na realização das atividades educativas. Essas dificuldades despertam a curiosidade do professor à

medida que o levam a buscar explicações sobre porque um aluno está deixando de seguir o curso pretendido. Isso leva o professor a formular metas e estratégias para ajudar seus alunos a superar essas dificuldades, para que possam avançar para níveis mais aprofundados de aprendizagem. A batalha nunca é fácil, mas quando bem-sucedida, os resultados positivos fazem todo o esforço valer a pena.

Por muito tempo, alunos com essas necessidades e dificuldades foram desconsiderados ou maltratados; mas, atualmente, esse fato não pode ser descartado, necessitando de pesquisas e soluções que assegurem seu direito a uma educação de qualidade portanto, compreender, reconhecer e trabalhar para superar as dificuldades de leitura e escrita são habilidades fundamentais para qualquer professor, principalmente para aqueles que lecionam no primeiro ciclo do ensino fundamental. Se esses professores desconhecem esses fatos, não poderão lidar ou desenvolver o seu trabalho de forma eficaz devido à falta de conhecimento.

As duas principais dificuldades que podem ser encontradas são as relacionadas à linguagem e ao comportamento. As dificuldades de linguagem aparecem quando o aluno apresenta dificuldades de comunicação, pois a forma como se fala interfere na comunicação e pode ser resultado de fatores como sentimentos, emoções ou atitudes perturbadoras. É importante notar que embora existam certas diferenças linguísticas que devem ser observadas, as que merecem atenção especial são aquelas que impedem a leitura e a escrita dos alunos. Como dislexia, dislalia e disgrafia. Para auxiliar o aluno no processo de aprendizagem, profissionais auxiliares, como psicólogos, identificam as dificuldades comportamentais. Podemos elencar os transtornos atencionais e de concentração como o Transtorno por Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Desordem de Déficit de Atenção (DDA) e Transtorno Obsessivo Compulsivo como algumas das dificuldades e diferenças inerentes aos educadores no processo educacional (TOC). Disgrafias, disortografias, disfasias, afasia e dislalia são exemplos de dificuldades no processamento da informação. Em relação às dificuldades de leitura e escrita, a dislexia é o principal problema. A dislexia é uma dificuldade de aprendizagem que afeta a leitura e a escrita, bem como a fala. Também pode causar problemas de memória, ortografia, domínio do alfabeto e números.

Nos estágios iniciais da leitura, o educador pode conectar palavras e figuras em um esforço para descobrir um padrão. A tendência é que as pessoas não entendam palavras que não soam como o que dizemos quando falamos no início do processo. A

maioria dos educadores relaciona o processo de alfabetização à codificação e decodificação de símbolos gráficos. Segundo Cagliari (1989, p. 26), alfabetização: Parte-se do princípio de que o aprendiz deve apenas conhecer a estrutura do trabalho escrito, sua divisão em unidades e seus princípios fundamentais, que incluem principalmente algumas ideias sobre a relação entre o trabalho escrito e oralidade, a fim de cumprir os pré-requisitos, aprender e desenvolver as atividades de leitura e produção de trabalhos escritos. A relação entre o aluno e o conhecimento é possibilitada pela aquisição da escrita, pois, com isso, o educador poderá estabelecer uma relação entre a escrita e o mundo exterior, exibindo uma perspectiva que é moldada pela experiência do aluno.

A frase "dificuldade de aprendizagem tem muitos significados e nuances, e pode resultar de comportamentos divergentes que levam o aluno ao fracasso." DA-Dificuldades de Aprendizagem na Escola é um sintoma que o professor percebe inicialmente nos alunos e pode ter diversas causas. Para muitos jovens, aprender é um desafio. No entanto, isso não significa que os alunos não estejam aprendendo; em vez disso, significa apenas que eles têm pontos de aprendizado fortes e fracos. Isso ocorre porque cada educador tem um conjunto único de habilidades que os diferenciam um do outro. No entanto, nas escolas, espera-se que todos aprendam da mesma forma, pois muitos professores frequentemente ensinam usando a mesma metodologia, o que é um dos fatores que contribuem para os problemas de aprendizagem. No entanto, muitos acadêmicos afirmam que, embora a paciência e a dedicação por parte de professores e alunos possam ajudar a resolver problemas de aprendizagem em sala de aula, resolver deficiências de aprendizagem exige mais.

O ato de ler não é apenas um subproduto do processo educativo; também significa um avanço significativo no desenvolvimento social de uma determinada sociedade. Ao ler, o aluno melhora suas habilidades linguísticas e se torna um indivíduo mais extrovertido, integrado a um grupo social que tem suas próprias vidas e histórias individuais.

Em contraste, entender a mensagem incluída no texto é mais crucial quando se trata de entender o que está sendo lido. Como resultado, a compreensão do texto como um todo se dá por meio da extração e organização da linguagem. O processo de decodificação envolve mais do que apenas diferenciar ou identificar as letras, palavras e símbolos; envolve também unir os símbolos com os sons. As dificuldades de aprendizagem que podem surgir nessa fase incluem erros cometidos na leitura de

palavras, frases e textos inteiros, além de leitura lenta ou até mesmo repetições desnecessárias.

Uma das fases da educação básica conhecida como educação infantil retoma a preocupação com os desafios da aprendizagem do ponto de vista pedagógico. A razão para isso tem sido a atenção que tem sido dada à definição do conceito de educação infantil, posição que facilitou a compreensão de como ela visa acelerar o aprendizado de crianças com dificuldades de leitura. Nessa abordagem, a aprendizagem pode, sem dúvida, ser vista como um componente essencial da educação infantil pelo que significa quando bem praticada. No entanto, a aprendizagem envolve desafios que testam as estratégias de ensino e leitura utilizadas em sala de aula, segundo Tedeschi (2007).

As dificuldades de aprendizagem afetam as crianças como um todo, sejam elas causadas por imaturidade, hiperatividade, apatia, questões emocionais relacionadas à família ou até mesmo diferenças interpessoais mais complicadas. A reflexão de um professor sobre seus métodos de ensino ou uma possível mudança de atitude provocada por essa reflexão pode acabar ficando aquém das expectativas por falta de esforço, dedicação ou até mesmo falta de treinamento. (TEDESCHI, 2007, p. 18.)

Segundo Fonseca (1984), a linguagem é constituída por um arcabouço estrutural formado por fonologia, léxico, morfologia, semântica e sintaxe. Segundo Vitor Cruz (2009), no entanto, a compreensão e a decodificação são os dois principais componentes que compõem a leitura. O processo de decodificação envolve reconhecer e identificar as letras, símbolos e palavras, enquanto a compreensão envolve aprender as informações fornecidas no texto.

Segundo Antunes (2008), o problema com a aprendizagem do aluno pode ser visto em crianças que apresentam baixo desempenho acadêmico em uma ou mais áreas, como dificuldade de se expressar verbalmente, problemas de compreensão oral, dentes mal alinhados, dificuldade de compreensão básica de leitura, dentre outras coisas.

Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um problema que está ligado a uma série de fatores e pode se manifestar de diversas formas, incluindo transtorno, dificuldades significativas na compreensão e uso do ouvido, dificuldades falar, ler, escrever, raciocinar e desenvolver habilidades matemáticas. Essas alterações não são pessoais para o indivíduo e podem ser causadas pela falha do sistema nervoso central. Podem ocorrer durante todo o período crítico. Essas dificuldades de aprendizagem também podem vir acompanhadas de questões de conduta individual, percepção social e

interação social, embora essas questões não se estabeleçam como dificuldades de aprendizagem em si. (GARCA, 1998, p. 31-32)

4. CONCEPÇÕES DE LEITURA

Desde os primórdios da civilização, o homem busca habilidades que tornem a vida em sociedade mais útil. O desenvolvimento de ferramentas que possibilitem a disseminação do conhecimento torna-se uma necessidade de saber/poder que inspira respeito e admiração entre os companheiros de tribos. Consequentemente, é importante destacar o surgimento de escritos rudimentares, simbologias e, posteriormente, em estágio mais avançado de civilização, hieróglifos e obras de arte que simbolizavam sua própria e mais ilustre conquista, a conquista do conhecimento.

Nesse cenário, a escrita e a leitura emergem como partes integrantes da própria história da civilização, criando oportunidades por ser a fonte fundamental de todas as outras leituras. Como resultado, a ideia de leitura é para o sujeito uma porta aberta para a busca de informações. Por meio de várias leituras, um indivíduo desenvolve ideias, permitindo que se posicione em relação a vários textos, permitindo que desperte sua criatividade e sensibilidade, e desenvolva as habilidades necessárias para a construção e manifestação do mundo. A leitura é conceituada em três focos: a concepção cognitiva defendida por Piaget; a concepção sociointeracionista defendida por Vigotsky; e a concepção discursiva defendida por Henri Wallon. A partir deste ponto, faremos breves comentários sobre cada conceito.

4.1 CONCEPÇÃO COGNITIVA

O ato ou método de compreender estados e processos mentais, como reflexão, atenção, memória, julgamento, imaginação, pensamento, fala, aprendizado, consciência e emoções, é conhecido como cognição. Além disso, a cognição é a capacidade de entender algo e dar-lhe um significado mental. Segundo Piaget (1975), o sujeito passa por fases de desenvolvimento que refletem as mudanças pelas quais passou a raça humana: um processo de evolução natural.

De acordo com a teoria piagetiana, a finalidade da educação é apoiar o processo cognitivo do aprendiz. Viver em sociedade é essencial para a transformação de uma pessoa, segundo Vigotsky. Contribuímos para o conhecimento que possibilita o desenvolvimento mental do sujeito cognoscente através das relações que aprendemos a

ter com os outros. De acordo com a teoria de Vigotsky, as crianças se comunicam principalmente por meio da fala socializada. Só mais tarde ela será utilizada como ferramenta de pensamento com função de adaptação social. O discurso egocêntrico que ocorre entre o discurso socializado e o discurso interno dá suporte ao planejamento das etapas subsequentes, auxiliando na resolução de problemas dessa forma. Em Piaget, ocorre exatamente o contrário, ou seja, a fala egocêntrica seria uma transição entre o discurso socializado e o pensamento lógico, por um lado, e estados individuais não verbais, por outro.

Segundo Vigotsky (2001, pp. 27-37), para o ser humano, o meio está constantemente repleto de significados culturais, significados que só podem ser aprendidos com o auxílio de mediadores. Como resultado, Piaget coloca menos ênfase no fator cultural fundamental para Vigotsky, que é a distinção chave entre as duas teorias construtivistas. Ambos discordam sobre a ordem do processo de aprendizagem e desenvolvimento mental.

Segundo Vigotsky, o sujeito aprende de fora para dentro. Dito de outra forma, o que o sujeito vê, internaliza e desenvolve. Ao contrário do que Piaget acreditava, segundo sua teoria, um sujeito aprende de dentro para fora por causa de características humanas inatas que fazem com que os sujeitos desenvolvam seu próprio aprendizado.

4.2 CONCEPÇÃO DISCURSIVA

Sabemos que o pensamento discursivo é expresso verbalmente e organizado linguisticamente. Essa ideia parece sugerir que um ser humano deve pensar antes de falar para saber se pode se comunicar claramente diante de uma ideia. Henri Wallon (2001) tem uma conversa sobre a psicogeografia da pessoa total. O interesse em compreender como o sujeito se desenvolve exige o diálogo com outros pontos de vista e campos teóricos que abordam o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

A teoria de Wallon sugere que as dicotomias clássicas de pensamento – a dicotomia entre o orgânico e o social, entre o indivíduo e o todo – podem ser superadas. Por meio dela, vemos que as relações entre as características inatas e as adquiridas socialmente nas interações entre os indivíduos e seu grupo são dimensões que não excluem o potencial um do outro, mas estão sempre trabalhando em conjunto para moldar o sujeito.

O fundamento da teoria de Wallon são as conversas e diálogos que ele estabelece com crianças entre cinco e onze anos para identificar a característica proeminente do pensamento infantil. Sabemos que o pensamento científico só pode avançar em momentos de sincretismo, quando as ideias colidem e criam confusão que pode levar à invenção de novas ideias. Este é um ponto de vista interessante, pois, por um lado, o sincretismo infantil é uma condição que vai mudar e, por outro, nunca é suficiente por si só. O sincretismo é reconhecido por Wallon (2001) como a característica primária do pensamento infantil. Finalmente, em psicologia, o adjetivo sincrético frequentemente se refere à natureza geral e confusa do pensamento e da percepção infantis.

4.3 CONCEPÇÃO SOCIOINTERACIONISTA

O Sociointeracionismo enfatiza a importância do sujeito em relação ao seu meio. A partir disso, considere sua importância para a experiência de leitura e tenha em mente que a interação com o texto é como realmente ocorre a comunicação com os leitores, que é como se percebe mais produtividade. Como resultado, percebe-se que ela se mostra essencial para a aquisição do conhecimento. Como tal, a interação é o processo pelo qual um sujeito se envolve tanto com sua própria cultura quanto com a de outro. Como as crianças não são passivas, as teorias sociointeracionistas veem o desenvolvimento do recém-nascido como um processo dinâmico. As mesmas pessoas estão desenvolvendo suas capacidades cognitivas e aprimorando suas habilidades linguísticas por meio do contato com seus próprios corpos, objetos em seu ambiente e interações com crianças e adultos.

Segundo Vigotsky, a participação na sociedade é fundamental para a transformação do ser humano em um sujeito capaz de desenvolver seu próprio conhecimento. Por meio da interação dos aprendizes, suas capacidades cognitivas são desenvolvidas, levando a uma melhora nas relações interpessoais. O termo "sociointeracionismo" distingue o construtivismo de Piaget da corrente teórica de Vigotsky. Ambos são construtivistas e reconhecem que o conhecimento é criado por outros meios que não os seres humanos e não surge nem é adquirido por eles.

Mas há uma diferença entre Piaget e Vigotsky. De acordo com a teoria de Vigotsky, as crianças se comunicam principalmente por meio da fala socializada. Só que eventualmente será usado como ferramenta de pensamento com função de adaptação social. O discurso egocêntrico que ocorre entre o discurso socializado e o discurso

interno dá suporte ao planejamento das etapas subsequentes, auxiliando na resolução de problemas dessa forma. Em Piaget, ocorre exatamente o oposto, ou seja, a fala egocêntrica serve como uma transição entre o discurso socializado e o pensamento lógico, por um lado, e os estados mentais individuais não- verbais, por outro."[...] O ser humano, o meio é Sempre revestido de significados culturais, significados estes que só assim aprenderam com a participação dos mediadores", escreve Vigotsky (2001, pp. 27-37). Com base na discussão, parece que Piaget enfatizou o fator cultural fundamental para Vigotsky; esta é a diferença entre as duas teorias construtivistas. A ordem do processo de aprendizagem e desenvolvimento mental também difere entre os dois.

5. O DESPERTAR DO PRAZER DE LER

Sabendo que as crianças podem se tornar leitores entusiastas, é lógico que isso pode acontecer quando os professores empregam estratégias para fazer com que o aluno sinta o valor da leitura. A leitura exige que o leitor se engaje na construção ativa do significado do texto. Por isso, parece difícil para um professor ou professora que não lê conseguir estimular a leitura das crianças. Se uma criança vem de uma família que não lê e encontra um professor ou professor no mesmo ambiente, pode ter dificuldade em entender como a leitura contribui para o desenvolvimento social.

Os professores que gostam de ler são especialmente importantes nos primeiros anos da educação de uma criança porque é difícil inculcar o amor pela leitura em uma criança cujos principais modelos adultos não compartilham desse entusiasmo. Portanto, o educador precisa de uma concepção cristalina de leitura para cultivar leitores reflexivos

As crianças podem usar a literatura para imaginar cenas de outras realidades culturais e até de outros mundos através do uso de palavras, tornando a literatura uma boa forma de estimular a criatividade, além de aumentar o vocabulário e o conhecimento e permitir que os alunos vejam o mundo através de uma lente mais ampla e com mais nuances.

A leitura é uma maneira fantástica de garantir que seu filho adquira esse conhecimento. Ao ler livros, as crianças são expostas a novas experiências e locais e, como resultado, aprendem um vocabulário muito maior do que as palavras que ouvem em casa. Além disso, esteja você ouvindo ou lendo a história, estar imerso na narrativa ajuda a desenvolver suas habilidades de interpretação textual. Com a prática, ela é capaz

de entender os personagens e eventos da história apenas a partir do texto, ao mesmo tempo em que estabelece conexões entre o texto e as imagens em um livro ilustrado. Isso pode ajudá-lo a se sentir mais confortável com conceitos abstratos e desenvolver sua capacidade de articular seus pensamentos e sentimentos com mais clareza. Muitas das crianças não gostam de ler, até mesmo porque seus pais não incentivam os mesmos, então é preciso criar esse hábito como? Não será nada fácil, mas, na escola é preciso que os educadores levem as crianças para a biblioteca, pois é um lugar calmo, tranquilo que as crianças possam ficar bem calma para fazer suas respectivas leituras.

Mas, esse lugar é necessário que seja atraente para elas, onde tenha pufs um lugar que seja bem colorido enfim que seja atraente para elas, para assim estimular cada uma delas, que esse ambiente seja acolhedor, que essa biblioteca seja um lugar no qual as crianças queiram voltar espontaneamente, em que as crianças se sintam felizes naquele ambiente.

Os educadores devem incentivá-los dando suas aulas e fazendo suas contações de histórias, que envolvam personagens e contos, pode-se envolver as crianças nesse conto. Com certeza as crianças vão se sentir felizes, e fará com que elas viagem no tempo. Podem também pedir que elas tragam seus livros preferidos de casa, para que assim todos possam participar dessa leitura, em específico podem ser leituras como se fosse de humor, como teatro, assim todos em conjunto façam suas leituras no ambiente escolar. O objetivo é estimular a imaginação de cada uma delas, tem muitas crianças que já temesse hábito de ler, mais ainda falta muito para que as crianças possam criar esse hábito.

A escola deve fazer projetos ter ideias para aprimorar a leitura com as crianças, tornando e incentivando-as devem fazer gincanas e até mesmo concursos, clube de leituras etc. A leitura faz uma grande diferença na vida do ser humano, por isso devemos incentivá-los todas as crianças a ler mais, quando se ler viajamos no mundo e adquirimos mais conhecimentos, com todo esse incentivo, futuramente teremos vários escritores por isso incentive a leitura.

A leitura ao longo dos primeiros anos de escola é bastante importante porque auxiliará no processo de alfabetização do aluno. O professor mediador no ensino fundamental deve utilizar uma proposta que reduza a codificação para desmistificá-la e garantir que o aluno possa compreender o que está sendo ensinado.

De acordo com PCNs (1997):

Para aprender a ler bem, é importante superar certos equívocos comuns sobre os estágios iniciais do desenvolvimento da alfabetização. O mais importante é que ler é apenas decodificar, transformar letras em sons, com a compreensão seguindo logicamente. Por causa desse mal-entendido, as escolas estão formando um grande número de "leitores" que podem decodificar qualquer texto, mas têm grande dificuldade em entender o que estão lendo.. (BRASIL, 1997, p.42)

O objetivo da leitura no ensino fundamental é desenvolver pensadores críticos que possam agir ética e moralmente e que desenvolvam uma visão de mundo que acredite que tudo pode ser mudado. Este objetivo também espera que, à medida que os alunos progredem no currículo acadêmico, eles sejam capazes de ampliar sua consciência intelectual e social e trabalhar juntos para criar uma sociedade mais justa. (MENEZES; OLIVEIRA, 2019)

As pessoas tendem a interpretar diferenças entre fatos, entre seres semelhantes, mas distintos, após a leitura. Através da leitura, pode-se alcançar o sucesso pessoal e profissional independentemente de sua classe social, raça ou país de origem. Eles também podem se entregar a fantasias, histórias e riquezas. Todos têm a capacidade de vivenciar os mesmos desafios e vitórias por meio da leitura, e todos podem adquirir conhecimentos únicos como consequência de seus próprios esforços pessoais.

O professor mediador deve incorporar a leitura na vida da criança de acordo com critérios para introduzir uma fonte de alegria e liberdade, descobrir formas de despertar a curiosidade da criança e tornar a experiência de leitura envolvente. É de extrema importância que o professor assuma o lugar dos personagens, pois isso tornará a leitura mais atraente na batalha para conquistar o jovem leitor. A leitura também estabelece um vínculo de amor por livros, bibliotecas, autores e situações em que os personagens podem participar ativamente e dinamicamente nas histórias.

É evidente que as atitudes de muitas pessoas em relação aos livros estão mudando hoje, e o avanço da tecnologia está deslocando a comunidade de leitores de obras escritas. No entanto, Silveira (2005) desafia essa crença ao afirmar o seguinte,

[...] Tudo o que o olho humano pode ver pode ser transformado em texto e estudado coletivamente, assim a mídia digital pode fornecer um serviço menor ao leitor, despertando seu interesse em novos métodos de produção e captura de informações. Para tanto, os meios eletrônicos abrem as portas para uma nova geração de saberes para acrescentar novos capítulos à contínua modernização da leitura. (SILVEIRA, 2005).

Segundo a autora, os novos avanços tecnológicos não terão impacto negativo na literatura escrita; em vez disso, eles fornecerão aos leitores mais opções para explorar textos, permitindo que eles leiam e visualizem textos em tempo real por meio de mídia visual. Para continuar atraindo as crianças e promovendo esse aprendizado, as bibliotecas devem ter recursos atraentes que capturem sua atenção. A partir da primeira interação visual, os alunos devem ser motivados a aprender mais sobre o que a biblioteca tem a oferecer. Sobre a biblioteca, Pimentel (2007) comenta que:

“[...] integra -se ao processo de ensino e aprendizagem como um centro de recursos com o objetivo principal de promover a alfabetização e o conhecimento. Como um bônus, pode ajudar a comunidade quando ela precisar. (PIMENTEL, 2007 p.23)

Com uma variedade de opções e recursos, além da dinâmica dos professores, uma biblioteca moderna e bem-organizada pode inspirar os alunos a se inserirem no universo literário. O professor pode demonstrar às crianças o valor da leitura nesse ambiente e apresentar ao aluno os diversos tipos de conhecimento que ele próprio está interessado em aprender. As escolas devem manter uma biblioteca dinâmica e ativa com projetos em andamento para atrair alunos. Essa atividade ajuda a estabelecer um cronograma organizado, principalmente para gerenciar o crescimento individual de cada aluno. É crucial que a metodologia utilizada pelos funcionários da biblioteca durante a visitas sejam adequadas para cada nível de rigor acadêmico.

O professor deve estimular seus alunos a utilizarem a biblioteca para que se tornem leitores ao longo da vida e não apenas adiram às exigências do currículo. Com o objetivo de aproximar o aluno do acesso à leitura, o professor começa a ganhar tempo à medida que a turma começa a se familiarizar com a biblioteca. Desta forma, espera-se que os alunos sejam capazes de desenvolver o gosto por visitar a biblioteca desde os primeiros anos.

Para melhor aplicar seus conhecimentos acadêmicos em sala de aula, o professor, como mediador, deve manter uma relação positiva com o trabalho dos alunos. Nessa perspectiva, Andrade e Martins (2006, p. 130) afirmam que "o professor é um agente que busca 'insumos' para trabalhar a sua leitura e a de seus alunos". Importante que o professor procure recursos em muitos lugares, como jornais, revistas, internet etc., e use a ajuda deles para posicionar e desenvolver seu plano de aula.

6. FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCACAO INFANTIL

Se houver alguma dúvida sobre a identidade do profissional, por outro a educação e as instituições devem considerar como o lugar da criança no mundo mudou, mudando a forma como ela se percebe em uma sociedade globalizada. A infância é uma construção social que muda com as diferentes sociedades. Sempre houve crianças, mas a ideia de infância como um grupo reconhecido e distinto de seres humanos com idades entre 0 e 18 anos (conforme declarado na Convenção sobre os Direitos da Criança) e características identificadoras únicas é uma ideia mais recente que emergiu da modernidade. É crucial notar como as concepções de diferentes sociedades sobre onde as crianças pertencem podem mudar mesmo dentro de uma mesma sociedade, dependendo de fatores como grupo racial ou étnico, nível socioeconômico etc. (SARMENTO, 2001). Os interesses das crianças são priorizados pela globalização, que tem levado ao aumento das disparidades geracionais provocadas pela universalização econômica.

No entanto, mesmo que uma criança tenha recebido um reconhecimento especial nesse processo, ela ainda está sujeita a uma maior desigualdade econômica e social, fazendo com que nem todas as crianças tenham acesso às mesmas oportunidades: "Os efeitos contraditórios e complexos produzidos por essa dupla polaridade tornam incerta a identidade contemporânea da criança" (SARMENTO, 2001, p.16).

Em conclusão, várias mudanças afetaram a sociedade em geral nos últimos anos, bem como a educação e os professores/professores em particular. Esses profissionais devem se adaptar às novas demandas e situações inéditas vivenciadas por famílias, grupos de crianças e jovens que compartilham um espaço educacional e institucional.

A escola se vê agora obrigada a mudar seus procedimentos, pois deve absorver essas mudanças e lidar com as novas formas de pensar e agir trazidas pela tecnologia moderna. Anteriormente, a escola era uma instituição que terceirizava a transmissão de crenças sonoras, nos que foram passadas de geração em geração.

O papel da escola está sendo repensado à luz das mudanças tecnológicas em termos de suas funções educativas e informacionais e, com isso, o papel do professor também está sendo revisto. Alarco (2005) escreve em "Professores reflexivos em uma escola reflexiva" que o ambiente educacional precisa mudar com os tempos e que ela não é mais o repositório exclusivo do conhecimento.

Essa instituição produção precisa viver com outras formas de produção, comunicação e recriação dos saberes; já é um consenso e uma longa prática de que os professores não devem se opor às novas formas de conhecimento.

O educador deve ter a coragem de compreender a natureza humana e todos os seus mistérios. Essa atenção se torna ainda mais crucial durante os primeiros anos de vida de uma criança, porque é quando ela desenvolve as bases para seu futuro. O papel do educador é potencializar as habilidades cognitivas das crianças e auxiliar na formação do conhecimento.

O professor deve desenvolver habilidades de observação para reconhecer as necessidades de seus alunos e promover seu crescimento e acesso aos seus próprios mundos. Lembrando que quando as crianças saem de suas casas e entram em um ambiente diferente e repleto de muitas pessoas, a fase de educação inicial é quando elas passam por um processo de adaptação. Essa observação por parte de um profissional da educação também ajudará a identificar as principais preocupações e dificuldades que as crianças têm ao trabalhar esses temas em sala de aula.

A educação infantil apoia o desenvolvimento holístico da criança em todos os seus domínios físico, psicológico, intelectual e social, aumentando o apoio familiar e comunitário. Portanto, deve haver professores capacitados didática e pedagogicamente para acompanhar esse desenvolvimento do recém-nascido.

Inúmeros estudos mostram que muitos profissionais da educação infantil ainda carecem de formação adequada, recebem pouca remuneração e trabalham em condições de risco. A descoberta dessa realidade nacional perversa e desigual foi acompanhada nas últimas décadas por discussões sobre diversas concepções de criança, educação e a necessidade de uma nova profissão para atender às atuais demandas educacionais infantis.

É preciso reconhecer que o professor é peça-chave desse desenvolvimento para que uma educação de qualidade seja implementada. Ao trabalhar diretamente com crianças pequenas, um profissional deve possuir uma variedade de habilidades, desde cuidados básicos, mas cruciais, até conhecimento profundo de uma variedade de áreas temáticas. É fundamental que eles se comprometam com o desenvolvimento de sua prática educativa para que possam atender às demandas da família e da criança. Portanto, para que esse fato seja verdadeiro, o profissional deve ter formação constante na área em que atua. Eles também devem se tornar aprendizes ao longo da vida que

refletem sobre suas ações e buscam as informações necessárias para garantir que seu trabalho se desenvolva de forma eficaz.

Numerosos estudos e discussões têm se voltado para a formação de professores, o que tem resultado em uma útil coleta de dados e reflexões sobre o assunto. Ao levarmos em conta a formação educacional, situamo-nos no cenário educacional atual, focando nas principais características do professor alfabetizador, no significado da educação escolar e nas funções sociais da escola no mundo moderno.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste artigo possibilitou examinar algumas dificuldades de leitura e escrita no processo de leitura apresentadas pelos autores citados, que enfatizam o significado desse processo que vem sendo valorizado como um sistema que busca aprimorar os métodos utilizado pelo professor, fazendo com que o aprendizado do aluno se torne cada vez mais uma prática efetiva em ambientes educacionais.

Transmitem que, para que os professores tenham uma compreensão geral de como funcionam os processos de aquisição da linguagem e da leitura, eles devem estar cientes de que o conteúdo que precisa ser ensinado deve passar por uma transformação e, com isso, ser aprimorado.

A partir da realidade da criança, devemos observar o que ela compreende e em que nível de conceituação ela vê a leitura como um processo que se estende para além da sala de aula. Como resultado, pode ser importante notar que o sucesso do processo de leitura é facilitado pelo posicionamento do professor em estimular o aluno a descobrir o prazer de falar, ler e escrever e usar essas habilidades para desenvolver sua capacidade de pensando e crescendo. Isso é feito por meio de atividades significativas, como projetos em grupo, debates, contação de histórias e dramatização, levando em consideração o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Como resultado, um sujeito ator que se sente valorizado por participar desse processo de transformação e gosta e gosta de aprender o alfabeto tem perspectivas mais amplas sobre a vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. 4^a.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ANDRADE, B.A; MARTINS.I. Discursos de professores de ciências sobre leitura: Investigações em Ensino de Ciências – V11(2), pp. 121-151, 2006

BRASIL. PCN's, Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa, 1997.

COELHO, Franciane. A importância de ouvir História no Desenvolvimento Infantil. 2017. Disponível em:
<https://www.odontologiafrancianecoelho.com.br/2017/05/importancia-de-ouvir-historias-no-desenvolvimento-infantil/>.

MENEZES, Aurelania. OLIVEIRA, Maria do Socorro. Leitura nos anos iniciais: O despertar para o prazer da leitura na fase inicial da escolarização da criança. 2019. Disponível em:
<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/viewFile/2301/3489>

FONSECA, V. Uma introdução às dificuldades de aprendizagem. Editorial Notícias: Lisboa, 1984.

CRUZ, V. Dificuldades de Aprendizagem Específicas. Lisboa: Lidel, 2009.

ANTUNES, Celso. Professores e professores: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas. 2.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

GARCIA, J.N. Manual de dificuldades de aprendizagem, leitura, escrita e matemática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SARMENTO, M. J. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In R. L. Garcia et al (Org), Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

TEDESCHI, J. M. de. P. P. A professora da educação infantil e a alfabetização: relação entre a teoria e a prática. 2007. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2007

OLIVEIRA, Maria do Socorro Ribeiro de; MENEZES, Aurelania Maria de Carvalho. Leitura nos anos iniciais: O despertar para o prazer da leitura na fase inicial da escolarização da criança. Id on Line Rev.Mult. Psic., Dezembro/2019, vol.13, n.48, p. 944-954. ISSN: 1981-1179.

PIAGET, J. Seis estudos da Psicologia. Rio de Janeiro: Forense, 1985.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Capítulo 5

Dificuldades de aprendizagem dos alunos do 4º ano do ensino fundamental na disciplina de matemática: Uma revisão de literatura

Elizandra França Bento

Lady Ana Da Silva Mesquita

Miriam Carneiro Farias

Inalda Maria Martins Olímpio

Ygor Geann dos Santos Leite

Resumo: A matemática não deve ser apresentada como uma disciplina fechada e desligada da realidade. Considera-se que o papel do professor é de extrema importância para auxiliar seus alunos a conseguirem melhores resultados, consequentemente apresentando menos dificuldades. Esse estudo tem como objetivo compreender as possíveis dificuldades de ensino e de aprendizagem em matemática em alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Revisão de literatura, com buscas entre o período de Agosto a Outubro de 2022, de artigos científicos do ano de 2012 em diante, através da base de dados: Pubmed, Scielo, PKP e Google Acadêmico. Os dados foram obtidos a partir do acesso a cada um desses artigos. O ensino da matemática constrói sempre novos caminhos e possibilidades de conhecimento para o aluno. As dificuldades de aprendizagem em matemática podem estar relacionadas a vários motivos ou até impressões negativas proveniente do contexto social. O professor poderá promover um ensino contextualizado, que considere problemas da realidade e do cotidiano dos estudantes, tornando o ensino da matemática mais significativo. Conclui-se que o professor deve estar atento ao avaliar diariamente se seus alunos, assim como o desenvolvimento individual de cada um.

Palavras-chave: Dificuldades; Ensino-aprendizagem; Matemática; Desenvolvimento; Ensino Fundamental I.

Abstract: Mathematics should not be presented as a closed discipline disconnected from reality. Consider that the teacher's role is extremely important to help their students achieve better results, and consequently achieve less difficulties. This study aims to understand the possible difficulties of teaching and learning in mathematics in students of the 4th year of elementary school. Literature review, with searches between the period from August to October 2022, of scientific articles from the year 2012 onwards, through the database: Pubmed, Scielo, PKP and Google Scholar. Data were obtained from access to each of these articles. The teaching of mathematics built without results for new paths and possibilities of knowledge for the student. Learning difficulties in mathematics can be related to various reasons or even thoughtful social responses. The teacher will be able to promote a contextualized teaching, which considers the problems of reality and the students' daily life, making the teaching of mathematics more meaningful. Conclusion: It is concluded that the teacher must be attentive when evaluating his students daily, as well as the individual development of each one.

Keywords: Difficulties; Teaching-learning; Math; Development; Elementary School I.

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem é o processo de mudança comportamental adquirida a partir da experiência acumulada de fatores emocionais, neurais, relacionais e ambientais. A aprendizagem é o resultado da interação entre a estrutura mental e o ambiente. (BENKER e VIECELI et., al 2020). O objetivo de expressar dificuldades de aprendizagem é esclarecer de alguma forma as perguntas que os alunos estão fazendo no contexto educacional, reduzir a rotulagem clínica de crianças que apresentam algum tipo de dificuldade e abrir a possibilidade de diversas intervenções instrucionais. (SANTOS et al., 2022).

Vale destacar que uma das maiores dificuldades de aprendizagem dos alunos é a disciplina de matemática, na qual muitas áreas de estudo são consideradas uma tortura e podem levar ao insucesso acadêmico (SANTOS et al., 2022). É importante perceber a existência do conhecimento matemático e, claro, analisá-lo e aplicá-lo a inúmeras situações ao redor do mundo, pois a matemática contribui no desenvolvimento o raciocínio, garante um modo de pensar, assim como para a criação e amadurecimento de ideias que se transformam em liberdade, fatores socialmente relevantes. (DA SILVA et al., 2013).

É fundamental entender que a matemática não deve ser vista como uma temática fechada e desconectada da realidade. Portanto, a função do professor é de extrema importância para auxiliar os alunos a desenvolverem o gosto pela matéria, em buscar de obter melhores notas, assim como reduzir as dificuldades que assolam diversos alunos.

Como tal, as dificuldades de aprendizagem têm sido uma preocupação constante dos professores, das equipes gestoras e de toda a comunidade escolar, existindo muitas dúvidas sobre como lidar com cada dificuldade que os alunos levantam em sala de aula. Os educadores e professores que se dedicam ao ensino no início do ensino primário precisam compreender os conceitos científicos e dominar os métodos e procedimentos de ensino de várias disciplinas, incluindo: matemática. (SZYMANKI et al., 2007).

Para amenizar as dificuldades de alunos e professores no processo de ensino, é necessário trabalhar com os alunos em seus problemas do mundo real, bem como usar a criatividade, além de projetos que envolvam o desenvolvimento de hábitos de estudo, atividades lúdicas, para tornar os alunos desde cedo cidadãos socialmente engajados e ativos na resolução de problemas cotidianos.

Com base no exposto, esse estudo tem como objetivo compreender as possíveis dificuldades de ensino e de aprendizagem em matemática em alunos do 4º ano do Ensino Fundamental.

2. METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma revisão bibliográfica com objetivos exploratórios. Inicialmente, foram realizadas pesquisas sobre matemática no ensino fundamental I, em um contexto que envolve as dificuldades apresentadas pelos escolares sobre a matéria. Tendo como objetivo identificar concepções sobre os elementos de pesquisa, referidas em artigos nacionais, através da revisão de literatura.

A revisão bibliográfica é um dos primeiros passos para quaisquer modelos de trabalhos científico, é nele que o pesquisador ira ter o primeiro contato com a temática que irá ser abordada, buscando essas matérias através de livros físicos ou virtuais, sites de pesquisa ou em artigos científico.

Para o desenvolvimento do tema e da problemática, buscando explorar ao máximo a relação falta do aprendizado de matemática afeta o desenvolvimento cognitivo relacionado aos cálculos, com pesquisas através de base de dados como: Pubmed, Scielo, PKP e Google Acadêmico, com descritores: **dificuldades; ensino-aprendizagem; matemática; desenvolvimento; ensino fundamental I**. Após a pesquisa realizamos um dessecamento dos artigos encontrados, começando desde modo uma pesquisa descritiva para escrever o corpo do trabalho (desenvolvimento), com uma base de 15 artigos científicos, para que não houvesse um lapso temporal muito extenso entre os dados da pesquisa, todas as obras utilizadas datam-se do ano de 2012 em diante.

GIL (1999) cita que:

“Nas pesquisas descritivas, normalmente, os pesquisadores possuem vasto conhecimento do objeto de estudo, em virtude dos resultados gerados por outras pesquisas”.

Serão considerados para critérios de inclusão os textos mais próximos dos objetivos da pesquisa, como contextualizar, caracterizar e identificar a importância da matemática no ensino fundamental, como as dificuldades apresentadas pelos escolares na matéria, com dados preferencialmente concentrados em território nacional brasileiro. Para melhor apresentação, o projeto pretende analisar dados sobre os métodos de estímulo e solução para a melhoria dos alunos na matéria de matemática escolar.

Os educadores devem vivenciar atividades divertidas (jogos, brincadeiras, brinquedos). É um componente integral das relações humanas e a possibilidade do emocional, da alegria, do autoconhecimento, da cooperação, da autonomia, da imaginação e da criatividade, esta é uma metodologia indispensável para auxiliar as crianças no aprendizado da matemática.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. ENSINO DA MATEMÁTICA

As escolas são espaços privilegiados para a construção de conhecimentos, valores, desenvolvimento de competências, socialização e interação. Nesse sentido, diante das mudanças na esfera social caracterizada pelo desenvolvimento industrial e tecnológico, a escola assumiu o papel de promover uma ruptura com a mera filosofia pedagógica escolar, ou seja, nas escolas contemporâneas, tendo em vista que hoje as escolas não fornecem somente transmissão de saber e formação acadêmica, mas também disseminar o conhecimento, capaz de assumir um compromisso com a formação cívica, preparando cidadãos para a sociedade. (SILVA et al., 2012)

Essa visão se estende até certo ponto também ao ensino da matemática, principalmente nas fases iniciais do ensino fundamental, pois visa promover o desenvolvimento integral da criança, sobretudo para subsidiar o exercício da cidadania, trazer conhecimento escolar conectando-o com as experiências e interesses de seu filho. (SILVA et al., 2012)

A matemática exerce um papel decisivo na vida das pessoas, desde a infância a vida adulta, resolve problemas no dia a dia, tem muitas aplicações no campo de trabalho e é uma importante ferramenta para a construção do conhecimento em outras áreas. Da

mesma forma, interfere fortemente na formação das habilidades intelectuais, na estrutura do pensamento e acelera o raciocínio dedutivo dos alunos. (CURY, 2020)

Como cita os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) – Ensino Fundamental (1997), a matemática muitas vezes evoca dois sentimentos conflitantes nos professores e aluno: por um lado, a consciência de que esta é uma área importante do conhecimento; por outro lado, a insatisfação com os resultados negativos muitas vezes obtidos relacionados ao seu aprendizado.

Para Selbach (2012, p.40), o ensino da matemática, das séries iniciais aos cursos mais avançados de pós-graduação, se liga à vida e às relações humanas e, por esse motivo, ensinar matemática é fazer do aluno um ser plenamente envolvido em seu tempo e com uma capacidade de leitura coerente com o seu mundo, mas nem por isso justifica atacar com naturalidade o baixo desempenho dos alunos ou a tolice da crença de que matemática não é para todos. Com essas dificuldades, os alunos acabam evitando a matéria e criando dificuldades ao aprendizado individual e até mesmo coletivo.

Ainda para Selbach (2012, p.40), o ensino de matemática, no conceito moderno, é saber substituir um grande número de regras e técnicas sem lógica, aumentando a participação dos alunos na produção do conhecimento matemático, ajudando-os a aprender a resolver problemas, discutir ideias, examinar informações, e aceitar desafios de forma mais lúdica e criativa.

É muito importante que a existência do conhecimento sobre matemática seja compreendido, analisado e aplicado a inúmeras situações ao cotidiano, pois a matemática colabora diretamente no desenvolvimento do raciocínio lógico, garante um modo de pensar que possibilita a criação e maturação de ideias, o que se traduz em uma liberdade relevante à sociedade, fatores intimamente relacionados. Como tal, apoia e promove a interdisciplinaridade e a sua relação com outras áreas do conhecimento (filosofia, sociologia, literatura, música, arte, política, etc.). A matemática não deve ser vista como uma disciplina fechada e desconectada da realidade. (FONTE, 2019)

3.2 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA

Lima et al. (2019, p. 3) cita que as complexidades no ensino e posteriormente na aprendizagem da matemática podem estar relacionadas a diversos motivos, até mesmo impressões negativas no contexto social, falta de compreensão do significado ou até mesmo da forma como os professores lidam com isso. Observou-se que, na maioria das

escolas primárias e secundárias, as taxas de reprovação são altas e os alunos apresentam sérias dificuldades na compreensão da matemática e muitas vezes demonstram grande desinteresse pelo assunto.

Masola e Allevato (2019, p.8), Dificuldades na aprendizagem da matemática são vistas como dificuldades significativas no desenvolvimento de habilidades sobre a matéria, disse o relatório, esclarecendo que essas dificuldades podem estar relacionadas à deficiência intelectual, escolaridade ruim ou inadequada ou déficits visuais ou auditivos. Para Fonte (2019, p.38), a aquisição do conhecimento lógico-matemático é um processo pelo qual a criança passa por uma construção (ação) de dentro para fora, não por internalização, mas por contato interativo com o meio físico e em sociedade por meio da comunicação e divulgação social.

As dificuldades de aprendizagem estão intimamente relacionadas ao desenvolvimento social, pois o acesso à educação formal cria novas necessidades educacionais. Fonte (2019) cita em sua revisão as dificuldades de aprendizagem como:

"um grupo heterogêneo de Manifestada por dificuldades em adquirir e usar a compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e raciocínio matemático".

Dadas as possíveis explicações educacionais para as dificuldades de aprendizagem da matemática, muitas podem ser explicadas por diversos fatores ou problemas, tais como: reforço insuficiente ou insuficiente, alunos não tendo a oportunidade de praticar, porque materiais ou comportamentos específicos ajudam a compreender e aprender partes teóricas, ausentes Ou pouca instrução, falta de estímulo ou falso encorajamento, apresentação de dificuldades de habilidades, etc. Diante das dificuldades levantadas pelos alunos, é necessário encontrar mais formas de permitir que mais alunos entrem em contato, estimular a curiosidade e o prazer de aprender dos alunos e desenvolver o raciocínio lógico. (SANTOS, 2013).

3.3 PROFESSOR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA

Para Lima et al. (2019), acreditar que os professores serão capazes de promover o ensino contextualizado, considerar os problemas do mundo real e o cotidiano dos alunos, tornar o ensino de matemática mais significativo, investigar as dificuldades dos alunos, promover o aprendizado e se desenvolver adequadamente, levando em consideração que cada indivíduo tem um ritmo e capacidade de diferentes estilos de

aprendizagem e fornecer ensino de qualidade. E o professor deve conhecer a atitude dos alunos em sala de aula para poder fazer uma possível análise do nível de dificuldade apresentado.

Santos et al. (2007, p.37), cita que a mediação do professor é crucial, portanto, não apenas a aprendizagem mecânica, mas a reflexão sobre o que foi aprendido. Por sua vez, a mediação não se trata de fornecer as respostas, mas de raciocinar de forma segura e dinâmica, motivando o aluno, construindo com ele a evolução da aprendizagem nos momentos de dificuldade. Para Masola e Allevato (2019, p. 2), um dos maiores objetivos de qualquer professor é tornar-se cada vez mais competente com os conhecimentos pedagógicos necessários para legitimar o desempenho em sala de aula. Geralmente, o desenvolvimento profissional é vivenciado por meio da experiência docente e do conhecimento que os professores utilizam no processo de ensino.

O trabalho do professor se descreve como uma grande missão na sociedade, objetivando o discente a adquirir o conhecimento escolar, conectando informações cotidianas a situações formalizadas. Os educadores de hoje são desafiados a preparar uma nova geração para o mundo em que viverão, o que significa fornecer a educação necessária para que possam alcançar o que precisam para atuar com conforto e eficiência na sociedade em que vivem. (PAIS et al., 2020)

Os professores atribuíram às dificuldades de aprendizagem dos alunos a: imaturidade falta de autonomia, insegurança, medo de errar, dificuldades de assimilação e concentração, dificuldade de memória, dificuldade de soletração, necessidade de ajuda do professor e não realização de tarefas no tempo recomendado. No que diz respeito ao contexto, os professores se sentiram prejudicados no processo de instrução da aprendizagem dos alunos: necessidade de acompanhamento familiar, necessidade de encaminhamento para a área da saúde, principalmente psicólogos, fonoaudiólogos e médicos; necessidade de ensinar os alunos a organizar a mente, tentar pensar sozinho, para os alunos Dificuldade em estabelecer uma razão para prever o insucesso escolar entre irmãos que frequentaram a escola e/ou famílias cujos pais são químicos ou presos. (FONTES, 2019)

De acordo com Neto (2015, p.30), Os professores sabem que os conflitos de aprendizagem são comuns nas escolas e, como resultado, um grande número de alunos é encaminhado aos profissionais de saúde, como psicólogos, médicos, psiquiatras, entre outros. O autor enfatizou que o papel do professor no processo de aprendizagem do

aluno é de extrema importância, pois sua postura e atitude podem ajudar o aluno a atingir seus objetivos e ainda mais prejudicá-lo caso haja algum distúrbio de aprendizagem.

Santos et al. (2007, p.25) diz que é comum colocar sobre os educadores das séries iniciais do Ensino Fundamental a culpa pelas deficiências no conhecimento matemático dos alunos que frequentam e são promovidos nos diferentes níveis de escolaridade, com a justificativa de que matemática não é a especialidade deles. A constatação dessas deficiências, talvez seja justificada pela forma com que é trabalhada a matéria neste período. Isto exerce influência no desempenho futuro em matemática do aluno.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Segundo os PCN's (p. 42), é consensual a ideia de que não existe um caminho que possa ser identificado como único e melhor para o ensino de qualquer disciplina, em particular da matemática. No entanto, compreender as diferentes possibilidades de trabalho em sala de aula é essencial para que os professores construam sua própria prática. Dentre eles, destacam-se a história da matemática, a tecnologia da comunicação e os jogos como recursos que podem contextualizar problemas e ferramentas para construir estratégias para resolvê-los.

Os professores devem procurar formas alternativas de aumentar a motivação, desenvolver autoconfiança, habilidades organizacionais, foco, concentração, raciocínio lógico e consciência cooperativa, desenvolver a socialização e aumentar a interação pessoal (SANTOS, 2013). Szymanski et al., (2017) afirmam que o sucesso escolar depende do apoio direto da família, e os investimentos nas crianças devem ser feitos para compensar as dificuldades pessoais e deficiências escolares, pois no caso do sucesso escolar está sempre em risco. Apoie o apoio dos pais em casa. Isso sem falar nas primeiras habilidades e estratégias desenvolvidas em casa que poderão ser utilizadas no ambiente escolar no futuro, pois são aprendidas informalmente em relações informais com os pais.

Para resolver o problema, é importante que os alunos passem por três etapas para realizar. Nesse sentido, o aluno deve entender a pergunta, escolher um plano para desenvolver e executar esse plano, de modo a poder responder à pergunta e demonstrar compreensão do que está pedindo. Por sua vez, os professores devem questionar as soluções que os alunos recebem para que possam refletir e questionar-se no processo de

resolução de problemas. Por sua vez, os alunos com dificuldades de aprendizagem devem refletir passo a passo sobre a situação-problema, que envolve o problema da dislexia, portanto, para cada informação obtida, é fundamental registrar a continuidade do raciocínio e representação para o problema. (FONTE, 2019)

Quando as crianças brincam, mostram a alegria de aprender. Elas têm a oportunidade de usar sua energia para alcançar seus desejos. A curiosidade que os leva a jogar é, em certo sentido, a mesma curiosidade que leva os cientistas a fazer pesquisas. Desta forma, é desejável procurar conciliar as alegrias da aprendizagem escolar, e podemos destacar de implementar uma nova forma de ensinar matemática nas escolas. (DA SILVA et al., 2013)

Um exemplo de aprendizado lúdico utilizado nas escolas municipais e estaduais, o aplicativo Scratch, que possibilita uma grande diversidade de atividades lúdicas e tecnológicas.

Andrade et al., (2013) menciona:

O Scratch é uma ferramenta concebida no Media Laboratory do Massachusetts Institute of Technology (MIT), sendo a mais recente de uma longa linhagem de ferramentas que se iniciou com a criação da linguagem de programação LOGO por Seymour Papert. Inspirada na linguagem LOGO, mas pretendendo ser mais simples e mais intuitiva uma vez que utiliza a metodologia de “clique e arrastar” através de blocos, a linguagem de programação Scratch utiliza diversos tipos de mídias, possibilitando a criação de histórias interativas, animações, jogos, músicas e o compartilhamento dessas criações na Internet. Mesmo se tratando de uma linguagem de programação o processo de iniciação é rápido e o usuário pode imediatamente.

Uma das maneiras de repensar a educação é introduzir computadores nas escolas, mas essa introdução nem sempre garante um repensar de fato da educação. Se os computadores continuarem a serem utilizados somente como meio de entrega de informações aos alunos, segundo Andrade et al. (2013), as escolas irão preparar um profissional desatualizado, sendo necessário que os computadores possibilitem novos ambientes de aprendizagem que enfatizem a construção do conhecimento ao invés do simples guia.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se que o professor deve estar atento ao avaliar diariamente seus alunos estão aprendendo de fato, e não usar somente a avaliação formativa como instrumento de punição pela não dominância matemática, ou repressão pela não aprendizagem dos conteúdos. As dificuldades de aprendizagem devem ser identificadas o quanto antes e a criança e seu comportamento devem ser cuidadosamente observados. Para auxiliar a fazer essas observações, os professores devem estar sempre atentos aos sinais contínuos apresentados pelas crianças no ambiente de sala de aula.

Durante os estudos identificou-se que uma das mais importantes funções dos professores nesta ciência é mobilizar os alunos a apreciar a matemática e desenvolver a autoestima, e que estudar algumas das causas das dificuldades de aprendizagem em matemática, que por consequência gere melhores resultados no ensino da matéria. Sabemos que a disciplina de matemática, apesar de fazer parte da vida de todos, sempre foi considerada desagradável pela maior parte dos alunos e desafiadora tanto para os discentes quanto para os docentes por ser tão complexa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cíntia Soares. **Dificuldades de aprendizagem em Matemática e a percepção dos professores em relação a fatores associados ao insucesso nesta área**. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/1766/1/Cynthia%20Soares%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 01/10/2022.
- ANDRADE, Mariel; SILVA, Chérliá; OLIVEIRA, Thiago. Desenvolvendo games e aprendendo matemática utilizando o Scratch. **Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital**. São Paulo, p. 260-263, 2013.
- BENKER, Débora Jackeline; VIECELI, Geraldo. **A importância da psicomotricidade no processo de aprendizagem dos alunos da educação básica**. Disponível em: <FILE:///C:/USERS/ELLEN/DOWNLOADS/25230-TEXTO%20DO%20ARTIGO-80810-85760-10-20200817.PDF>. Acessado em: 03/10/2022.
- BERTINI, Luciane de Fatima. Ensino de Matemática nos Anos Iniciais: aprendizagens de uma professora no contexto de tarefas investigativas. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 29, p. 1201-1223, 2015.
- CORSO, Luciana Vellino; DORNELES, Beatriz Vargas. Perfil cognitivo dos alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e matemática. **Psicologia: teoria e prática**, v. 17, n. 2, p. 185-198, 2015.

CURI, Edda. A formação do professor para ensinar Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental: algumas reflexões. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 11, n. 7, p. 1-18, 2020.

DA SILVA SILVA, VANTIELEN; KLÜBER, TIAGO EMANUEL. MODELAGEM MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA INVESTIGAÇÃO IMPERATIVA. **REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO**, V. 6, N. 2, P. 228-249, 2012.

DA SILVA, JONAS LARANJEIRA SARAIVA et al. Matemática lúdica ensino fundamental e médio. 2013.

DANTAS FILHO, Jerônimo Vieira. Baixo rendimento na disciplina de matemática. **EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 4, n. 9, p. 98-113, 2017.

FONTE, Camila Camargo Diniz. **Dificuldades de aprendizagem de alunos do 3º ao 5º ano do ensino fundamental i**. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191520/diniz_ccd_me_rcla.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 01/10/2022.

MASOLA, Wilson de Jesus; ALLEVATO, Norma Suely Gomes. Dificuldades de aprendizagem matemática: algumas reflexões. **Educação Matemática Debate**, vol. 3, n. 7, p. 52-67, 2019.

MENDES, Alessandra Campanini; CARMO, João dos Santos. Atribuições Dadas à Matemática e Ansiedade ante a Matemática: o relato de alguns estudantes do ensino fundamental. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 28, p. 1368-1385, 2014.

NETO, Francisco Frederico; CARDOSO, Andréa Cristina; KAIHAMI, Harumi Nemoto; OSTERNACK, Katia; et al. Dificuldades de Aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio: A percepção dos professores de sete escolas públicas de São Paulo- SP. **Revista de Psicopedagogia**, vol. 32, n.97, p. 26-37, 2015.

SANTOS, Josiel Almeida; VIEIRA, Santos Kleber; SANTOS, França Lúcia S. B. **Dificuldades na Aprendizagem de Matemática**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/MATEMATICA/Monografia_Santos.pdf. Acesso em: 01/10/2022.

SANTOS, Valdinéia Melhado. **Dificuldade de aprendizagem da matemática: discalculia**. Disponível em: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/psicologia/dificuldade-aprendizagem-matematica-discalculia.htm#indice_10.

SZYMANSKI, Maria Lidia Sica; MARTINS, Josiane Bernini Jorente. Pesquisas sobre a formação matemática de professores para os anos iniciais do ensino fundamental. **Educação**, v. 40, n. 1, p. 136-146, 2017.

Capítulo 6

A transição da criança com TEA - transtorno do espectro autista da educação infantil para o ensino fundamental: A importância da afetividade trabalhada pelo professor para o sucesso desse processo

Iara Cristine Rocha Aguiar

Lidia da Silva Oliveira Sumariva

Inalda Maria Martins Olímpio

Ygor Geann dos Santos Leite

Resumo: Essa pesquisa vem trazendo informações relevantes sobre o processo de transição da criança com transtorno do espectro autista, da educação infantil para o ensino fundamental, bem como reforçando que afetividade deve estar presente durante todo o processo transição, para potencializar o aprendizado e minimizar os efeitos negativos que outrora as mudanças podem causar no decorrer da transição, sabendo que essas crianças não sabem lidar com mudanças, é importante oportunizar meios de ensino, que vão de encontro com as dificuldades dessas crianças, através de propostas pedagógicas de mediação, que irão trazer resultados satisfatório enquanto educador, pois atuando de forma responsável, segura e eficiente, poderão proporcionar um ambiente acolhedor respeitando as dificuldades do aluno, sabendo que cada criança é diferente, e aprende diferente, entendendo que esse momento é um marco na vida de uma criança com TEA, compreendendo a missão do professor no processo de transição, pois as ações do professor, implicara diretamente no resultado seja ele positivo ou negativo desse aluno com TEA.

Palavras-chave: Práticas. Autismo. Afetividade. Transição.

Abstract: This research has brought relevant information about the transition process of children with autism spectrum disorder, from early childhood education to elementary school, as well as reinforcing that affectivity must be present throughout the transition process, to enhance learning and minimize negative effects. that changes can cause in the course of the transition, knowing that these children do not know how to deal with changes, it is important to provide teaching means that meet the difficulties of these children, through pedagogical mediation proposals, which will bring satisfactory results. as an educator, because acting responsibly, safely and efficiently, they will be able to provide a welcoming environment respecting the student's difficulties, knowing that each child is different, and learns differently, understanding that this moment is a milestone in the life of a child with ASD, understanding the teacher's mission in the transition process, as the actions of the teacher, will directly imply the result, whether positive or negative, of that student with ASD.

Keywords: Practices. Autism. Affectivity. Transition.

1. INTRODUÇÃO

A escola faz parte da rotina educacional de qualquer criança, seja ela atípica ou não, como a exemplo as crianças com transtorno do espectro autista (TEA). E esse momento de vivência diária escolar é de fato um momento muito especial de grande importância para uma criança com transtorno do espectro autista, além de muito desafiador para elas, já que possuem déficits do atraso global do desenvolvimento.

A criança com transtorno do espectro autista necessita de atenção e de cuidados especiais garantido por lei, pois são o público-alvo da educação especial. E esses cuidados específicos durante o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental é importantíssimo para que o aluno com TEA se sinta acolhido, seguro e protegido.

Durante o processo de transição a afetividade deve estar presente para garantir que esse processo da educação infantil para o ensino fundamental seja tranquilo sem acarretar prejuízos para a criança com TEA, já que os mesmos não sabem lidar com certas mudanças, muito menos com mudanças radicais ou repentinas, e isso pode trazer prejuízo para o processo de aprendizagem dessa criança com TEA.

Nesse sentido faz necessário se fazer pesquisas e estudos, para que se possam aprofundar em conhecimento sobre a criança autista dentro do processo de transição escolar. Pois o processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, é importante para o aluno com TEA, e é sabido que haverá mudanças pedagógicas, métodos de ensino novos, e isso será desafiador para o aluno com TEA. Já que durante sua passagem pela educação infantil as práticas eram lúdicas e cheia de brincadeiras. E agora lhe norteia de práticas focada na alfabetização. A qual não estava acostumado a fazer, e isso de alguma forma pode implicar em mudanças de comportamento seja ela comportamental e emocional, além de produzir recusas para as atividades a qual serão aplicadas.

O processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental é desafiador para a criança com TEA, por conta disso é essencial que o professor demonstre carinho, respeito e cuidado buscando construir uma relação afetiva com esse aluno. Isso é particularmente significativo para quem possui o Transtorno do Espectro Autista (TEA), pois as dificuldades de socialização, de comunicação e de comportamentos restritos e repetitivos que apresentam, podem dificultar essa transição da educação infantil para o ensino fundamental.

Dessa forma, faz-se importante a abordagem desse tema por sua relevância no contexto educacional. Além de poder chamar a atenção dos educadores para a necessidade de se dar uma atenção apropriada durante o processo de transição do aluno com TEA. Foi feito um levantamento com embasamentos teóricos de pesquisadores relevantes sobre o tema, que contribuíram para a construção desse trabalho, e para enriquecê-lo ainda mais, buscamos estudos da Neurociência para embasar as funções do cérebro no processo das emoções que produz afetividade, que uma vez estimulado contribuirá para o aprendizado, a qual para esse processo de transição é de extrema importância para o aluno com TEA.

Para a construção deste artigo, utilizamos pesquisas bibliográficas acadêmicas, além da observação de um aluno com TEA. Tendo como tema referencial o processo de transição de aluno com TEA. Buscando como objetivo final nos aprofundar no assunto abordado, de acordo com o desenvolvimento metodológico aqui abordada.

2. CONCEITOS DE TEA - TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E SUAS CARACTERÍSTICAS

Em 1943, o psicólogo infantil Leo Kanner mencionou pela primeira vez o conceito autismo, como uma doença dentro das análises psicoses infantis, a qual observou as suas características por isolamento social, alterações da linguagem apresentada pela ausência da função comunicativa, além dos comportamentos repetitivos excessivos, com movimentos estereotipados muitas vezes frequentes. (JORDAN, 2008).

2.1 O QUE SE ENTENDE POR AUTISMO?

Conhecido hoje como transtorno do espectro autista (TEA):

Segundo o DSM-5 — Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais “O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos”. (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013)

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, enfatiza que essas características de dificuldade de interação social, dificuldade na comunicação verbal ou não verbal além dos comportamentos repetitivos, são características fortes para se obter o diagnóstico do transtorno do espectro autista.

Segundo JORDAN (2008) antes do conceito Autismo (TEA) transtorno de o espectro autista ser conhecido pela teoria acadêmica, as crianças com as características observadas por Leo Kanner, eram diagnosticadas com diferentes doenças como esquizofrenia infantil, retardo mental, síndrome cerebral orgânica ou qualquer outro distúrbio (JORDAN, 2008).

A partir de 1948, o conceito Autismo (TEA) não era mais um conceito e sim uma forma de se classificar as crianças que possuíam comportamentos repetitivos, e estivessem socialmente afastadas e focadas em rotina diária, (JORDAN, 2008).

Na busca de se entender o autismo e ajudar crianças com esse transtorno surgiram métodos e meios de tratamentos para proporcionar qualidade de vida para a criança com TEA, utilizando assim de terapias comportamentais além de terapias medicamentosas, específicas adequadas e individualizadas para cada criança dentro de suas necessidades específicas. Mesmo através de sucessivas mudanças que ocorreram tanto nos tratamentos quanto nos diagnósticos, ainda assim não se conseguiram identificar as causas reais do autismo, nem mesmo explicar por que os que são acometidos são a maior parte do sexo masculino, sendo também ainda uma condição sem cura.

Alguns estudos hoje recentes apontam para a causa do autismo, seja pela genética ou por contágio de doenças durante a gestação, ou até mesmo questões ambientais como poluição, drogas, infecções entre outros, como aponta O estudo publicado pelo JAMA Psychiatry no último dia 17 de julho (2019) confirmou que 81% dos casos de autismo têm causa genética hereditária. O trabalho científico, com 2 milhões de indivíduos, de cinco países diferentes, sugere ainda que de 18% a 20% dos casos tem causa genética somática (não hereditária). E o restante, aproximadamente de 1% a 3%, devem ter causas ambientais, pela exposição de agentes intrauterinos — como drogas, infecções, trauma durante a gestação. (OBSERVATÓRIO DO AUTISTA,2020)

A busca pelas perguntas sem resposta ainda continua sobre o transtorno do espectro autista, embora muitos estudos publicados tragam conceitos que estão em análise por outros estudiosos do assunto, pois esse assunto é de fato do interesse de muitos pesquisadores pelo mundo afora, contribuindo de forma significativa para o conhecimento acadêmico em todo o mundo.

Hoje, devido à dedicação de muitos estudiosos sobre o assunto, sabemos que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange uma ampla gama de distúrbios

associados ao isolamento social, ao atraso na comunicação, além dos distúrbios comportamentais variados.” (RYAN et al, 2014).

Segundo a *American Psychiatric Association* (2013) caracteriza todos esses distúrbios como um conjunto de espectro compartilhado que a criança com TEA possui a qual trazem grandes prejuízos qualitativos na interação social dela, associado a graus variados de comprometimento na comunicação e comportamentos repetitivos, marcados por interesses restritos, conforme se mostra a seguir:

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, com uma abordagem social anormal e o fracasso de conversas normais; para compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afetos; falha em iniciar ou responder a interações sociais.

2. Déficits em comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, em comunicação verbal e não verbal mal integrada; anormalidades no contato visual e na linguagem corporal ou déficits na compreensão e no uso de gestos; total ausência de expressões faciais e comunicação não verbal.

3. Déficits no desenvolvimento, manutenção e compreensão de relacionamentos, variando, por exemplo, entre dificuldades em ajustar o comportamento para atender a vários contextos sociais; a dificuldades em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos; à falta de interesse pelos pares.

A gravidade é baseada em deficiências de comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento.

B. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestados por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou pela história:

1. Movimentos motores estereotipados ou repetitivos, uso de objetos ou fala (por exemplo, estereótipos motores simples, alinhando brinquedos ou lançando objetos, ecolalia, frases idiossincráticas).

2. Insistência na mesmice, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (por exemplo, angústia extrema com pequenas mudanças, dificuldades com as transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de cumprimento, precisam seguir a mesma rota ou comer a mesma comida todos os dias)

3. Interesses fixos altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (por exemplo, forte apego ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverantes).

4. Hiper ou hipo-reatividade à entrada sensorial ou interesse incomum em aspectos sensoriais do ambiente (por exemplo, indiferença aparente à dor/temperatura, resposta adversa a sons ou texturas específicas, cheiro ou toque excessivo de objetos, fascínio visual por luzes ou movimento).

Nota: Indivíduos com um diagnóstico DSM-IV bem estabelecido de distúrbio autista, distúrbio de Asperger ou distúrbio generalizado do desenvolvimento não especificado de outra forma devem receber o diagnóstico de distúrbio do espectro autista. Indivíduos que apresentam déficits marcantes na comunicação social, mas cujos sintomas não atendem aos critérios do transtorno do espectro do autismo, devem ser avaliados quanto ao distúrbio da comunicação social (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

As características segundo o DSM, 2014. As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (Critério A) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Critério B). Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o funcionamento diário (Critérios C e D). O estágio em que o prejuízo funcional fica evidente irá variar de acordo com características do indivíduo e seu ambiente (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM, 2014, p. 53*).

Segundo Stelzer, em 1967 dando a sua contribuição, constatou que o autismo tenha quatro características específicas:

Falta de interesse social: Esta se manifestava através de pouco contato olho-a-olho, pouca ligação emocional com os pais, expressão facial pobre, atitude distante e “perdida”, com aparente ausência de interesse nas demais pessoas. Não gostavam de ser acariciadas pelos pais e não os procuravam quando incomodadas ou com dor. Não gostavam de brincar ou de fazer amizades. Não mostravam emoções ou empatia; **Incapacidade de elaboração da linguagem responsiva:** Fala e atraso de desenvolvimento da linguagem são geralmente acompanhados por algum grau de redução de resposta aos sons e, nos casos em que a linguagem se desenvolve, geralmente apresenta qualidade anormal, com reversão de pronomes e ecolalia; **Presença de conduta motora bizarra em padrões de brincadeiras:** Fenômenos ritualísticos e compulsivos podem se manifestar de quatro formas: ligação mórbida a objetos pouco comuns, preocupações peculiares, resistência a mudanças e rituais quase obsessivos; **Início precoce,** antes dos trinta meses. (STELZER, 2010, p. 45)

Diante dos prejuízos de déficit apresentados que o autismo provoca em uma pessoa, seja ela criança ou adulto, se faz necessário um olhar mais atento na direção de direcionar para uma atuação mais específica dos professores em sala de aula, para proporcionar aos seus alunos com o transtorno do espectro autista melhores resultados em sua aprendizagem, buscando meios e métodos adequados para suprir todos esses déficits aqui apresentado, que de alguma forma contribua para a evolução tanto no contexto intelectual, físico, emocional, social, motor, verbal entre outros.

2.2 AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA ESSENCIAL PARA O SUCESSO DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO DO ALUNO COM TEA

É de extrema importância a construção de laços afetivos entre professor e aluno em sala de aula, seja com alunos atípicos ou não, pois essa condição de se demonstrar carinho, respeito e cuidado pelos alunos potencializa o aprendizado e colabora positivamente para o sucesso do processo de transição da criança, da educação infantil para o ensino fundamental. Nesse sentido a afetividade se torna ainda mais relevante se tratando de uma criança com transtorno de espectro autista (TEA).

Sabendo da importância que afetividade possui para a construção do funcionamento da inteligência de todas as crianças é fundamental que faça parte do processo de transição do aluno com TEA de uma série para a outra, sendo essencial para que não seja absorvido pelo aluno como uma ruptura, prejudicando o seu processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental e principalmente a continuação do processo de aprendizado.

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo (BASE COMUM CURRICULAR, BRASIL, 2018, p. 53)

O processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental é um marco na vida de uma criança com transtorno do espectro autista, pois requer dela mudança de ambiente, mudanças de atividades pedagógicas que antes eram repletas de brincadeiras divertidas e que agora serão mais complexas para ela, tendo que lidar com atividades e atitudes diferentes da qual não estava habituada a fazer, isso de fato é complexo para uma criança com TEA. Embora a BNCC estabeleça formas e regras de ensino para o primeiro ano do ensino fundamental para se chegar ao objetivo de aprendizagem nessa faixa etária, ainda assim muitas crianças autistas sentem dificuldades em realizar por conta de seu nível de aprendizagem diferenciada.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo, desenvolvimento e nível de comportamento. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas. (SANTOS, 2008, p.30).

A BNCC ainda ressalta que “Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. Ainda dentro de práticas pedagógicas aponta o Parecer CNE/CEB nº 11/201029, “os conteúdos dos diversos componentes curriculares [...], ao descortinar às crianças o conhecimento do mundo por meio de novos olhares, lhes oferecem oportunidades de exercitar a leitura e a escrita de um modo mais significativo” (BRASIL, 2010).

Além das mudanças pedagógicas que ocorrerão nesse processo de transição segundo a BNCC, para que as crianças superem com sucesso os desafios da transição, é indispensável um equilíbrio entre as mudanças introduzidas, a continuidade das aprendizagens e o acolhimento afetivo, de modo que a nova etapa se construa com base no que os educandos sabem e são capazes de fazer, evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico’. (BASE COMUM CURRICULAR, 2018).

É importante ressaltar que as crianças com o transtorno do espectro autista, muitas vezes não sabem lidar com as suas próprias emoções, e a afetividade por estar ligada às emoções, é essencial que seja trabalhada pelo professor em sala de aula,

reforçando essa habilidade que dificulta tanto na demonstração de afeto e carinho por parte da criança com TEA, que sem sombra de dúvida irá ajudar no processo de transição e romper com os obstáculos que tanto prejudicam a sua aprendizagem e seu desenvolvimento integral, sendo muitas vezes ignorado pelos professores.

Quando se articula afetividade na relação professor-aluno acredita-se que uma boa inter-relação pode possibilitar um processo de ensino e aprendizagem ricos, lembrando que a afetividade interfere no desenvolvimento pessoal do indivíduo dependendo também da cultura a qual está inserido (VEZARO; SOUZA, 2011, p. 233).

Já Antônio, 2012, contribui dizendo:

“A afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressões mais complexas e essencialmente humana. Engloba sentimentos (origem psicológicas) e emoções (origem biológicas). A afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e no funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais.” Antônio, (2012, p,56).

O desenvolvimento afetivo se constitui através de profundas raízes na vida diária de cada criança. Sua complexidade vem por meio das experiências sociais e biológicas que cada uma desenvolve durante sua trajetória vital. Para isso, a educação não pode estar voltada somente para o desenvolvimento cognitivo da criança, mas sim que seja capaz de contemplar melhor suas necessidades emocionais (FARIA; MUÑOZ, 2011, p. 13).

Nesse sentido defendido por esses autores, é essencial que a afetividade esteja presente em todos os momentos diários em sala de aula, principalmente no processo de transição a qual o aluno com TEA, se sinta perdido ou até mesmo frustrado.

Que haja compreensão por parte dos educadores durante esse processo, e que muitas vezes exige paciência, profissionalismo e muita experiência, pois esse aluno nem sempre irão superar as expectativas esperadas, não que isso seja ruim, pois durante esse processo de carinho e compreensão, será construído a confiança que é essencial para o desenvolvimento da criança com TEA.

Segundo Rossini (2001), “precisamos dar espaço para a afetividade por meio de limites e do respeito às fases de desenvolvimento físico, psíquico e cognitivo de cada criança, pois, a partir disto, a afetividade aparecerá como um meio que possibilita a associação da criança com a realidade, por meio do incentivo e da compreensão, buscando a criação de um sujeito crítico e reflexivo”.

Para que o processo de transição seja agradável para ambos, tanto o professor quanto para o aluno com TEA, é necessário que o professor saiba o que é fato transtorno do espectro autista (TEA), uma vez apto desse conhecimento, lhe ajudará nas tomadas de decisão específicas para o aluno com transtorno do espectro autista em sala de aula. Embora já possua competência para atuar como educador nunca será demais mais conhecimento.

O professor empoderando-se de mais conhecimento saberá identificar as necessidades de se reforçar as habilidades que a criança com transtorno do espectro autista possui, sendo mediador dessas dificuldades, impedindo que essas dificuldades o limite no processo de aprendizagem.

Conforme Vygotsky (1998), o papel do professor é o de ser um mediador apresentando-se como um importante parceiro no decorrer do processo de ensino e aprendizagem, alguém que motiva o aluno para a construção de seu próprio aprendizado e de seu ser. Ainda colaborando com essa perspectiva, “ser educador, hoje, é buscar conhecer cada vez mais cada um dos seus alunos, procurando as alternativas pedagógicas que melhor possam atender às peculiaridades e necessidades de cada um deles no processo de mediação da construção do conhecimento (HEREDERO, 2010, p. 199).

Nesse sentido de mediar o aluno com TEA, deve se levar em consideração a necessidade de se conhecer o aluno em um contexto integral, procurar saber suas preferências e saber o que ele não gosta, e usar esses atributos para ajudá-lo a prosseguir dentro da expectativa de reforço positivo, usando como incentivo a romper com as suas próprias dificuldades, que muitas vezes está presente por falta de motivação. Como afirma Almeida. “O professor precisa criar condições afetivas para o aluno atingir a plena utilização do funcionamento cognitivo, e vice-versa” (ALMEIDA, 2004, p. 126).

O professor precisa ter consciência que a sua participação como mediador da aprendizagem, ajudante das dificuldades, colaborador nas conquistas para um aluno com o transtorno do espectro autista. Pois assim cooperar de forma integral para a construção do desenvolvimento moral e social do aluno com o transtorno do espectro o Autista. “ser educador é ser promotor de autoestima” (CURY, 2003, p. 145).

2.3 A CRIANÇA AUTISTA TEM SENTIMENTOS, MAS PRECISAM DE ESTÍMULOS.

É muito comum se achar que as crianças com o transtorno do espectro autista não têm sentimentos, pelo simples fato de não saberem expressar suas emoções, ou retribuir com carinho, com abraço ou até mesmo com palavras, demonstrando de forma simples o que de fato estão sentindo.

Sentem dificuldade de fazer leitura (percepção faciais) que demonstrem tristeza, alegria, raiva entre outros. Isso de fato uma criança sem comprometimento, faria sem problema algum. Porém para uma criança com o transtorno do espectro autista, vê essa situação como um grande desafio. Porém isso não quer dizer que elas são sem sentimentos, pelo contrário elas só não fazem isso da maneira que a sociedade espera que façam. Como já foi dito acima que as crianças com o transtorno do espectro autista possuem comprometimentos neurológicos que prejudicam a comunicação, socialização com comportamentos repetitivos e restritos. “O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos”. (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2013)

Nesse sentido, é natural que a neurociência, que é uma ciência que estuda o cérebro e todo o seu funcionamento, esteja em busca de entender como o cérebro da pessoa autista funciona, já que é um assunto fascinante para várias áreas de pesquisas em todo mundo. É sabido que o cérebro é o responsável por todo o funcionamento do corpo, de onde vem os comandos para regular as funções tanto emocionais, corporais, motora e cognitivas.

Nesse sentido a afetividade faz parte desse processo, então fica claro que deve se dar atenção a área afetiva dos alunos com TEA, sabendo que eles possuem comprometimento que os impede de se expressar e de demonstrar o que sentem, como fazem as outras crianças não neurotípicas.

Segundo Ferreira, O domínio funcional que apresenta diferentes manifestações que irão se complexificando ao longo do desenvolvimento e que emergem de uma base eminentemente orgânica até alcançarem relações dinâmicas com a cognição, como pode ser visto nos sentimentos (FERREIRA E ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p. 26).

Ao destacar o fundamento orgânico do afeto, a teoria restitui o orgânico ao processo de desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que sugere que o meio social modificaria gradativamente esse afeto orgânico, moldando-o e tornando suas manifestações cada vez mais sociais.

2.4 PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO

De acordo com Carothers e Taylor (2004), o objetivo da educação de crianças autistas é aumentar sua independência para que elas se sintam mais seguras para completar as tarefas diárias e para que a qualidade de vida delas e de suas famílias melhore em geral.

Em casa e na sala de aula são os dois lugares mais importantes para a aprendizagem acontecer. Embora seja ideal ensinar habilidades para a vida em um ambiente realista, isso nem sempre é possível. Tarefas simples do dia a dia, como cozinhar e comer sozinho, usar o banheiro de forma independente e escovar os dentes, podem fazer uma enorme diferença na qualidade de vida de uma pessoa. É crucial que os pais trabalhem em direção à autonomia de seus filhos. As crianças precisam de incentivo para fazer as coisas de forma independente, como se vestir, fazer suas próprias refeições e limpar a sujeira. As crianças respondem a esses estímulos desenvolvendo suas habilidades de linguagem oral. O desenvolvimento de uma criança com autismo é lento, por isso é importante levar as coisas devagar e elogiar até os pequenos sucessos ao longo do caminho. (SANTANA, et al., 2011)

O envolvimento dos pais é crucial para o desenvolvimento da criança; os pais são, em última análise, responsáveis pela educação e motivação de seus filhos para interagir com os outros na comunidade. É importante que os pais levem seus filhos para passear em espaços públicos, onde possam correr e brincar livremente e conhecer outras crianças de sua idade. Planejar com antecedência e ter a confiança de que você tem tudo sob controle ajudará você e sua família a evitar surpresas desagradáveis.

Segundo Santana et al., (2011) as crianças autistas têm uma propensão a se tornarem rígidas em suas rotinas, isso pode ser usado a seu favor. É possível montar rotinas com horários pré-determinados para determinadas tarefas ao longo do dia, mas isso deve ocorrer de forma orgânica. Ao mesmo tempo em que a rotina é fundamental, o autista também precisa aprender a se adaptar a novas situações. Portanto, é essencial que pais e professores façam pequenos ajustes no cotidiano da criança, inicialmente um de cada vez, como tentar um novo caminho para a escola ou uma atribuição de assento

diferente enquanto estiver na escola. As rotinas não são imutáveis, e as crianças devem aprender isso desde cedo.

Carothers e Taylor (2004) argumentam que existem várias técnicas que são particularmente eficazes para a educação de crianças autistas. Estratégias de aprendizagem aplicadas corretamente têm o potencial de melhorar significativamente a vida dessas crianças.

A modelagem por meio de gravação de vídeo - É a captura de um aluno que dominou uma habilidade específica realizando essa habilidade na câmera para que possa ser mostrada repetidamente a um aluno que ainda não a domina. Por exemplo, esse método pode ser usado para ensinar crianças com autismo a fazer compras em um supermercado.

Atividades programadas baseadas em gráficos - Imagens como fotografias e desenhos são usadas para ilustrar cada etapa de uma tarefa, permitindo que o aluno siga as instruções e termine a tarefa sem assistência. Esse método pode ser usado para instruir no desempenho de tarefas domésticas, de escritório e de lavanderia.

Participação e Orientação de colegas - Os alunos com autismo aprendem habilidades sociais e vocacionais na comunidade por meio de mentoria e orientação de colegas com crianças com desenvolvimento típico. Usando esse método, crianças autistas puderam aprender a pegar livros emprestados na biblioteca, fazer compras em um bazar e andar pelas ruas de forma independente.

Técnicas como essas são usadas nas escolas e, embora seja importante continuar usando-as também em casa, pode ser útil quando membros da família ou vizinhos trabalham juntos para modelar um comportamento, habilidade ou tarefa desejada; por exemplo, um irmão de uma criança com autismo pode ser gravado mostrando como escolher uma roupa para a escola. Outra tática interessante é que os pais ou vizinhos (da mesma idade da criança autista) simulem um cenário da vida real, como ir ao supermercado, em casa.

Segundo Mello (2007), existem técnicas desenvolvidas para o tratamento de crianças autistas em casa e /ou em clínicas de tratamento, que, se aplicadas de forma correta e consciente, podem ser eficazes na reabilitação dessas crianças, principalmente

aquelas que iniciam o tratamento precocemente. Alguns exemplos destes são fornecidos abaixo.

Comunicação facilitada - Desenvolvido na Austrália como meio de facilitar a comunicação. É feito fazendo com que a pessoa autista digite seus pensamentos em um computador ou máquina de escrever com a ajuda de um facilitador que fornece o suporte físico necessário. No início, essa técnica foi recebida com ampla aprovação de pais e profissionais, que a viram como uma maneira de ajudar crianças autistas a finalmente começarem a comunicar seus verdadeiros pensamentos. Alguns autistas levantaram preocupações sobre a seriedade dessa técnica, e isso levou a um período de ceticismo.

A integração auditiva - Foi desenvolvida na década de 1960 pelo otorrinolaringologista francês Guy Berard. Crianças e adultos podem se beneficiar dessa técnica, na qual a música é tocada através de fones de ouvido que tiveram certas frequências de som filtradas. Segundo Berard, esse tratamento ajudaria a criança a se adaptar a ruídos altos. Alguns depoimentos de pais afirmam sucesso com esse tratamento, porém a maioria não relata nenhuma melhora em decorrência dele. Há uma variedade de pontos de vista diferentes sobre este método.

Integração social - É feito com uma combinação de técnicas práticas, como massagem e carícias, além de equipamentos como bolas terapêuticas e dispositivos de equilíbrio. À medida que a criança brinca com brinquedos que envolvem movimento, equilíbrio e sensações, o cérebro da criança é exposto a novas informações que ela pretende integrar.

Sherborne Movements, ou "Relation Play - É um método desenvolvido pela instrutora de educação física Veronica Sherborne com o objetivo de promover a autoconsciência através da instrução do movimento consciente. Embora esse método não funcione, ele torna mais fácil para os pais e entes queridos de crianças autistas se comunicarem com seus filhos.

Embora as técnicas desenvolvidas para o tratamento de crianças autistas sejam fundamentais, existem vários fatores que, se levados em consideração, podem aumentar a eficácia do tratamento e aumentar as chances de o autista alcançar a tão desejada independência em relação às atividades cotidianas.

As técnicas desenvolvidas para o tratamento de crianças autistas são importantes, mas há outros fatores a serem considerados que podem melhorar a eficácia do tratamento e aumentar as chances de o autista alcançar a tão almejada independência no dia a dia.

Mesmo que o tratamento seja realizado com o auxílio de programas individualizados de acordo com o desenvolvimento de cada criança, os seguintes fatores podem ser fundamentais como alvos preferenciais de tratamento em um programa de intervenção precoce para pessoas com síndrome de Asperger. Devemos procurar promover o desenvolvimento da autonomia e independência o mais rapidamente possível; comunicação não verbal; habilidades sociais como imitação, aprender a esperar a vez e jogos em equipe; a flexibilidade para superar padrões de comportamento arraigados; habilidades cognitivas e acadêmicas; e, simultaneamente, reduzindo o risco de problemas comportamentais e emocionais (MELLO 2007, p. 28)

As escolas devem ser criadas para ajudar os alunos com autismo ou outras necessidades educacionais especiais a se tornarem pensadores e realizadores independentes que possam contribuir para a sociedade de maneira significativa. Crianças com autismo podem frequentar uma escola regular, mas a escassez nessas salas de aula significa que elas precisarão procurar outro lugar para obter instrução.

Os professores percebem que o aluno é único e tem uma necessidade, mas não conseguem apontar o dedo; crianças autistas são capazes de ler sem entender o assunto ou o contexto, e podem resolver problemas matemáticos sem entender o significado das palavras. Os profissionais da comunidade educacional que interagem com crianças autistas devem estar bem-preparados para ajudar seus alunos a aprender e se integrar à sociedade dessa maneira.

Mello (2007) sugere que crianças com autismo podem não ser diagnosticadas nas escolas, pois suas dificuldades e diferenças levam a serem rotuladas como insubordinadas, desorganizadas, sem limites, lentas, etc.

Os professores precisam ficar de olho em seus alunos e comunicar qualquer comportamento incomum à direção da escola para que a criança possa ser encaminhada

a um especialista junto com seus pais. Por ser o primeiro lugar onde uma criança sai de casa, as escolas desempenham um papel crucial na pesquisa diagnóstica.

O programa educacional deve ser desenvolvido tendo em mente o ambiente em que a criança está imersa, bem como, como e onde outras crianças realizam tarefas semelhantes. A escola de uma criança deve ser um lugar de interação e socialização, onde ela aprende as regras pelas quais deve viver. Quando uma criança autista começa a receber terapia da fala, ela pode ter dificuldade em comunicar seus pensamentos e sentimentos, mas à medida que continua a receber terapia, ela deve começar a ver melhorias em suas habilidades de linguagem, interações sociais e capacidade de expressar verbalmente, fisicamente e academicamente.

Segundo Nunes (2008, p. 4):

Normalmente, as crianças com autismo têm dificuldade em aprender a usar a linguagem corretamente. No entanto, com um programa de educação rigoroso, essas crianças podem apresentar melhorias marcantes em suas habilidades de linguagem, motoras, sociais e de aprendizagem. Esta é uma tarefa árdua que exige dedicação e paciência tanto de suas famílias quanto de seus professores. É crucial que as pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informações confiáveis sobre abordagens educacionais que possam atender às suas necessidades específicas.

A autora acredita que a escola e o professor desempenham um papel crucial no desenvolvimento das crianças autistas. Estratégias precisam ser desenvolvidas dentro da sala de aula para ajudar essas crianças a aprender e socializar com seus pares. Os esforços da escola devem ser coordenados com os da família, que devem prestar o máximo de cuidado, monitorando o paradeiro da criança, fornecendo reforço positivo e criando oportunidades de interação.

Para que um aluno autista aprenda a se comunicar e cresça socialmente, o professor da sala de aula deve criar novas estratégias de ensino. O conteúdo do programa de uma criança autista deve refletir seu nível de desenvolvimento e potencial, assim como sua idade e áreas de interesse; a educação é a meta mais importante e deve ser mantida para que as crianças autistas se tornem autossuficientes; no entanto, quando uma criança autista não mostra interesse nas atividades sugeridas pelo professor, o programa deve ser modificado de acordo. Quando uma criança completa com sucesso uma tarefa ou usa palavras para se expressar, deve-se elogiar; isso irá encorajar a criança a continuar aprendendo.

Além disso, segundo Nunes (2008, p. 4), “na realidade, os problemas encontrados na definição de autismo refletem -se na dificuldade em construir instrumentos precisos e adequados para um processo de avaliação e comportamento”. Ao avaliar as necessidades educacionais de uma criança autista, é importante ter em mente e respeitar as limitações da criança, como a forma como ela se expressa de uma forma que não atrapalhe a sala de aula. Não basta apenas buscar conhecimento sobre o transtorno; deve -se também ser sensível aos sentimentos e necessidades da criança para melhor atendê-los.

De acordo com Camargos Jr. (2002), os resultados e análises de pesquisas psicológicas, sociológicas, neurológicas, pedagógicas e sociais são integrados às intervenções em sala de aula. Ter tempo e capacidade mental para se adaptar a circunstâncias imprevistas que exigem novas abordagens e habilidades é essencial. O tratamento baseia-se no diagnóstico das anormalidades e na posterior exploração do potencial do indivíduo por meio da educação, do desenvolvimento de atividades significativas e do estabelecimento de um estado de equilíbrio físico e emocional.

As crianças com autismo têm desafios, mas não são intransponíveis com o apoio adequado e a aplicação de técnicas que devem ser adaptadas às necessidades específicas de cada criança. Esses métodos auxiliam no desenvolvimento diário de habilidades cognitivas e habilidades de interação social. Os professores têm um papel importante na motivação dos alunos para a aprendizagem, mas os pais desempenham um papel ainda mais crucial porque passam a maior parte do tempo com os filhos fora da escola.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, a escola e a família têm um papel de suma importância na vida da criança com espectro autista, visto que precisam trabalhar em harmonia nas ações de técnicas e intervenções de aprendizado, especialmente como suporte para esse processo de transição. Além disso este estudo tem como responsabilidade trabalhar métodos para desenvolver a autonomia e confiança dessa criança na transição da educação infantil para o ensino fundamental de forma adequada, tendo em vista a complexidade que a criança com TEA enfrenta, em razão de sua repulsão por novas rotinas, assim dizendo, eles devem ser encorajados diariamente a conviver com o novo em parceria diretamente com a escola e família.

Desta forma o aluno Espectro Autista deve se sentir acolhido e valorizado, pois o processo de aprendizagem requer um período que deve ser considerado prolongado e que demanda dedicação, amor e cuidado. O professor deve sempre levar em consideração o tempo de cada aluno, dado que cada criança TEA reage de uma forma diferente aos estímulos. Pois, o desenvolvimento de uma criança autista é devagar e requer paciência por parte dos pais e professores. É por isso que essa criança precisa de apoio familiar e especializado. Para que uma criança desenvolva um sentimento de pertencimento e autoestima, seus cuidadores devem prestar muita atenção a ela e estar lá ao longo de seus anos de formação.

O papel do professor como mediador do conhecimento é crucial e pertinente para o sucesso do processo educativo. Seus métodos devem ser flexíveis o suficiente para se adaptar às necessidades e preferências reais de seus alunos. Os alunos serão capazes de absorver o material de forma mais eficaz desta forma. Tanto a casa quanto a sala de aula têm um papel significativo na formação da identidade de uma criança. Dessa forma desempenhando um papel importante no desenvolvimento do interesse do aluno, ajudando o aluno a ver o valor de se envolver em atividades desafiadoras.

Logo, ensinar alguém com Transtorno do Espectro Autista exige que ele se sinta motivado e interessado no material que está sendo ensinado. Explorar um vínculo de afeto entre alunos e professores pode tornar o aprendizado mais prazeroso e estimulante para todos os envolvidos.

Nesse sentido, a melhor maneira de deixar as crianças empolgadas com o aprendizado é mostrar a elas e elogiá-las pelo que aprenderam, e isso vale tanto para os pais quanto para os professores. A educação é uma das ferramentas mais poderosas para ajudar uma criança autista a prosperar. Essas crianças poderão aprender não apenas assuntos acadêmicos, mas também habilidades para a vida diária, graças às oportunidades oferecidas pela educação. Embora seja verdade que ensinar uma criança autista não seja fácil, também está claro que com tempo, esforço e amor, essas crianças podem aprender a viver de forma mais independente e com maior qualidade.

Portanto no presente ainda existem muitos desafios a serem vencidos, e observa-se a necessidade de um trabalho em sua totalidade, através da escola, educador e família a fim de minimizar as consequências do processo de transição para que ocorra de forma acolhedora.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. Emoção na sala de aula. Campinas, SP: Papyrus, 2014.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). DSM 5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. (2014). Diagnostic and statistical manual of mental disorders, 5th ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association; 2013.
- CARDOSO, Lorena. A afetividade na relação professor e aluno com TEA na educação infantil. | Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil ;2019.
- CAROTHERS, Douglas E. ; TAYLOR, Ronald L. Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo. 2004. Disponível em: http://www.ama.org.br/html/apre_arti.php?cod=64.
- CUNHA, E. Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.
- CUNHA, E. Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.
- CURY, Augusto J. Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DANTAS, Heloysa. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Yves de La Taille, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.
- DOS SANTOS, Cristiane Fontes; DOS SANTOS, Herica Carmen; DE SANTANA, Maria Jussara. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS AUTISTAS.
- HEREDERO, Eladio Sebastian. A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares. Universidade de Alcalá, Alcalá de Henares, Madrid, Espanha. Maringá, v.32, n. 2, p. 193-208, 2010.
- NOGUEIRA, Tânia. Um novo olhar sobre o mundo oculto do autismo. Revista Época. São Paulo: Editora Globo, nº 473, p. 76-85. junho, 2007.
- NUNES, Daniella Carla Santos. O pedagogo na educação da criança autista. Publicado em 07 de fevereiro de 2008. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/4113/1/O-Pedagogo-Na-Educacao-Da-Crianca-Autista/página>.
- NUNES, Vera. O papel das emoções na Educação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- RODRIGUES, A. M.; PAZ, C. T. N. A relevância da afetividade para a inclusão de alunos autistas na educação infantil, Revista Iniciação & Formação Docente; 2020.

Capítulo 7

A EJA no sistema penitenciário: inclusão e ressocialização

Madson Fabian dos Santos Paz

Patrícia da Silva e Silva

Inalda Maria Martins Olímpio

Ygor Geann dos Santos Leite

Resumo: O presente artigo visa analisar a Educação de Jovens e Adultos, especificamente no sistema penitenciário da capital do estado do Amazonas Manaus, como um dos instrumentos de inclusão e ressocialização dos detentos durante o processo de cumprimento de Pena. Evidenciando as dificuldades e desafios, encontradas no processo de ensino, a serem enfrentados pela equipe de educação, aliada ao desenvolvimento de métodos incentivadores para que todos participem e concluam os estudos, assim, promovendo o progresso dos educandos reclusos a reintegração harmônica à vida em sociedade. O estudo, fruto de revisão bibliográfica qualitativa: da Educação de Jovens e Adultos, ações e formações nas prisões, formação de educadores e reflexões acerca do EJA no processo de ressocialização.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Ensino Aprendizagem, Reintegração e Ressocialização.

Abstract: This article aims to analyze Youth and Adult Education, specifically in the prison system of the capital of the state of Amazonas Manaus, as one of the instruments of inclusion and resocialization of inmates during the process of serving time. Evidencing the difficulties and challenges, encountered in the teaching process, to be faced by the education team, combined with the development of encouraging methods so that everyone participates and completes their studies, thus promoting the progress of inmate students to harmonious reintegration into life in society. The study, the result of a qualitative bibliographic review: from Youth and Adult Education, actions and training in prisons, training of educators and reflections about EJA in the process of resocialization.

Keywords: Youth and Adult Education, Teaching Learning, Resocialization and Resocialization.

1. INTRODUÇÃO

Ao se falar no sistema educacional Brasileiro, não se pode deixar de mencionar a educação de jovens e adultos - EJA, a modalidade que tem a finalidade original de amenizar o analfabetismo no país. Assim, a EJA é uma modalidade da educação básica que surgiu como forma de reinserir, no sistema educacional, sujeitos que tiveram falha forçada por repetência, evasão, falta de oportunidade e outras condições adversas. O perfil predominante desta modalidade é formada, na sua maioria, por trabalhadores pobres, negros, subempregados, excluídos e oprimidos.

A lei de diretrizes e bases da educação nacional - Lei 9394/96, em seu artigo 37 revela a preocupação com aquelas pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar na idade apropriada, garantindo-lhes o ensejo de continuidade dos estudos. Pois atualmente o currículo escolar é uma peça importante para a participação de jovens e adultos nesse universo valorizado da ciência, da tecnologia e da cultura, além da superação de extensas dificuldades oriundas dos fatores de ordem cultural, política e econômica.

Nos centros penitenciários, a educação prisional é um direito do detento, amparado por lei, na qual é primordial a atuação de profissionais capacitados, formados e especializados, além do interesse do próprio indivíduo recluso em participar das aulas. A EJA em prisões possui plano Estadual específico, proposta Pedagógica Curricular própria, dentre outras legislações. É coordenada pelo Departamento de Educação de Jovens e Adultos - DEJA em parceria com a Coordenação de Educação/PDI - cidadania/DEPEN, da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos.

A educação dentro dos presídios é uma alternativa promissora na vida dos detentos, não sendo a única solução, mas uma das principais, porque além de fazer o diferencial nos conhecimentos de ensino e aprendizagem, possibilita aos mesmos a terem caminhos de reconstrução e valores, tornando-se cidadãos críticos e reflexivos, possibilitando a eles um caminho de oportunidades. Portanto, este artigo tem como objetivo analisar a educação de jovens e adultos no sistema prisional como um dos instrumentos no processo de ressocialização do presidiário na busca da cidadania perdida.

2. O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO NO SISTEMA PENITENCIÁRIO NO MUNICÍPIO DO AMAZONAS

A crescente população carcerária brasileira é preocupante, conforme mostra os dados estatístico do Departamento Penitenciário (DEPEN), até junho de 2016 o número de detentos correspondia cerca de 700 mil indivíduos, equivalente 0,32% da população nacional. No Amazonas, essa população é de 11,390 pessoas, que representa 0,28% da população do estado. Esses dados estatísticos exorbitantes mostram a gravidade e a extrema urgência de medidas a serem tomadas a respeito das políticas públicas, para cessar esta gradativa demanda prisional (Menezes, et al 2020). O perfil atual da população presidiária do Brasil é formado por jovens entre 18 e 29 anos, cerca de 55% dos encarcerados (Brasil, 2016).

Com a finalidade da construção de suportes sociais e culturais, a educação escolar está sendo implantada em presídios. A Educação de Jovens e Adultos no Sistema Penitenciário no município do Amazonas é algo promissor, como um dos instrumentos do processo de ressocialização e mudança de vida dos encarcerados. A educação ofertada nos estabelecimentos prisionais são direitos amparados pela Lei de Execução Penal (LEP), pois, a pessoa privada de liberdade tem a possibilidade da remição da pena por meio dos estudos e seguir novos caminhos, progredindo na vida pessoal, profissional e social. Entre os principais conceitos está o de Pedagogia Social, do qual fala Araújo (2013) da importância da escola no interior das unidades prisionais como construtoras e potencializadoras no processo educativo além da educação escolar.

No entanto, a educação prisional no Amazonas se confronta com obstáculos impostos pela sociedade, pois pensam que o indivíduo privado da liberdade não possui o direito à educação e são tratados como pessoas sem valor. Porém, apesar de inúmeras dificuldades encontradas, 552 apenados, provisórios ou sentenciados, participaram do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) e 479 do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) em 2018, com a intenção da obtenção do certificado escolar que ficou pendente, outros, na busca de mudar sua perspectiva de vida, após a soltura prisional (Menezes, et al 2020). O Estado do Amazonas tem promovido e incentivado às pessoas privadas de liberdade de participarem em realizar o exame do ENCCEJA, a fim de alcançarem a certificação do Ensino Fundamental ou Médio.

Enfim, no âmbito do sistema prisional, a educação tem dois objetivos, podemos assim dizer: a primeira é da remição da pena, enquanto o apenado estiver privado de

liberdade, e a segunda é da transformação moral do sujeito. Portanto, a educação escolar presidiária é um fator importante para o processo de ressocializar a pessoa privada de liberdade, ou seja, a cadeia é um ambiente social de exclusão, na qual a educação como caminho de inclusão só acontece se existir uma política educacional no sistema penitenciário efetiva por parte do estado, e se houver real interesse do preso em se ressocializar.

A EJA no cárcere é uma modalidade que apresenta características adequadas às reais necessidades dos sujeitos, todavia a educação por si só não é capaz de mudar ninguém, porém é preciso que haja uma prática pedagógica transformadora, uma educação diferenciada e problematizadora, para que assim se possa atingir o ápice que é a reeducação e a reinserção do condenado, fato este que deve ser revisto e delineado para o alcance maior almejado.

3. OS DESAFIOS DOS DETENTOS NO SISTEMA PRISIONAL

A falta da conclusão do ensino escolar na idade certa passa a fazer parte do perfil de um grupo de pessoas jovens e adultas vítimas da exclusão do capitalismo, de processos sociais, políticos e econômicos. São indivíduos à margem da sociedade, denominados popularmente de analfabertos ou semianalfabetos, os quais não estão capacitados para o mercado de trabalho. Por esse motivo, alguns se submetem a trabalhos exaustivos e pouco remunerados. Outros optam a cometerem atos infracionais, motivados principalmente pela precariedade financeira em que se encontram, aliada a falta de orientação psicossocial e familiar, e a forte necessidade de ser “alguém” na sociedade da qual se sente excluído, e por consequência vão parar nos presídios.

No Brasil, a pena instituída para os infratores, é a privativa de liberdade, a qual de acordo com a doutrina majoritária é aplicada com vista a dois objetivos: retribuir o mal causado pelo delinqüente e, ao mesmo tempo, fomentar sua ressocialização, como uma maneira de obstar sua reiteração delitativa. Porém, a prisão estava sendo apenas utilizada como um meio de retribuir ao detento o mal praticado, por meio da privação de sua liberdade, mediante ao cenário de precariedade, em que os estabelecimentos prisionais se encontravam, e aos quais eram submetidos, de tal forma que os detidos saiam desses locais ainda mais contaminados pela criminalidade.

O prisioneiro, ao sair do cárcere, encontrava-se sem qualquer perspectiva de melhora de vida, além do sentimento de revolta frente ao estado de exceção a que foi submetido no interior das unidades prisionais pela superlotação. Frente a esta realidade, foram instauradas medidas, as quais proporcionaram a remodelação do sujeito infrator, como a implantação de projetos educacionais e de capacitação profissionais, paralelo com a prestação de serviços pelos próprios detentos. Tendo em vista a ressocialização dos reclusos, conseqüentemente, à reestruturação dos estabelecimentos prisionais, onde se compatibiliza os interesses do infrator, da vítima e da sociedade.

Ciente que o detento é o sujeito principal da tomada de decisão para o retorno ao convívio social, sabe-se que não é uma tarefa fácil a EJA dentro dos presídios, desta forma o educador precisa está em constantes inovações de métodos de trabalho a ser aplicado, um dos pontos principais do educador com os educandos apenados é a valorização e o respeito, rompendo com os preconceitos e as desigualdades sociais, preparando e qualificando os encarcerados para um bom convívio dentro e fora do presídio. (Cabral, et al 2020)

O ensino presidiário, para ser desenvolvido com eficácia, não depende somente do profissional, faz-se necessário de uma estrutura que contribua junto com o sistema educacional, na qual a mesma oferte segurança tanto para o educando quanto para o professor e agentes penitenciários. Portanto, entende-se que, o método de ensino trabalha em conjunto, buscando um trabalho na recuperação de muitos detentos com baixos padrões de escolaridade, por tanto este baixo nível de estudo pode contribuir de alguma forma nos delitos cometidos pelos presos, por isso os programas e projetos de educação nos presídios são considerados de grande valor em desenvolver nos encarcerados seu senso de autovalorização.

Foucault (1987) ressalta que “a educação do detento é por parte (dever) do poder público, ao mesmo tempo uma precaução indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação para o detento”. Deste modo percebe-se que o ensino de educação neste ambiente é visto de forma transformadora, com propósito de conscientizar os detentos, compreender seus deveres, valores, inclusão social, bem como a reintegração na sociedade. Por tanto, é através da educação, que as perspectivas vão surgindo, para esses indivíduos, como um leque de oportunidades para uma nova vida, no que diz respeito ao convívio em sociedade.

4. POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCACIONAIS DIRECIONADAS A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos como sendo política pública educacional é verificada no Plano Nacional de Educação – PNE de 2014, uma política de estados de educação para a próxima década. As metas, estratégias e diretrizes do PNE devem ser alcançadas por estados e municípios até o ano de 2024. Tais políticas para este grupo são recentes, apesar de 50 anos de história de lutas. Instituídas com base em campanhas de alfabetização e projetos assinalados, onde a mesma faz-se necessário o repensar na importância da elaboração de políticas públicas educativas que atendam a aos jovens, adultos e idosos como sujeitos concretos, como seres de direito à vida, ao afeto, à educação.

Os índices de desenvolvimento e alcance do ensino público de qualidade é previsto na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e no PNE (Plano Nacional de Educação). Nesse sentido, a modalidade da educação básica destinada a jovens e adultos (EJA) avança a passos lentos, à medida que os financiamentos públicos são baixos e o corpo docente, em sua maioria, não é especializado para atender a esse público. Na área da educação, a EJA é um campo desvalorizado, marginalizado pelo Estado e pela sociedade. Entre os problemas enfrentados pela EJA estão a evasão e a redução de oferta na última década.

De acordo com o Artigo 37 da Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018, a EJA é destinada aos jovens e adultos que “não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. Assim, a idade inicial para matrícula nos cursos da EJA é de 15 anos ou mais para os brasileiros que não concluíram o ensino fundamental, e a partir de 18 anos para o ensino médio. As pesquisas relacionadas ao EJA revelam a desigualdade social e a necessidade dessa modalidade de ensino.

O Censo Escolar da Educação Básica 2019 registrou uma queda de 7,7% do número de adultos na EJA. A redução de matrículas no ensino médio e no ensino fundamental foi de 7,1% e 8,1%, respectivamente. O PNAD Educação de 2019 constatou que mais da metade dos indivíduos de 25 anos ou mais não concluíram o ensino médio. Segundo o IBGE, 11,8% da população entre 15 e 17 anos não concluiu o ensino médio em 2018, e esse número é oito vezes maior em jovens de famílias mais pobres. Entre os

motivos para a evasão escolar está a pobreza, o déficit de aprendizagem, a gravidez e a maternidade.

A escola tem um papel fundamental no aprendizado da vida do indivíduo, além de possibilitar, através da convivência uns com os outros uma troca de conhecimento, um amadurecimento intelectual e amistoso, contribuindo assim para o convívio social. No entanto, a realidade da sociedade brasileira, trilha historicamente, um caminho formado pelas desigualdades sociais, relacionado principalmente à pobreza, refletindo tragicamente no alto índice da evasão escolar de jovens entre 15 e 17 anos, onde 2,8 milhões abandonam a escola todos os anos. Dentre os principais fatores que contribuem para o afastamento do aluno do ambiente escolar, está a necessidade precoce de terem que trabalhar, muitas vezes de forma intensa e inadequada para ajudarem no sustento de suas famílias.

Apesar de existir programas governamentais, no qual buscam prover ou complementar, de alguma forma as necessidades de famílias de baixa ou nenhuma renda, o aluno ainda perece, por não dispor de recursos suficientes para viver dignamente ou por não ter estruturas para suprir suas necessidades básicas. Inúmeros são as especificidades e diversidades que contribuem na trajetória de vida de muitos educandos que abandonam a escola. A realidade de cada indivíduo pode ser traçada a partir da análise de diferentes pontos em que são inseridos, como a de aspectos cognoscitivos, às condições de classe social, de gênero, de raça /etnia, de origem urbana ou do campo, aos contextos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos (Santos e Silva, 2020).

A Educação de Jovens e Adultos está estabelecida na LDB 9.394/96, na qual a mesma é destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudo na idade certa. Tornando-se uma política de Estado com investimentos e incentivos para a elevação do índice de ensino populacional brasileiro. Além de ser uma política educacional é principalmente uma política social, contribuindo para a melhoria da empregabilidade do aluno e conseqüentemente sua qualidade de vida e ser respeitado na sociedade como um cidadão digno.

4.1 EDUCAÇÃO EM PRISÕES – LEI 7.210/1984

Lei de Execuções Penais – Lei 7.210/1984

Art. 10. A assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência em sociedade.

Parágrafo único. A assistência estende-se ao egresso.

Art. 11. A assistência será: I - material;

II - à saúde;

III - jurídica;

IV - educacional;

V - social;

Art. 17 à 21. Tratam da assistência educacional no sistema prisional, inclui a instrução escolar e a formação profissional.

Art. 83. O estabelecimento penal, conforme a sua natureza deverá contar em suas dependências com áreas e serviços destinados a dar assistência, educação, trabalho, recreação e prática esportiva.

§ 4º Serão instaladas salas de aulas destinadas a cursos do ensino básico e profissionalizante.(Incluído pela Lei nº 12.245, de 2010)

Art. 126. O condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena. (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011)

A falta de acesso e oportunidade, da conclusão do ensino educacional na idade certa aliada a linha de pobreza, acarreta futuros cidadãos analfabetos e conseqüentemente despreparados e não capacitados para o mercado de trabalho. Desprovendo-os da vida em sociedade e de realizações pessoais. Alienando-os cada vez mais da marginalização, dependência e manipulação, constituindo um perfil de presos encarcerados da atualidade em nosso país.

4.2 A REALIDADE DA EJA NO SISTEMA PRISIONAL

Marques e Pachane (2010) salientam a necessidade de melhor formação dos docentes da EJA para grupos de alunos específicos; em apoio a essa ideia Andriola (2013) contribuirá com a relevância da qualidade de ensino ofertado e das formações especializadas dos educadores que atuam nestes ambientes carcerários.

A prática da educação do EJA em ambientes prisionais não é fácil, pois há diversas problemáticas envolvidas, seja de âmbito político, estrutural, ou por redução penal dos presidiários. A superlotação é um dos problemas a serem enfrentados, pelos apenados, sem dispor de uma estrutura adequada e salubre, para o educando e educador. Muitas das vezes a EJA torna-se uma educação invisível do ponto de vista formal e administrativo. Nota-se também, que após o cumprimento da pena, o ex-detento, fora do presídio, se confronta com uma realidade não amigável imposta pela sociedade, reflexo de seu delito. Onde o mesmo passa a sofrer discriminação e pré-conceito pela sociedade.

A EJA em instituição carcerária vem construindo seu espaço na sociedade, como um novo método de ensino, vem conquistando uma nova identidade, marcada pela capacitação profissional de ensino, visando capacitar inúmeros detentos que não tiveram acesso ou não concluíram por algum motivo os estudos, preparando-os para o mercado de trabalho. Este estudo visa contribuir na reflexão além da educação escolar alcançada. E o desenvolvimento desses apenados, com ensino de curta duração, motivando-os a terem uma visão de um mundo melhor e de obterem conhecimentos que os ajudarão no crescimento profissional e do ensino. Pois são requisitos indispensáveis no currículo cultural atual da sociedade.

Os conceitos fundamentais trabalhados pelo EJA dentro do sistema penitenciário, desenvolvem nos reclusos a capacidade de se ressocializar, após o cumprimento da pena, gerando a capacitação profissional e a oportunidade de se reeducar com ensinamentos necessários para reintegrar à sociedade. A conscientização é um teste de realidade, quanto mais clarifica, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo (Freire, 1980). A conscientização de cada indivíduo, leva o mesmo, a se aproximar cada vez mais da realidade, tendo discernimento de cada acontecimento ao seu redor, tornando-o um ser apto para resolver situações que antes achava impossível, além de se tornar um ser crítico construtivo.

Desta forma o ensino e aprendizado, tem suma importância no sistema penitenciário, trabalha a educação com a preocupação de desenvolver a capacidade crítica e criadora do apenado, tornando-os capazes de ações conscientizadora para instrumentalizar e para que firme um compromisso de mudança de percurso da sua história no mundo, dentre outras alternativas, a educação dentro dos presídios é de alta relevância, pois a mesma contribui para transformação dos detentos, privados de liberdade, ofertando a eles caminhos de oportunidades, de reconstrução de valores, ideais, além de colaborar para a redução do analfabetismo do sistema carcerário.

5. METODOLOGIA

Esse trabalho, enquanto a sua metodologia terá uma abordagem descritiva qualitativa acerca da inclusão e ressocialização de apenados. À natureza deste trabalho busca contribuir para o enriquecimento de reflexões da EJA como ferramenta de inclusão e ressocialização de detentos após o cumprimento da pena. Aos objetivos é uma pesquisa descritiva consolidada em artigos científicos, revistas e jornais eletrônicos e monografias, onde os mesmos contemplam a educação em presídios.

Os procedimentos realizados, foram a partir da revisão bibliográfica acerca da Educação de Jovens e Adultos no Sistema Penitenciário, como uma das ferramentas de inclusão e ressocialização. Esta pesquisa foi organizada a partir da matriz curricular do curso de pedagogia, dentro da disciplina de TCC. Em meio a todas as atividades desta disciplina, foi proposto a construção de um artigo científico, sob as orientações da professora Inalda Olímpio.

Duplas e trios foram formados pelos discentes da turma. Os mesmos reuniam-se remotamente, e presencialmente, quando possível, uma, duas ou até três vezes por semana para a elaboração do artigo. A primeira missão da dupla foi reunir-se para definir o tema e os objetivos. O título foi definido partindo da realidade vivenciada em sala de aula por uma das integrantes da dupla. Na segunda missão: a dupla inicia os tópicos, realizando pesquisas na Scielo, uma plataforma da Scientific Electronic Library Online, é uma biblioteca eletrônica que possui um vasto acervo de artigos, monografias e periódicos científicos brasileiros, e no Google Acadêmico. Quatorze downloads foram feitos de Artigos científicos, monografia e relatórios, e os mesmos foram organizados em pastas intituladas conforme os subtemas pesquisados: EJA Encarcerados, EJA na formação histórica, EJA no Plano Nacional de Educação e Formação dos Docentes do EJA.

Baixadas, estudadas e fichadas bibliograficamente para a elaboração do artigo conforme o título.

Na terceira missão: a problemática foi indagada a partir do estudo levantado do marco teórico, do fichamento e da reflexão prévia do mesmo. Em seguida na quarta missão: a justificativa foi formulada a partir das indagações das problemáticas. Na definição da metodologia, foi desenvolvido conforme a estrutura metodológica aplicada, foram feitas as seguintes perguntas: onde? quando? e como ocorreu a experiência e o método?

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por toda extensão do artigo, a partir dos dados levantados constata-se que a educação dentro dos presídios é uma alternativa de grande importância na vida dos detentos, não sendo a única solução, mas uma das principais, porque além de trazer o diferencial dos conhecimentos de ensino e aprendizagem, possibilita os mesmos a terem caminhos de construção e valores, tornando-se cidadãos críticos e reflexivos, possibilitando a eles um caminho de oportunidades e de reconstrução de valores.

A experiência obtida pelo estudo realizado mostra claramente a finalidade da escola no interior das unidades prisionais, na qual as mesmas constroem suportes sociais e culturais importantes, pois as escolas são uma prática social, no qual são geradoras de interações entre os indivíduos, promove situações de vida com melhor qualidade, enraíza, recompõe identidades, valoriza culturas marginalizadas, promove redes afetivas e permite reconquistar cidadania.

Mediante as pesquisas realizadas, a Educação de Jovens e Adultos dentro dos presídios está regulamentada e baseada em normas e leis, seguindo as regras dos direitos humanos, no qual busca contribuir na formação e preparação do detento, levando o mesmo a se reencontrar e se preparar por meio dos estudos para um retorno à sociedade. Sendo assim esta uma precaução indispensável no interesse da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLA, Wagner Bandeira. **Ações de Formação em EJA nas Prisões:** o que pensam os professores do sistema prisional do Ceará? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 179-204, jan. /mar. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 1 jun. 2022.

ARAÚJO, Cristiane Brigida de Melo. **A educação na prisão:** Reflexões a cerca da EJA no processo de ressocialização. Orientador: Francisco Ramos de Brito. 2013. 22f. TCC (Graduação) – Curso de Ciências Biológicas, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, 2013. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6818/1/PDF%20%20Cristiane%20Brigida%20de%20Melo%20Ara%C3%BAjo.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2022.

CABRAL, Paula; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. **EJA e Trabalho Docente em Espaços de Privação de Liberdade.** *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 45, n. 2, e96663, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/HwVQbM8r9QJLjt9mzYB86Fp/?lang=pt>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

BRASIL. **Lei de Execução Penal.** Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Acesso em: 18 set. 2022

BRASIL. Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre educação e aprendizagem ao longo da vida. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13632.htm>. Acesso em: 18 set. 2022

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. **Ministério da Educação e Cultura.** Acesso em: 29 mai. 2022

BRASIL. Ministério da Justiça. **Há 726.712 pessoas presas no Brasil.** Infopen Junho/2016. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/ha-726-712-pessoas-presas-no-brasil>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Relatório de visitas prisionais.** Amazonas/2019. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público, 2019. Disponível em: Disponível em: <https://cnmp.mp.br/portal/images/noticias/2019/setembro/Relat%C3%B3rio_de_Visitas_Prisionais_-_Amazonas_-_Final_-_Ok.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022

CIAVATTA, Maria; RUMMERT, Sonia Maria. As **implicações políticas e pedagógicas do currículo na Educação de Jovens e Adultos integrada à Formação Profissional.** *Educação & Sociedade*, v. 31, p. 461-480, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/zvHV8zMqy3nXtL9N6jgJLKH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

Departamento Penitenciário Nacional. **Segundo novos dados do Levantamento de Informações Penitenciárias do Depen, o número de presos em atividades educacionais dobrou em 2021**. Infopen maio/2022. Disponível em: www.sejus.es.gov/download/diagnostico-depen.pdf. Acesso em: 28 mai. 2022.

DEPEN. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Junho de 2016**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/article/download>>. Acesso em: 20 mai. 2022.

MARQUES, Denise Travassos; PACHANE, Graziela Giusti. **Formação de Educadores: uma perspectiva de educação de idosos em programas de EJA**. Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 36(2), p. 475-490, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28243/30077>>. Acesso em: 30 mai. 2022.

MENEZES, Reinaldo Oliveira; SILVA, Márcia Gama da; MENEZES, Dayane de Oliveira Rocha. **Educação e sistema prisional: A ressocialização do preso por meio da educação na cidade de Manaus**. Humanidades & Inovação v. 8, n. 59, p. 170-180, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2237>>. Acesso em: 12 set. 2022.

SANTOS, Pollyana dos; SILVA, Gabriela da. **Os sujeitos da EJA nas pesquisas em Educação de Jovens e Adultos**. Educação & Realidade, v. 45, n. 2, e96660, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623696660>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

www.poisson.com.br
contato@poisson.com.br

@editorapoisson



<https://www.facebook.com/editorapoisson>

